

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

GEORGINA TEREZINHA BRITO DE VASCONCELOS

EDUCAÇÃO BÁSICA RIBEIRINHA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA REGIÃO
AMAZÔNICA

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO

2017

GEORGINA TEREZINHA BRITO DE VASCONCELOS

EDUCAÇÃO BÁSICA RIBEIRINHA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA REGIÃO
AMAZÔNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em **Educação: Psicologia da Educação**, sob a orientação da Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Maquino Antunes.

SÃO PAULO

2017

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Dedico à minha família, à minha mãe e aos meus irmãos pelo apoio e incentivo, aos meus filhos e netos, que sempre foram o sustentáculo para minha caminhada e souberam compreender minhas ausências. Aos professores, alunos e comunitários da Escola Nossa Senhora da Conceição, que oportunizaram momentos de experiências e conhecimentos compartilhados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me dá a força necessária para chegar até o fim da caminhada, doador da vida, meu refúgio e fortaleza.

Um trabalho de tese não se constrói sozinho, apesar da escrita ser individual. Ele se constrói principalmente nas relações interpessoais, sociais e culturais. São momentos de renúncias, de orientações, de diálogos, de desesperos, enfim, são momentos que servem de aprendizado e de conhecimento de si e dos outros, através de observações, conversas e de entrega total. As pessoas aqui citadas, foram responsáveis de uma forma ou de outra pela a construção final desta obra.

À minha mãe, pela preocupação e o cuidado durante essa trajetória.

À minha irmã Georgiana, que sempre esteve presente nas horas de necessidade

À minha filha Luciana e meu filho Bruno, que sempre torceram por mim e me apoiaram.

Ao meu neto Júlio César, por compreender os momentos de minha ausência. Às minhas netas Bruna e Ingrid, pela espera constante.

À Tânia Mara Butel, pelo apoio e responsabilidade de resolver meus problemas pessoais em minha ausência.

À Kathlen e a Cileuza, pelo cuidado que dispensaram à mim e a minha casa.

À Cintia Loren, pela valiosa colaboração, disponibilidade, atenção e amizade. Por me apresentar a comunidade e a escola, possibilitando assim, a realização deste estudo.

Aos professores, alunos e comunitários da Comunidade de Nossa Senhora da Conceição, que aceitaram participar desta pesquisa.

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, pela oportunidade de realizar o Doutorado em Educação: Psicologia da Educação e pelo aprendizado.

De modo especial, à minha orientadora, Profa. Dra. Mitisuko Aparecida Makino Antunes, por acreditar em mim, pela valiosa orientação, para aprimoramento deste trabalho, apoio, estímulo, esforço e cansaço sem os quais, com certeza, não teria sido possível chegar ao final deste trabalho.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação – PED. Profa. Dra. Laurizete Passos, Profa. Dra. Marli André, Profa. Dra. Ana Mercês Bock,

Profa. Dra. Wanda Aguiar, Profa. Dra. Laurinda Ramalho, pelas valiosas contribuições e ensinamentos.

Ao prof. Dr. Tiago Lopes Oliveira, pela avaliação e contribuições valiosas para o aprimoramento deste trabalho.

A todos os meus amigos e companheiros do curso de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, especialmente Maria Emiliania, que sempre me auxiliou nas atividades acadêmicas.

Ao Edson, secretário do Programa de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, pela disponibilidade e presteza.

À Adriane Fin, pelo acolhimento em sua casa, logo que cheguei à São Paulo, marcando o início dessa trajetória. Pela colaboração e parceria na hora do desespero para finalização deste estudo.

De maneira especial às amigas, Socorro Beserra e Maria das Graças, pelo compartilhamento da casa, de conhecimentos e experiências, pelos momentos de lutas, alegrias e de tristezas que compartilhamos juntas, pelas gargalhadas e pelas divergências. Foi muito bom ter vocês como companheiras durante esses quatro anos de convivência.

À Ana Amélia, minha vizinha, que durante esses anos de convivência, foi como uma mãe e uma irmã para mim, sempre preocupada com minha alimentação.

À amiga Corina Vasconcelos, por me auxiliar, apoiar e dar suporte, sempre que precisei viajar à São Paulo.

Aos amigos que conquistei aqui em São Paulo, Armando, Karen, Mariana, Kaciana, Socorro Savedra, Marise, Frances, Newton César.

Ao Diretor do Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA, David Xavier, pelo apoio e pela compreensão que teve, quando se fez necessária minha ausência.

À professora mestra Francisca Keila, coordenadora do curso de Pedagogia, do CESP/UEA, pelo apoio incondicional e incentivo, para a concretização deste estudo.

A todos os professores que fazem parte do colegiado do curso de Pedagogia, do CESP/UEA, pelo apoio e colaboração quando necessário. Em especial, à professora mestra, Gyane Karol, que assumiu minha disciplina, para que eu pudesse viajar e dar continuidade ao meu curso.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo incentivo financeiro.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta tese o meu reconhecimento e o meu muito obrigada!

Entendemos educação como prática social humanizadora, intencional, cuja finalidade é transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas torna-se humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si mesmo, processo este para o qual concorre a educação. A historicidade e a sociabilidade são constitutivas do ser humano; a educação é, nesse processo, determinada e determinante.

(MITSUKO ANTUNES)

RESUMO

VASCONCELOS, Georgina Terezinha Brito de. **Educação Básica Ribeirinha: um estudo etnográfico na região amazônica**. 2017, 178 f. Tese de Doutorado (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo: 2017.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a realidade da Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição na Comunidade Nossa Senhora da Conceição no município de Parintins, estado do Amazonas, nos seus aspectos históricos, sociais e culturais. Apresenta como questão norteadora: como é a realidade da Escola Nossa Senhora da Conceição e qual o significado dessa realidade para professores e alunos? O referencial teórico está fundamentado em Vigotski, Freire e Aguiar. O arcabouço teórico-metodológico está centrado na Psicologia Sócio-Histórica de Vygotski e no Materialismo Histórico e Dialético. A investigação inscreve-se nos parâmetros da abordagem qualitativa do tipo estudo de caso etnográfico. Os sujeitos participantes da pesquisa foram professores, alunos e comunitários. Os procedimentos de coleta de dados foram: observação participante da escola e da comunidade, entrevista não estruturada e análise dos documentos do plano de ensino bimestral. Foram analisados os aspectos históricos, culturais e sociais da comunidade, observados na relação homem/natureza. A convivência comunitária faz com que os sujeitos que ali se constituem aprendam a viver e conviver com o dinamismo dos fenômenos amazônicos, que se fazem presentes nesse ambiente peculiar. Os resultados da pesquisa apontam que o fenômeno da cheia dos rios é um fator que interfere diretamente no desenvolvimento do processo educativo. Comunitários, alunos e professores interagem entre si e com a natureza, possibilitando oportunidades de construção de conhecimentos, que ajudam na compreensão da realidade e dos saberes empíricos que dimensionam o processo sociocultural. Os saberes tradicionais que fazem parte dos conhecimentos ribeirinhos e que estão presentes no cotidiano da comunidade não interagem com o saber sistematizado, para que a educação ribeirinha seja promotora de um processo de transformação social dos sujeitos que nela se constituem.

Palavras-chave: Educação ribeirinha. Educação multisseriada. Ambiente amazônico ribeirinho

ABSTRACT

VASCONCELOS, Georgina Terezinha Brito de. **Riverside Basic Education: an ethnographical study in the amazonian region**. 2017, 178 f. PhD. Thesis (Program of Post-Graduation Studies in Education: Educational Psychology). Pontifícia Universidade Católica of São Paulo (PUC-SP). São Paulo: 2017.

This research aims to investigate the reality of the Municipal School named Nossa Senhora da Conceição in the Nossa Senhora da Conceição Community in the city of Parintins, Amazon State, considering its historical, social and cultural aspects. It presents as leading question: how is the reality of the Nossa Senhora da Conceição School and which is the meaning of this reality to the teachers and the students? The theoretical background was based on Vigotski, Freire, and Aguiar. The theoretical-methodological framework is centered in the Vigotski socio-historical psychology and in the Dialectical and Historical Materialism. The investigation adopted a qualitative approach as an ethnographic case study. The teachers, students and people from the Community were the subjects of the research. The data collection procedures included the participant observation of the school and the Community, non-structured interviews and the analysis of the bimonthly education plan documents. The historical, social and cultural aspects were analyzed regarding the relationship between man/nature. The community living provides to their components the experience of living and to live together with the dynamics of the Amazonian phenomenon, which are present in this peculiar environment. The results of this research show that the rivers floods phenomenon is an important factor which directly influences the development of the educational process. People from the community, students, and teachers interact with each other and with nature, allowing the construction of knowledge which helps to understand the reality and the empirical knowledge that determine the sociocultural process. The traditional knowledge that compose the riverside wisdom and that is present in the day by day of the community do not interact with the formal knowledge what does not allow it to promote a social transformation of the subjects.

Keywords: Riverside Education. Mixed Grade Education. Amazonian Riverside.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Retratos da Amazônia.....	22
Figura 02 – Mururé, planta nativa dos rios	23
Figura 03 – Mapa físico da Comunidade Nossa Senhora Conceição	28
Figura 04 – Mapa da Amazônia Internacional com mapa da América do Sul	31
Figura 05 – Amazônia Brasileira, Amazônia Legal	31
Figura 06 – Estados que compõem a região Norte e a Amazônia Legal	32
Figura 07 – Casa de ribeirinhos	36
Figura 08 – Casa de ribeirinhos.....	36
Figura 09 – Pesca do Pirarucu.....	37
Figura 10 – Transporte de ribeirinhos em rabeta	37
Figura 11 – Comunidade Ribeirinha	38
Figura 12 – Mapa do Estado do Amazonas com seus limites	39
Figura 13 – Mapa do Estado do Amazonas	40
Figura 14 – Vista da cidade de Manaus (AM)	42
Figura 15 – Teatro Amazonas	43
Figura 16 – Ponte sobre o Rio Negro	43
Figura 17 – Localização de Parintins no Amazonas e o mapa de Parintins	45
Figura 18 – Vista parcial do centro de Parintins	46
Figura 19 – Cidade de Parintins	46
Figura 20 – Boi Bumbá Caprichoso e Boi Bumbá Garantido	50
Figura 21 – Apresentação do Festival no Bumbódromo	50
Figura 22 – Figuras regionais, Caprichoso e Garantido.....	52
Figura 23 – Bumbódromo de Parintins, local das apresentações no Festival	53
Figura 24 – Modelo padrão das Escolas na Zona Rural.....	66
Figura 25 – Escola funcionando em um barracão, situada em área de várzea	66
Figura 26 – Trabalho e Ensino	68
Figura 27 – A práxis na Escola	68
Figura 28 – Os tempos formativos: tempo escola e tempo comunidade.....	69
Figura 29 – Vista da frente da comunidade Nossa Senhora da Conceição	82
Figura 30 – Igreja católica da Comunidade.....	83
Figura 31 – Moradores indo para a Comunidade em rabeta	84
Figura 32 – Algumas plantações dos comunitários	84
Figura 33 – Casa de comunitários	85
Figura 34 – A Escola.....	86
Figura 35 – Ambiente escolar – sala de aula.....	87
Figura 36 – Ambiente escolar – sala de aula.....	87
Figura 37 – O significado da Comunidade e da Escola	156
Figura 38 – O significado da Comunidade e da Escola	157
Figura 39 – O significado da Comunidade e da Escola	157
Figura 40 – O significado da Comunidade e da Escola	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Atividades do Programa Escola da Terra	70
Quadro 02 – Distribuição da carga horária e apresentação das atividades trabalhadas no Programa, em 2014.....	74
Quadro 03 – Perfil dos sujeitos participantes da pesquisa	81

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
Trajetória Amazônica.....	14
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA: PRESSUPOSTOS, CONSTRUÇÃO DE SABERES E ESPAÇO DE VIDA DE UMA POPULAÇÃO	30
1.1 – Amazônia: uma breve história.....	30
1.2 – A formação da população Ribeirinha na Amazônia	33
1.3 – A capital manauara.....	39
1.4 – Parintins: uma ilha no meio da floresta	44
1.5 – A Educação no ambiente ribeirinho	54
1.6 – Fundamentos legais da Educação	57
CAPÍTULO II – FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES E CONSTRUÇÃO DE SABERES PARA UMA AÇÃO FORMATIVA	60
2.1 – Formação de professores: um campo de possibilidades para a compreensão da realidade educativa e a formação humana	60
2.2 – A atividade docente.....	63
2.3 – O Projeto Escola da Terra: um processo de formação continuada.....	65
CAPÍTULO III – NAVEGANDO NA HIDROGRAFIA DA PESQUISA: O RIO COMO TRAJETO EM BUSCA DE CONHECIMENTOS	75
3.1 – Objetivos da pesquisa.....	75
3.2 – O método.....	75
3.3 – Instrumento de coleta de dados: observação participante, entrevista não estruturada e análise de documentos	78
3.4 – Os sujeitos envolvidos na pesquisa	80
3.5 – O lugar da pesquisa: a Comunidade Nossa Senhora da Conceição e a Escola	81
3.6 – Caracterização da Escola.....	85
CAPÍTULO IV – A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE E O SIGNIFICADO PARA OS SUJEITOS QUE DELA FAZEM PARTE E PARA OS QUE DELA SE APROPRIAM	88
4.1 – A Amazônia dos amazônidas: do imaginário ao real	88
4.2 – O território da várzea como <i>lócus</i> do caboclo/ribeirinho	90
4.3 – A Comunidade Nossa Senhora da Conceição: sua natureza, seus aspectos histórico, político, social e seus meios de vida	92
4.4 – Histórias e memórias: convivendo com a realidade, múltiplos olhares, novos saberes e novas aprendizagens.....	100
4.5 – A escola como espaço cultural de saberes, experiências e conhecimento.....	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	166
APÊNDICES.....	174
Apêndice A – Roteiro para observações na Comunidade Ribeirinha	174
Apêndice B – Roteiro para observações na Escola	175
Apêndice C – Roteiro para observações da prática pedagógica.....	176
Apêndice D – Roteiro para entrevista com professores	177
ANEXOS	178
Anexo A – Calendário Escolar.....	178

APRESENTAÇÃO

Trajetória Amazônica

Sou uma sonhadora com os pés no chão, nascida e criada na Região Amazônica, na cidade de Belém, Estado do Pará. Oriunda de uma família composta por cinco irmãos, sou a primogênita do casal Itamar Pereira de Brito e Mary Rosa Vilhena de Brito. Meu pai era motorista de ônibus e minha mãe enfermeira. Quis o destino que meu pai fosse embora cedo (faleceu com 36 anos), nos deixando aos cuidados e responsabilidade de minha mãe que nos educou e preparou para a vida.

Quando meu pai faleceu, ficamos todos pequenos, eu estava com sete anos e minha irmã caçula com um ano. Devido à necessidade de criar e dar assistência aos filhos em todos os sentidos, minha mãe teve que trabalhar fora, coisa que até então não acontecia, porque meu pai, de pensamento retrógrado e machista, fato comum naquela época, não permitia que ela trabalhasse fora de casa.

Diante das circunstâncias e contando com o apoio e a colaboração de minha avó materna, minha mãe começou a trabalhar fora de casa, exercendo assim sua profissão de enfermeira, na Santa Casa de Misericórdia do Pará. E foram essas duas mulheres que contribuíram para sermos quem somos hoje, eu e meus irmãos, principalmente eu, que convivi diretamente com a minha avó.

Minha avó, dona Odete, estudou somente as séries iniciais, mas tinha um conhecimento de mundo e uma experiência invejáveis, participava ativamente dos movimentos políticos partidários, mas nunca foi candidata, era eleitora ferrenha de um político muito conhecido em Belém, que foi governador do Estado, Manoel Magalhães Barata. Era uma “baratista” de carteirinha, como ela afirmava.

Com minha avó aprendi as primeiras letras, aprendi a ser politizada no sentido amplo e estrito da palavra. Apesar de não ter estudado muito, ela conseguia falar sobre qualquer assunto, com grande discernimento. E foi ela quem ensinou-me o valor e o orgulho de pertencer a uma região tão rica, com uma biodiversidade de espécies animais e vegetais, viveiro de criaturas exóticas, terra de centenas de etnias e diferentes povos – a Amazônia.

Essa Amazônia com suas peculiaridades, um território multinacional marcado pela multiculturalidade, com conflitos e desafios constantes, terra cantada, decantada e interpretada por historiadores, escritores, poetas e intérpretes que por ela se encantam, serve de habitação para milhares de espécies animais e vegetais e para muitos povos do qual eu faço parte.

Minha vida escolar teve início aos sete anos de idade com a entrada na escola. Estudei o curso primário, da primeira a quinta série, sob a égide da Lei nº 4024/61, quando a nomenclatura era: primário, ginásial e secundário. Estudei todo o ensino primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belém, Estado do Pará. Prestei exame de admissão, porque assim acontecia na época, para ingressar no curso ginásial no Instituto de Educação do Pará, onde além do ginásio fiz também o curso de Magistério.

Meu grande sonho era ser professora. É bem verdade que tive o incentivo de minha avó que, infelizmente, não viu meu sonho e o dela se realizarem – concluir o curso de Magistério e tornar-me uma professora como ela queria, pois quando ingressei nesse curso ela já havia falecido. Tornei-me uma professora primária, sonhadora e idealista. Não consegui emprego de imediato, dava aulas de reforço para crianças na minha casa, antes e após concluir o curso de Magistério, em 1975.

Após concluir o Magistério, prestei exame vestibular para o curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Pará, no qual fui aprovada e, em 1976, iniciei uma nova etapa em minha vida acadêmica e pessoal: ingressei na universidade, mais um sonho a ser realizado, em Pedagogia, que era a profissão que eu queria exercer.

Quando iniciei a Pedagogia já estava casada e, em seguida, engravidei de minha filha. Foi um período bastante difícil, estudando e tendo que repousar por causa de uma gravidez de risco, mas como sou e sempre fui persistente, consegui concluir o semestre na faculdade e, em outubro do mesmo ano, nasceu minha filha. Mas, o destino estava me preparando outra surpresa e, no ano de 1977, meu marido, que era militar da Marinha do Brasil, foi transferido para o Rio de Janeiro e eu tive que acompanhá-lo. No final do ano de 1977, mudamos para o Rio de Janeiro.

Com a mudança, transferi também o meu curso, chegando a matricular-me na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), para dar continuidade aos meus estudos. Todavia, minha filha era pequena e precisava de cuidados e da minha presença constante, então tranquei a matrícula na faculdade. Em 1978, a Marinha do Brasil comprou uma frota de navios fabricados na Inglaterra e meu marido foi enviado para lá para fazer parte da guarnição de um desses navios. E lá vou eu novamente acompanhá-lo nessa aventura, com uma filha pequena e

sem dominar a Língua Inglesa, morar um ano no exterior, na cidade de Southampton, situada ao sul da Inglaterra, onde está localizada a Base Naval Inglesa (British Nave).

De 1978 a 1982, a minha vida acadêmica parou em razão das constantes mudanças, em consequência das transferências de meu marido, pois o máximo que ficávamos em um lugar eram dois anos.

Enquanto estive na Inglaterra, visitei algumas escolas de Educação Infantil e de Séries Iniciais para conhecer um pouco do funcionamento das escolas e o trabalho desenvolvido pelos professores. Para mim, era uma oportunidade ímpar, um sonho realizado, estar na Europa, em um país de grande potencial não só em Educação como também em outros campos sociais; e eu tinha que aproveitar ao máximo minha estada naquele lugar. E foi uma experiência válida, uma aprendizagem muito significativa, um saber a mais entre os tantos que aprendi, aprendo e ainda aprenderei.

Fiquei de setembro de 1978 a setembro de 1979 morando no exterior, retornei ao Rio de Janeiro e lá fiquei até o ano de 1982. Em 1983, mais uma transferência, dessa vez para Manaus, Amazonas, agora com mais um integrante na família, meu filho, que nasceu em 1982. Em Manaus, decidi retomar meus estudos e consegui realizar matrícula na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e continuar o curso de Pedagogia.

A primeira providência que tomei após matricular-me foi estabelecer a meta de que a minha prioridade seria cursar e concluir o curso de Pedagogia, independentemente de qualquer situação, pois já havia perdido tempo demais com relação à continuação de meus estudos, sendo apenas dona de casa. Na minha concepção, havia chegado o momento de conquistar a independência acadêmica e profissional.

Concluí o curso de Pedagogia na UFAM, em 1986, sob a égide da Lei nº 5692/71. Faço referência a esta Lei porque ela foi alicerçada em bases tecnicistas, o que proporcionou a implantação, no curso de Pedagogia, das seguintes habilitações: Administração Escolar, Supervisão Escolar, Orientação Educacional e Inspeção Escolar. Assim, o acadêmico, ao chegar ao sétimo período do curso, teria que optar por um desses campos de atuação, que o habilitaria a atuar no mercado de trabalho na área escolhida. Assim sendo, o diploma também era emitido de acordo com a área, no meu caso o diploma teve a seguinte inscrição: Licenciado em Pedagogia, com habilitação em Supervisão Escolar.

Quando concluí o curso de Pedagogia, eu já atuava no Magistério e era mais um sonho realizado. Em 1984 fui contratada por uma escola particular, para dar aulas de Didática e Psicologia, nas turmas de Magistério, no Colégio Bandeirantes, na cidade de Manaus e aí começa minha trajetória profissional como professora de fato e de direito.

Em 1985 participei do primeiro concurso público da Rede Estadual para professores de Ensino Fundamental, da Secretaria de Estado da Educação do Amazonas (SEDUC). Fui aprovada, mas tive que aguardar ser chamada para ocupar o cargo. No ano de 1987, meu marido novamente foi transferido, dessa vez para o interior do Amazonas, cidade de Parintins. Como faltava pouco tempo para ele se aposentar da Marinha do Brasil, resolvemos viver essa aventura, embora eu tivesse sido aprovada no concurso de professor na Rede Pública Estadual, não havia sido chamada ainda para assumir o cargo, então resolvi ir com ele.

De 1987 a 1988 atuei no Magistério como professora de regime especial, ministrando aulas na Escola Estadual Profa. Maria Belém, situada no município de Barreirinha, cidade do interior do Amazonas, localizada na região do Baixo Amazonas, que fica próxima à cidade de Parintins, por não conseguir vaga de imediato nas escolas de Parintins.

Em 1989 comecei a trabalhar na cidade de Parintins, ainda como professora contratada, na Escola Estadual Brandão de Amorim e no Colégio Batista de Parintins. O concurso que eu havia feito em 1985, já havia expirado. Em 1990 sofro uma grande perda, que abalou profundamente a mim e aos meus filhos, o falecimento de meu esposo, vítima de câncer já em fase terminal quando descoberto.

Em 1992 participei de mais um concurso da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), dessa vez para todo o interior do Amazonas, inclusive Parintins. Fui aprovada novamente e por já estar atuando na escola, os trâmites legais para assumir e efetivar o cargo de professora foram imediatos. Em janeiro de 1993 participei de mais um concurso promovido pela SEDUC, dessa vez para Pedagogo. Fui aprovada e o concurso me habilitava a atuar na escola como Pedagoga, na Supervisão Escolar. Assim, em um curto espaço de tempo consegui me efetivar, assumindo – de fato e de direito – dois cargos que me possibilitaram sair de uma situação profissional instável para uma estável, uma vez que passava a fazer parte do quadro de professores efetivos da SEDUC/AM.

De 1992 a 1996 atuei como Pedagoga nas Escolas Estaduais Gláucio Bentes Gonçalves (escola situada embaixo das arquibancadas do “Bumbódromo”) e Suzana de Jesus Azedo; ambas atendiam uma clientela de alunos nas séries iniciais, oriundos dos bairros periféricos da

cidade. Nessas duas escolas atuei na área de Supervisão Escolar e o meu trabalho consistia em realizar acompanhamento pedagógico para professores e alunos. Foi uma experiência importante para quem estava em início da carreira.

Em agosto de 1996 deixei as escolas em que atuava como supervisora e assumi a direção da Escola Estadual Brandão de Amorim, que atendia alunos nos três níveis de Ensino, de 1º ao 5º anos e de 6º ao 9º anos (hoje, Ensino Fundamental I e II) e Ensino Médio, e em três turnos – matutino, vespertino e noturno. Um fato que marcou a passagem como gestora foi a entrada, pela primeira vez na escola, de alunos com deficiência auditiva para estudar do 6º ano ao 9º ano. Estes alunos eram oriundos de uma Escola Especial em Parintins, Escola Padre Paulo Manna, cuja especialidade é o atendimento educacional de alunos surdos.

Por que começamos a receber estes alunos? Devido ao fato de que os alunos surdos, ao terminarem o Ensino Fundamental I, não davam continuidade aos estudos porque nenhuma escola do Fundamental II queria recebê-los, sob a alegação de não ter professores preparados para atendê-los. Então, a gestora da referida escola, em conversa comigo, solicitou matrícula para cinco alunos que haviam concluído o Fundamental I, pois alunos e pais queriam dar continuidade aos estudos.

Embora não tivesse curso específico na área, tampouco professores da escola com especialização nesse campo, matriculamos os alunos, o que para nós foi um grande desafio, uma vez que não tínhamos a estrutura necessária na escola para um atendimento educacional especializado. Contando com o apoio de alguns professores e com a relutância de outros, a gestão da escola deu o primeiro passo rumo ao processo de inclusão que estava sendo iniciado no Brasil, em atendimento ao que propunha a LDB nº 9.394/96. Vale ressaltar que nessa época a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) ainda não estava em evidência, o trabalho era realizado com a leitura labial, em um processo denominado de Comunicação Oral. No entanto, o processo de inclusão já vinha sendo veiculado desde 1990, a partir do Encontro Mundial de Educação para Todos.

O trabalho realizado na escola deu muito certo e, a partir de então, todos os anos no período de matrícula do ano letivo, destinávamos algumas vagas para essa clientela, conforme a solicitação da gestora da escola. Expandimos nossas matrículas e foi a primeira escola de Parintins a receber alunos com esse tipo de deficiência e que conseguiram concluir o Ensino Médio. A partir da nossa experiência, outras escolas abriram as portas para receber não só alunos com deficiência auditiva, como outros alunos que apresentassem outros tipos de

deficiência. Hoje, a Escola Estadual Brandão de Amorim, em Parintins, é reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) como a primeira escola inclusiva da cidade e ficou especializada no atendimento de alunos surdos.

Fiquei na gestão da Escola Brandão de Amorim até o ano de 2003, quando resolvi participar de um processo seletivo para professores para o Ensino Superior, no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP), da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Fui selecionada para atuar como professora do Magistério Superior do CESP/UEA, inicialmente para dar aulas em um Projeto criado pelo Governo do Estado, denominado Projeto de Formação de Professores (PROFORMAR). Em 2004, as primeiras turmas deste Projeto concluíram o curso, eu concluí as minhas atividades docentes e passei a integrar o quadro de professores do CESP/UEA, ainda como professora contratada com 40 horas, para atuar como professora das disciplinas de Práticas Pedagógicas I e de Didática e Pesquisa, ambas para os cursos de licenciatura em Letras e Normal Superior.

De 2006 a 2008, já como professora dos cursos regulares de licenciatura do CESP/UEA, realizei o Mestrado em Ciências da Educação Superior, na *Universidad de Matanzas*, na cidade de Matanzas, em Cuba. Foi um aprendizado muito grande em minha vida pessoal, acadêmica e profissional, uma experiência ímpar e um conhecimento muito valioso na minha carreira. Por que eu fiz em Cuba? Porque foi a oportunidade que tive e que não poderia perder. Eu era professora contratada da Universidade, mas ainda não poderia solicitar licença para estudos, e o curso de mestrado em Cuba ocorria no período das férias, então, a hora era aquela. Eu sabia que correria riscos e o maior deles seria a revalidação, que ocorreu pela UFAM, em 2012, possibilitando, então, o meu ingresso na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), para realizar o doutorado no Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação (PED).

No ano de 2007 assumi a coordenação do curso Normal Superior, no entanto, ainda sob a minha gestão, este foi extinto e, em seu lugar, foi criado o curso de Pedagogia com uma nova perspectiva profissional. Enquanto coordenadora do curso, acompanhei todo o processo de mudança de um curso para outro e como já atuava na coordenação, permaneci no cargo – no curso de Pedagogia – até 2009, quando participei do primeiro concurso para provimento de cargos de professores da UEA, em todo o Amazonas.

Após ser aprovada nesse concurso, pedi exoneração dos cargos que exercia na SEDUC e, em 2010, assumi novas funções no CESP/UEA, como professora titular do quadro efetivo de

professores, com mais uma função de coordenação para assumir e com uma carga de responsabilidade ainda maior. Passo a exercer a função de Coordenação de Qualidade, uma espécie de vice direção, sendo um compromisso não apenas com um curso, e sim, com todos os cursos do CESP/UEA que, desde então, estariam sob a minha responsabilidade no que se refere ao aspecto pedagógico. Assumi as funções de Coordenadora de Qualidade para um mandato de quatro anos, tempo que também corresponde ao período de duração de gestão da direção. Este cargo não depende de votação, é escolhido pelo Diretor.

Começava, ali, mais uma grande experiência em minha vida profissional e um aprendizado bastante significativo e enriquecedor para minha carreira. Deixei a função de Coordenadora de Qualidade no segundo semestre de 2013, quando participei da seleção e fui aprovada para realizar o curso de Doutorado na PUC-SP. Durante essa trajetória acadêmica e profissional, na militância da prática docente com os acadêmicos do curso de Pedagogia, ministrando, entre outras disciplinas, o componente curricular “Estágio e Práticas de Ensino”, aplicando oficinas ou minicursos, pude vivenciar várias experiências na Educação de uma Comunidade Ribeirinha, a qual despertou o meu interesse para buscar respostas para algumas indagações.

E é essa a realidade investigada nesta pesquisa, com foco em conhecer a realidade da Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição, na Comunidade Ribeirinha de Nossa Senhora da Conceição, no município de Parintins (AM). O propósito é conhecer a realidade destes ribeirinhos – o modo de ser, a cultura e, principalmente, o cotidiano de alunos e professores que fazem parte da escola, quais as perspectivas de vida destes professores e alunos da comunidade, as suas histórias e o significado da Educação para eles, e quais os principais desafios enfrentados por eles. Como é ser, viver e estar em uma comunidade ribeirinha, o saber e o fazer docente de um sujeito histórico amazônico.

Tudo isso com a finalidade de enfatizar aspectos significativos da vida cotidiana destes sujeitos que vivem em um ambiente dotado de peculiaridades, mas que fazem parte de uma sociedade que exige, cada vez mais, a participação consciente dos sujeitos que dela fazem parte. Todos esses aspectos foram observados sob uma nova perspectiva, um novo olhar, proporcionado não só pelo conhecimento pragmático, como também pelo conhecimento teórico-metodológico adquirido durante a participação nas disciplinas oferecidas pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que muito contribuiu para minha formação de educadora-pesquisadora.

INTRODUÇÃO

Quando entramos em contato direto com a bacia amazônica, nossos sentidos nos obrigam a imaginar que habitamos o planeta Água e não o planeta Terra. A presença do universo das águas, composto de rios de águas brancas, claras e pretas, com sua multiplicidade de acidentes físicos (paraná, furos, igarapés, igapós, praias, lagos etc.) nos convidam a lembrar, pelo menos no que toca à calha do rio Solimões/Amazonas, as populações que outrora a habitavam – os índios das águas (WITKOSKI, 2010, p.131).

Ao se pensar uma Educação para a Amazônia é necessário levar em conta a riqueza de culturas e saberes (des)conhecidos que conquistam pessoas de vários lugares do mundo, seja para preservar ou para explorar. Esses saberes precisam ser conhecidos e trabalhados pelos professores em suas práticas.

Souza (2013, p.21) define a Amazônia como “lugar de múltiplos fenômenos físicos e sociais, bastante complexa”. É essa complexidade que deve ser entendida como um elemento mediador para a compreensão do descompasso acentuado entre a terra e o homem da Amazônia, que teve início com o seu povoamento. É preciso entender as razões porque tudo isso vem acontecendo. Nessa linha de discussão, Loureiro (2001, p.9) diz que em se tratando de Amazônia, “O que está em causa [...] é desvendar o segredo do contraponto sociedade e natureza, sempre envolvendo o recíproco e diferente contraponto natureza e sociedade. Aí estariam o paraíso e o eldorado, a aventura e o malogro, a conquista e a perdição [...]”.

Desvendar a realidade da Amazônia sempre foi objeto de investigações e discussões para muitos estudiosos que, nela se instalaram, na tentativa de interpretá-la. Para assimilar, compreender e exprimir a complexidade da natureza Amazônica, Moraes (2001 *apud* LIBÂNEO, 2007, p.19) afirma que, “o escritor precisa ser dotado de um talento verdadeiro, além de possuir, simultaneamente, a faculdade de perceber as circunstâncias particulares e sensíveis que lhe explicam as influências passadas e presentes”.

Diante desses pressupostos sobre a Amazônia, temos a necessidade de compreender, de maneira racional, os fundamentos dos processos históricos e culturais que nela se desenrolam. É importante que se compreenda que a Amazônia não é só natureza, ela é, acima de tudo, como ressalta Freitas (2005, p.31) cultura e composta de “reflexões polêmicas, divergências,

convergências, integrações e desintegrações, aproximações e rejeições, pactos e descompassos, e encantos e desencantos”.

A Amazônia se caracteriza por apresentar biodiversidade e cultura únicas. Segundo Cavalcante e Weigel (2004, p.81) “é composta por uma população indígena que compreende cerca de 200 mil índios, que constituem 81 etnias diferentes em pleno uso de suas línguas e culturas específicas”. Além da população indígena, compõe também esse contexto a cultura cabocla, vivenciada pelos grupos de ribeirinhos que habitam as margens de rios, lagos e igarapés, fazendo parte do ambiente amazônico.

Ribeirinhos são as pessoas que moram próximas aos rios, que fazem parte principalmente do complexo hidrográfico, situado na região Norte do país. Além de apresentarem peculiaridades e características próprias, as suas principais atividades são a pesca, o extrativismo vegetal e o cultivo de pequenos roçados para a própria subsistência. As atividades dos Ribeirinhos estão diretamente relacionadas aos rios, pois além de servirem como via de locomoção, servem também para lazer e meio de sobrevivência, daí a importância e o significado atribuídos aos rios para estas pessoas.

Essas discussões levaram a Amazônia a ocupar uma posição de equilíbrio ecológico na terra. Segundo Freitas (2005, p.39), em sua diversidade de ambientes, a Amazônia contém inúmeros problemas relacionados com a produção geoespacial.

Figura 01 – Retratos da Amazônia



Fonte: google imagens fotoramazonia.jpg¹.

¹ Disponível em <https://pt.slideshare.net/soniaamaral925/projeto-brasil-verde>. Acesso em 29 set. 2016.

Como pode ser observado na figura, 01, a Amazônia apresenta, em seu território, especificidades, motivações, múltiplos espaços e sujeitos, que dão origem a um processo multicultural, com características e peculiaridades próprias. Toda essa paisagem e essa realidade hídrica são as principais características e a forma identitária da Amazônia brasileira, que tem nos rios a sua maior identidade, pois eles são as ruas que compõem esse vasto território geográfico, tornando-se assim elementos fundamentais para a compreensão de toda sua vasta extensão territorial. A estrofe da música de Paulo André e Rui Barata, compositores paraenses, define muito bem o que estamos falando quando eles assim escreveram: “[...] esse rio é minha rua, minha e tua mururé [...]”. Os compositores descrevem a grandiosidade de todo esse território, com seus rios, lagos e igarapés, que servem não só como vias de acesso, mas também como meio de produção e fonte de alimentação para as populações, principalmente os ribeirinhos que habitam a Amazônia.

Figura 02 – **Mururé, planta nativa dos rios**



Fonte: registro fotográfico da pesquisadora.

A questão da docência também é pauta de discussões e o que tem se discutido sobre a realidade diferenciada da Educação Ribeirinha na Amazônia é a necessidade de uma organização não centralizada, a busca por uma prática que leve em consideração seu universo plural e identidade sociocultural que fazem parte desse panorama e que irão compor o universo profissional do professor e o universo social do aluno.

Garcia (2009, p.7) explica que a formação docente é “um processo a longo prazo, no qual se integram diferentes tipos de oportunidades e experiências planejadas sistematicamente para

promover o crescimento e o desenvolvimento profissional”. Outro aspecto importante com relação à formação de professores é a questão da identidade profissional, um “elemento indispensável para o desenvolvimento profissional”.

Concordando com o autor, assumimos o posicionamento de que a identidade profissional realmente é um aspecto importante para o desenvolvimento de sua prática de ensino, tendo em vista um ambiente tão peculiar e, muitas vezes, desconhecido do professor, por não fazer parte da comunidade. No geral, os professores vêm da cidade para assumir suas funções educativas nesses ambientes, embora não tenham nascido na comunidade e vivenciado experiências cotidianas na Comunidade.

Todavia, partimos do pressuposto de que cada ser humano é um ser singular, social e histórico, capaz de transformar e ser transformado e se constituir como sujeito de uma determinada realidade. Recorrendo à afirmação de Marx (1976) de que “a história é produto da atividade humana”, faz-se necessário que o professor conheça a diversidade Amazônica, que é permeada por diferentes realidades educacionais e enfrenta uma histórica inexistência de políticas e programas governamentais efetivos e comprometidos, sendo esses elementos de desmotivação para uma prática educativa emancipatória.

Assim, a preparação do professor torna-se necessária para a compreensão dessa problemática e de outras que irá enfrentar, principalmente no que se refere a necessidades e dificuldades educacionais das populações ribeirinhas, que também podem ser observadas constantemente no cotidiano escolar.

Apresentamos algumas situações de enfrentamento pelos professores: desqualificação docente para trabalhar com estudantes que apresentam diferentes níveis de escolaridade, de aprendizagem e ritmos; o cotidiano pedagógico permeado pela heterogeneidade e multietariedade das classes multisseriadas; a falta de um local adequado para alojamento do professor; as condições precárias de funcionamento do prédio escolar, entre outros. Todos esses aspectos foram vivenciados na Unidade Escolar que é campo de investigação para este estudo.

Desse modo, o interesse da pesquisadora ao abordar a temática deu-se em função de tentar desvelar as questões da natureza social e cultural na sala de aula, de uma Comunidade Ribeirinha e quais as implicações nos processos de ensino e aprendizagem da criança. Depois de vivenciar várias experiências, em escolas destas Comunidades, algumas exitosas e outras nem tanto, uma ideia foi se planificando e se concretizando durante a minha trajetória como professora formadora dos cursos de licenciatura do CESP/UEA.

A ideia de realizar esta pesquisa partiu de um diagnóstico realizado, no ano de 2009, em escolas públicas municipais de Educação Infantil, em Comunidades Ribeirinhas, como professora da disciplina Estágio, no curso de Pedagogia, em que se percebeu uma grande rotatividade de professores durante o ano letivo, em decorrência da falta de experiência de alguns professores que eram contratados para atuar nesses ambientes educacionais.

Muitos estudos desde então apontam para as necessidades e os conflitos recorrentes ao tema, que inclui, entre outros aspectos, as especificidades e as condições histórico-sociais em que ocorrem a atividade do professor e as implicações dessas condições na aprendizagem das crianças que vivem nesse ambiente educacional. O referido tema será abordado neste estudo.

Nesse sentido, o desenvolvimento desta pesquisa justifica-se, por um lado, pela possibilidade de compreender a atividade docente do professor da Educação Infantil em uma Comunidade Ribeirinha, investigando o ingresso deste profissional na comunidade, buscando compreender a natureza do social e a maneira como ele se torna um ser constitutivo de uma realidade, que até então lhe era desconhecida, tornando-se um sujeito capaz de se transformar histórica e culturalmente, com participação ativa de todos os movimentos que, juntamente com os demais membros da comunidade, como bem diz as palavras de Pino (2005, p.84), precisam “desvendar diferentes formas de sociabilidade humana” em uma escola multisseriada.

Por outro lado, pauta-se na compreensão de uma concepção de homem como sujeito inacabado, singular, histórico e construtor de sua própria história, sujeito amazônico possuidor de uma identidade cabocla e promotor de uma Educação multicultural, libertadora e pautada nos recursos da terra, das águas, das florestas e da agricultura, elementos que fazem parte do seu cotidiano e são fundamentais para a sua formação social e cultural.

Complementando esse pensamento, Freire (2013, p.47) diz que “ensinar não é transferir conhecimento”. O autor afirma ser esse um saber necessário ao professor, não apenas ser aprendido por ele, mas também pelos educandos na perspectiva ontológica, epistemológica, política, ética e pedagógica. O discurso teórico do professor deve ser um exemplo concreto e prático da teoria, ou seja, o que Freire propõe é que “tanto professor quanto alunos, vivenciem cotidianamente esses saberes teóricos”.

Diante do exposto, o presente estudo tem o objetivo de investigar a realidade da escola municipal Nossa Senhora da Conceição, na Comunidade de Nossa Senhora da Conceição, pertencente ao município de Parintins (AM), em seus aspectos históricos, sociais e culturais, compreendendo estes como promotores de uma existência social humana, enfatizando aspectos

significativos para sua identidade cabocla, os desafios enfrentados por todos os moradores da comunidade, os desafios enfrentados por alunos e professores, diante de uma sociedade que exige de seus membros, cada vez mais, uma participação atuante e consciente do seu papel transformador no mundo atual.

O caminho percorrido para a elaboração da pesquisa foi árduo e, às vezes, solitário. Todavia, cercado de solidariedade, de novos saberes, novas aprendizagens e riqueza de conhecimentos. Cheguei à Escola e à Comunidade por um desses acasos de destino, apesar de ter alguma experiência em realização de atividades pedagógicas em Comunidades Ribeirinhas do município.

Em princípio foi pensada uma escola situada em uma área ribeirinha, considerada de terra firme, na qual eu já havia desenvolvido alguns projetos com meus alunos da graduação. Mas na época em que eu estava buscando o local para campo de investigação, essa Escola encontrava-se em recesso para as férias, pois estávamos no mês de janeiro e todas as Unidades Escolares de Parintins estavam no período de férias, inclusive as do interior, com exceção das Escolas de áreas de várzea (áreas alagadas no período da enchente dos rios), que possuem calendário letivo especial.

Minha missão, naquele momento, era desenvolver um projeto piloto em uma Escola Ribeirinha, atividade solicitada por minha orientadora, cujo objetivo era observar como se desenvolvia a prática pedagógica do professor, tendo como recurso didático o ambiente natural, que fazia parte do entorno da Unidade. Nessa busca incessante, encontrei uma ex-aluna que estava atuando como Coordenadora Pedagógica (CP), em uma escola municipal, localizada na comunidade denominada Parananema, comunidade pertencente à zona rural de Parintins. Quando perguntei a ela se conhecia alguma escola que estivesse em atividade com alunos, ela respondeu: “professora, só as escolas das áreas de várzea”, então eu relatei para ela o meu objetivo, o que eu queria e precisava realizar.

Imediatamente ela me informou sobre uma escola: “tem uma escola que fica próxima daqui, 40 minutos de rabeta², inclusive meu primo é o Presidente da Comunidade, nós podemos ligar para ele e pedir autorização para que a senhora vá lá”. Diante da informação prestada,

² Tipo de embarcação muito utilizada pelos ribeirinhos, para transporte de pessoas nos rios em viagens rápidas, de pouca duração. Canoa de madeira, de médio e grande porte, com um motor rabeta acoplado na popa da canoa.

aceitei a proposta e realizamos todos os trâmites legais junto ao Presidente, que precisava conceder autorização e também falar com a professora sobre a minha ida para lá. Apesar de ter autorização da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) para realização da pesquisa, eu só poderia entrar na Comunidade com a autorização do Presidente desta Comunidade.

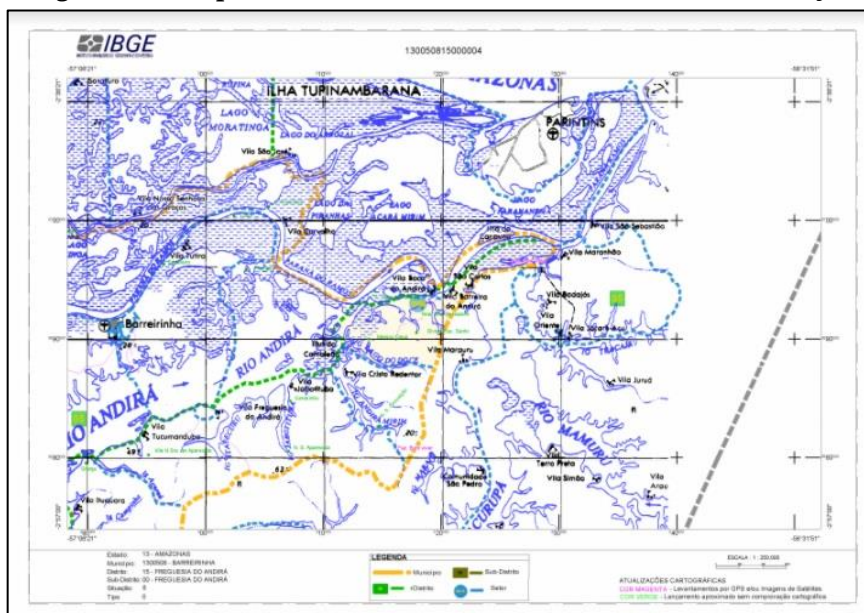
No dia marcado, fui realizar a primeira visita e realizar o meu projeto piloto. Minha ex-aluna foi comigo, me ajudou muito, fui muito bem recebida tanto pelo Presidente como pelos comunitários, alunos e pela professora que estava atuando em sala de aula, na época em que fui pela primeira vez na Comunidade, e essa visita marcou o início da relação pesquisadora e comunidade.

Foram muitas idas e vindas, muitas viagens realizadas de barco e de rabeta. A partir daí, comecei a investigação, coletando dados, realizando observações e enfrentando a fúria do rio Amazonas nos horários em que a correnteza se encontra mais forte, horário que, como dizem os canoeiros e os comandantes de embarcações, o vento forte provoca grandes ondas, principalmente no horário das 12 às 15h.

Os barcos de linha, nome dado às embarcações que fazem o trajeto para as comunidades, saem do porto de Parintins às 13h, exatamente no horário do vento, como dizem os caboclos ribeirinhos e os pescadores. Enfrentávamos ondas fortíssimas no rio Amazonas, conhecidas como “banzeiro”; embora o percurso no rio Amazonas fosse curto, não tinha como não enfrentar as grandes ondas provocadas pelo vento, e o balanço do barco só amenizava quando entrávamos no Paraná do Ramos, rio em que se encontra localizada a comunidade.

Existem duas maneiras distintas de chegar à comunidade Nossa Senhora da Conceição, uma é quando o rio está cheio e podemos sair da Comunidade do Parananema, de rabeta ou voadeira – espécie de lancha de pequeno, médio e grande porte, composta por um bote de alumínio, acoplado a um motor de popa (movido a óleo diesel ou gasolina). Entramos no furo do Brás – rio pequeno que surge com a enchente, servindo de atalho para as embarcações chegarem mais rápido aos seus destinos) e, em seguida, entramos no Paraná do Ramos.

Figura 03 – Mapa físico da Comunidade Nossa Senhora Conceição



Fonte: mapa do IBGE (Parintins), cedido à pesquisadora.

A viagem quando o rio está cheio dura em média de 30 a 40 minutos, dependendo da potência do motor. Quando o rio está seco, período conhecido como vazante, as embarcações saem do porto de Parintins ou do porto Caçapava, e a viagem tem duração média de até três horas e meia. Se for de voadeira a duração é de aproximadamente 50 minutos, e se for de rabeta a duração é, em média, de até duas horas e meia.

Nessas idas e vindas para a comunidade, pude compreender a complexidade da Educação Ribeirinha e os desafios enfrentados pelos sujeitos que fazem parte desse processo. A comunidade é simples, apresentando particularidades e peculiaridades típicas das Comunidades Ribeirinhas de várzea, que fazem parte da vasta região amazônica de todo o Amazonas. Todavia, guarda memória de seu processo constitutivo, demonstrado na simplicidade e na receptividade de seus moradores, que são os construtores de sua organização espacial.

É necessário que o professor conheça essa realidade em todas as suas dimensões, para que possa relacioná-las a suas vivências e experiências cotidianas. Seguindo essa linha de pensamento é que buscamos resposta para o seguinte questionamento: **como é a realidade da Escola Nossa Senhora da Conceição e qual o significado dessa realidade para professores e alunos?**

Nesse universo ribeirinho, só nos é possível o acesso na tentativa de buscar respostas para as inquietações, descrevendo a realidade como ela se apresenta, analisando o desenvolvimento

do trabalho do professor e averiguando as práticas cotidianas e as atividades desenvolvidas pelos sujeitos sociais envolvidos.

Para a realização de uma análise desse ambiente histórico, social e cultural, fundamentamos o estudo na Psicologia sócio-histórica, tendo as ideias de Vigotski (2001) como principal fundamento para direcionar esta pesquisa, com base no materialismo histórico-dialético.

Marx (1844/1978, p.15) diz que “toda a assim chamada história universal nada mais é do que a produção do homem pelo trabalho humano”. Com essa afirmação, Marx mostra o trabalho como uma atividade que produz o próprio homem por meio da apropriação da história. É dessa atividade apontada por Marx que estamos falando, as atividades desenvolvidas pelos ribeirinhos – o pescar, o caçar, a agricultura sustentável – que são exemplos de atividades oriundas de saberes tradicionais, que fazem parte da cultura, da história e da identidade ribeirinha e que têm seus matizes gerados nas representações sociais, culturais e históricas do lugar.

Para conhecermos e compreendermos todo esse processo relacional do caboclo ribeirinho com a floresta, a terra e a água e, principalmente, o desenvolvimento da Educação nesse ambiente amazônico, estruturamos esta tese da seguinte forma: Capítulo I – Educação Ribeirinha na Amazônia: pressupostos, construção de saberes e espaço de vida de uma população, no qual apresentamos a trajetória histórica da Educação na Amazônia e os principais desafios enfrentados pelos sujeitos sociais no processo educativo no município de Parintins. Capítulo II – Formação de professores: reflexões e construção de saberes para uma ação formativa, fundamentado no Projeto Escola da Terra que apresenta metodologias direcionadas ao trabalho do professor das Escolas Ribeirinhas das áreas de várzea. Capítulo III – Navegando na hidrografia da pesquisa: o rio como trajeto em busca de conhecimentos, no qual apresentamos os caminhos e o lugar da pesquisa, desvendamos a Comunidade Ribeirinha, definimos os sujeitos envolvidos e os procedimentos metodológicos. No Capítulo IV – A constituição histórica da comunidade e o significado para os sujeitos que dela fazem parte e para os que dela se apropriam.

CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA: PRESSUPOSTOS, CONSTRUÇÃO DE SABERES E ESPAÇO DE VIDA DE UMA POPULAÇÃO

As Amazônias povoam os corações e as mentes de todas as gentes do mundo. Elas vivificaram, em diferentes ritmos, os projetos pessoais e coletivos que atravessaram a história da humanidade, desde os tempos até aos que se projetam ao futuro. A sua inserção assimétrica e inconclusa ao mundo contemporâneo, ainda suscita reflexões e polêmicas, divergências e convergências, integrações e desintegrações, aproximações e rejeições, pactos e descompassos, localismos e universalismos, encantos e desencantos (FREITAS, 2005, p.31).

1.1 – Amazônia: uma breve história

Para conhecermos e compreendermos esse complexo ambiente que se denomina Amazônia, apresentamos uma breve história, através dos diversos cenários que dela fazem parte desde a colonização até os dias atuais.

A Amazônia é uma região do continente sul-americano caracterizada por condições climáticas constituídas por altas temperaturas, umidade e precipitação pluviométrica. É composta pelos países: Brasil, Peru, Equador, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa, totalizando cerca de 6,5 milhões de km², dos quais cerca de 5 milhões de km² se constituem em florestas primárias.

Na região Amazônica, como é conhecida, encontram-se as maiores sociodiversidade e biodiversidade mundiais, um terço das reservas mundiais de florestas latifoliadas, um quinto de água doce da terra, além de constituir uma entidade física relevante nas estabilidades mecânica, termodinâmica e química dos processos atmosféricos em escala global (FREITAS, 2005, p.25). O mapa da figura 03 apresenta a Amazônia Internacional que, por abranger esses nove países, resulta numa grande diversidade cultural.

Figura 04 – Mapa da Amazônia Internacional com mapa da América do Sul



Fonte: www.brasil-turismo.com/mapas/amazonas.htm.³

A Amazônia brasileira ou região Norte é composta pelos Estados do Amazonas, Acre, Amapá, Pará, Roraima, Rondônia e Tocantins. Além destes Estados, fazem parte também dessa região os Estados do Maranhão e do Mato Grosso, compondo assim a parte da Amazônia conhecida como Amazônia Legal, como demonstra a figura 04. É a maior floresta tropical do planeta, a maior bacia hidrográfica do mundo e uma grande diversidade de fauna e de flora. O Brasil é o país que possui a maior parte da floresta Amazônica.

Figura 05 – Amazônia Brasileira, Amazônia Legal



Fonte: www.brasil-turismo.com/mapas/amazonas.⁴

³ Acesso em 29 set/2016.

⁴ Acesso em 29 set/2016.

Figura 06 – Estados que compõem a região Norte e a Amazônia Legal



Fonte: www.brasil-turismo.com/mapas/amazonas.⁵

A denominação Amazônia Legal, segundo Soares (2000), se deu a partir do ano de 1966, abrangendo a parte oeste do Estado do Maranhão, a partir do meridiano 44° e parte do Estado do Mato Grosso, totalizando 4.987.247 km², 58% da área total do Brasil e 40% da América do Sul, que corresponde a 5% da superfície terrestre. Esse percentual de superfície terrestre representa uma parte significativa na composição do bioma e no equilíbrio do planeta, pois de toda essa área cerca de 3,5 milhões de km² encontram-se com sua cobertura vegetal primária ou sem perturbações antropogênicas.

Esses estudos apontam que nos nove Estados que compõem a Região Amazônica habitam pouco mais de 20 milhões de pessoas, em torno de 3,5 milésimos da população mundial, dentre os quais 163 povos indígenas que totalizam cerca de duzentos e quatro mil pessoas, ou 60% da população indígena brasileira.

Segundo o estudo de Freitas (2005), a Amazônia é cortada pelo rio Amazonas, que nasce na Cordilheira dos Andes, no Peru, drenando mais de sete milhões de km² de terras, possuindo uma vazão anual média de aproximadamente 176.000 m³/s, o que lhe confere a posição de maior rio em volume de água da terra, superando o rio Congo na África.

Todavia, durante a vazante dos rios, o Amazonas conduz para o mar cerca de 10.000 m³/s, tendo algumas variações anuais. Por conta desse imenso volume de água a bacia Amazônica

⁵ Acesso em 29 set/2016.

constitui uma das regiões habitadas detentoras de um dos mais altos índices pluviométricos do planeta. Daí seu credenciamento como maior bacia hidrográfica do mundo.

A Floresta Amazônica, por sua vez, produz anualmente cerca de 7,5 toneladas de detritos vegetais por hectare, o que lhe confere o título de maior fonte mundial de biomassa renovável. Estudos apontam que a extração de petróleo, a indústria químico-farmacológica, a agricultura, o extrativismo, a indústria agro-florestal e pesqueira, o ecoturismo e a indústria alimentar, entre outras, resultam num grande avanço econômico para a região. Com relação a essa projeção na economia da Região Amazônica, Freitas (2005, p.29) assim se reporta:

A potencialidade econômica da Região Amazônica cresce à medida que sua importância para o equilíbrio ecológico planetário se reafirma e que as políticas de desenvolvimento brasileiro entram em colapso, potencializando novas formas de dominação e de colonialismo na região, que são continuamente recriadas por lideranças científicas, políticas e empresariais.

Embora o desenvolvimento econômico na Amazônia contribua para o equilíbrio mundial, o que se percebe é que esse avanço ainda não é suficiente para o próprio desenvolvimento dos povos que habitam na região. Várias empresas se instalam na região, principalmente a farmacológica, mas com a finalidade apenas de extrair o que a floresta oferece; o modo de vida dos povos da floresta não é levado em consideração. As condições de vida de cada segmento da Amazônia são muito contrastantes.

1.2 – A formação da população Ribeirinha na Amazônia

A Amazônia brasileira sempre foi e continua sendo cenário para discussões e preocupações políticas, suas terras e as riquezas naturais oferecidas pela região são motivo de cobiça desde a época em que os espanhóis e portugueses aqui chegaram. Desde então, o grande potencial de recursos (minerais, hídricos e vegetais) existentes, desperta o interesse do mercado internacional, que em consequência da situação apropriam-se e dilapidam esses recursos. Nessa perspectiva, Batista (2007, p.33) afirma que:

O descompasso que se vem acentuando entre a terra e o homem da Amazônia começou com o povoamento. Os alimentos produzidos na região vêm diminuindo em quantidade, por terem aumentado os consumidores, sem que se intensificasse racionalmente sua produção[...] O homem tem travado um duelo secular com a natureza, para colher a especiaria, graças à qual tem enfrentado as solicitações do comércio exterior, produzindo o que tem constituído a sua sobrevivência.

A Amazônia, como podemos ver, é motivo de cobiça principalmente no mercado internacional desde os tempos remotos; a principal fonte de alimentação para a população encontra-se na floresta e nos rios, sendo o peixe e alguns animais de caça os principais alimentos para as populações que habitam as margens dos rios. É nesse panorama histórico e social que se constituiu a população ribeirinha. Ribeirinhos são pessoas que vivem às margens dos rios e estão diretamente ligados ao processo de ocupação da Amazônia.

O processo de ocupação da Amazônia deu-se em razão de interesses políticos e econômicos da coroa portuguesa, cujo objetivo era fixar o homem branco nas terras da Amazônia, com o intuito de dominar a nova terra ocupada. Todo esse processo resultou na miscigenação entre brancos e índios, criando assim mais uma figura étnica, conhecida na região como caboclo. Assim, surge o termo conhecido na Amazônia como caboclo/ribeirinho.

Em 1755, com a finalidade de aumentar o povoamento na Amazônia, foi criado em Portugal um alvará que incentivava os portugueses de ambos os sexos se casarem com os nativos americanos, consolidando ainda mais o povoamento principalmente na Amazônia, incentivando o casamento inter-racial. A Coroa Portuguesa, em 1788, instituiu uma lei que ficou conhecida como Diretório dos Índios. Guzmán (2008, p.75) afirma que:

Neste documento a Coroa Portuguesa, afirmava que para extinguir odiosa e abominável separação entre índios e brancos, fomentassem os diretores os casamentos de uns e outros por não haver nisso má fama. Castigassem-se os que depois de casados, desprezassem os seus maridos ou as suas mulheres, por serem nativos [...].

O que se percebe na afirmação do autor é que essa miscigenação entre o branco e o índio, ocorrida durante esse período, não aconteceu de maneira “natural”, e sim como consequência de um processo político de conquista e ocupação do território brasileiro. Nessa perspectiva, aponta ainda o autor que essa mesma política que incentivou o processo de miscigenação criou a invisibilidade da população miscigenada, através do Alvará de 1755, que proibia que os filhos de casamento entre mestiços fossem chamados de *Caboclos*, pois de acordo com o documento, caboclo era um termo pejorativo. De acordo com Guzmán (2008, p.74) “Tratava-se de uma ‘alcunha injuriosa e ofensiva’. Caboclo, torna-se a partir de então um interativo vocabulário oficial [...]”.

Desde esse tempo até os dias atuais, esse estigma permanece como parte da identidade dos habitantes da zona rural da Amazônia, principalmente o ribeirinho, que até hoje é visto como preguiçoso, indolente, incapaz. Todos esses termos foram designados pelo colonizador,

cujo objetivo era obter mão de obra que facilitasse a exploração das terras descobertas, no afã de criar uma legião de trabalhadores, mas tendo uma certa resistência por parte dos nativos, uma vez que eles eram detentores de sua própria cultura, caracterizada por costumes e maneiras próprias de trabalhar com a terra, não se subjugaram à dominação imposta, recebendo então essa designação.

O termo caboclo possui diferentes significados. Gonçalves (2008, p.155), com referência ao termo, se reporta:

É preciso que tenhamos um certo cuidado com a expressão *caboclo* muito usada na Amazônia e que tenta designar essas populações. Sendo a Amazônia extremamente diferenciada em diversas sub-regiões. No Acre, a expressão *caboclo* foi, na década de 1970, muito usada por fazendeiros para indicar que não eram indígenas as populações que habitavam aqueles rios, sobretudo do alto Juruá. Assim, a expressão *caboclo* era usada não para afirmar, mas para negar a identidade indígena e todos os direitos à demarcação de terras que derivam dessa condição.

Podemos perceber que o termo, ao longo do tempo, vem gerando uma relação conflituosa de identidades. Ribeirinhos são pessoas que vivem às margens dos rios, furos e igarapés, são proeros e pescadores, que apesar da invisibilidade que lhes foi imposta, são possuidores de um saber amazônico passado de geração em geração, aprendido em suas subidas e descidas pelos rios. São sujeitos que construíram suas histórias na relação direta com a água e com a floresta, seja da várzea ou da terra firme. A água fornece a alimentação, o peixe, e a floresta oferece os recursos extrativistas, tanto para a alimentação quanto para a vida econômica.

Os rios são suas vias de acesso e também servem como meio de comunicação e de informação, transformando esses saberes existentes em novos saberes. Essa relação entre água e floresta representa a alma do amazônida. Seguindo essa linha de pensamento, assumimos a denominação “caboclo ribeirinho” proposta por Witkoski (2007, pp.97-98):

Quando usamos o termo caboclos/ribeirinhos, estamos nos referindo àquele agrupamento social/rural da Amazônia, que tem continuidade histórica com os índios que habitavam a região desde a posse e conquista (índio das águas), possuem um ótimo sistema adaptativo para a região e é portador de uma cultura relativamente distinta da sociedade nacional.

Os ribeirinhos, além de apresentarem peculiaridades e características próprias, suas principais atividades são a pesca, o extrativismo vegetal e o cultivo de pequenos roçados para sua própria subsistência. Suas atividades estão diretamente relacionadas com os rios, pois além de servirem como via de locomoção, servem também para lazer e meio de sobrevivência, daí a

importância e o significado atribuídos aos rios para essas pessoas. Nesse processo, ele vai se constituindo como sujeito, capaz de transformar e ser transformado. Seu principal desafio é vencer os preconceitos que a eles foram impostos, defender-se dos interesses da sociedade capitalista globalizante, que tenta homogeneizar os sujeitos, impondo-lhes costumes e formas de viver que não fazem parte de sua constituição social, muitas vezes ocasionando uma descaracterização de sua identidade, mas cujo interesse é a apropriação das riquezas que a Amazônia guarda.

Figura 07 – Casa de ribeirinhos



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.⁶

Figura 08 – Casa de ribeirinhos



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.⁷

⁶ Acesso em 29 set/2016.

⁷ Acesso em 29 set/2016.

Figura 09 – Pesca do Pirarucu



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.⁸

Figura 10 – Transporte de ribeirinhos em rabeta



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.⁹

Como percebemos nas imagens, ribeirinhos são estas pessoas que, por meio de suas atividades, constroem suas relações com o ambiente do rio, e nessas relações vão se constituindo como sujeitos amazônida, na relação direta com o rio, com a terra e com a floresta, onde criam e recriam o seu espaço.

⁸ Acesso em 29 set/2016.

⁹ Acesso em 29 set/2016.

Figura 11 – Comunidade Ribeirinha



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.¹⁰

Como podemos perceber, a terra, a água e a floresta são elementos que participam de modo decisivo da vida dos ribeirinhos, numa relação direta com a complexidade e a diversidade de viver na Amazônia. Habitar esses espaços é um desafio, mas é ao mesmo tempo um aprendizado e uma convivência com diferentes saberes e culturas. É ser médico e curandeiro ao mesmo tempo, é trabalhar com conhecimentos de práticas medicinais com remédios, é domesticar plantas e animais em meio à densa floresta, é culinária que une o exótico e o natural.

É sob essa perspectiva que devemos analisar a Amazônia, a partir de uma visão diferenciada da versão reacionária, acrítica e conveniente que o colonizador deixou como legado. Com a sua visão política, Freitas (2005, p.32) nos diz que a Amazônia não é “somente natureza, ela é cultura; não constitui um ponto de divergência mundial, ela representa uma construção e uma síntese de um manejo equilibrado da natureza pelas suas populações nativas”.

Wilson Nogueira (2008), escritor amazonense, interpreta a Amazônia não só como “natureza, sociedade e cultura”, mas também como resultado do processo histórico de expansão do modo de produção capitalista e de suas formas de intervenção: “mercantilismo, colonialismo, imperialismo, internacionalismo e globalismo”. Seguindo a linha de pensamento do escritor, cada um desses modos de produção, denominados por ele de metáforas/metamorfoses, desencadeou fenômenos sociais que desafiaram e continuam desafiando os conhecimentos científicos.

¹⁰ Acesso em 29 set/2016.

Figura 12 – Mapa do Estado do Amazonas com seus limites



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.¹¹

1.3 – A capital manauara

Fazendo parte desse cenário amazônico destaca-se o Estado do Amazonas, um dos nove Estados da federação que compõem a região Norte. O Amazonas possui área territorial de 1.559.161,682 km², compreendendo 62 municípios, com uma população de 4.001.667 habitantes. Os limites do Estado do Amazonas são: ao leste, o Estado do Pará; ao sudeste, Mato Grosso; ao sul e sudoeste, os Estados de Rondônia e Acre; ao norte o Estado de Roraima e ainda limita-se ao norte, noroeste e oeste, com a Venezuela, Colômbia e Peru respectivamente.

A capital do Estado é Manaus, banhada pelo Rio Negro, um dos afluentes do Rio Amazonas e é a maior cidade de toda região Norte, fundada em 1669 pelos portugueses com o nome de Forte de São José do Rio Negro, foi elevada à vila em 1832 com o nome de Manaos, em homenagem à nação indígena dos manaós, sendo legalmente transformada em cidade no dia 24 de outubro de 1848, com o nome de Cidade da Barra do Rio Negro. Sua população atual é de 2.094.391 habitantes.

Oficialmente comemora-se o aniversário de Manaus no dia 24 de outubro. Todavia, foi somente em 4 de setembro de 1856, que a cidade voltou a ter seu nome atual. Passou a ser conhecida no começo do século XX, na época áurea da borracha, que atraiu além de investimentos estrangeiros, imigrantes de algumas partes do mundo, sobretudo franceses. Nessa época recebeu várias denominações como "Coração da Amazônia" e "Cidade da Floresta".

¹¹ Acesso em 29 set/2016.

centro industrial, comercial e agropecuário dotado de condições econômicas que permitam seu desenvolvimento, em face dos fatores locais e da grande distância, a que se encontram, os centros consumidores de seus produtos (BRASIL, 1967).

A Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) é o órgão responsável por administrar gerenciar, divulgar e manter a Zona Franca, estando subordinada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

A Zona Franca de Manaus tem como característica principal o fato de ser constituída por três polos econômicos: o comercial, o industrial e o agropecuário. O polo comercial foi criado na década de 1980 e tinha maior atividade quando a economia brasileira era muito fechada para o mercado externo. Tem no polo industrial a principal atividade da região, responsável pela geração da maior parte dos empregos e do movimento do capital. Atuando principalmente na atividade agroindustrial, o polo agropecuário apresenta também outros vínculos, como a comercialização de madeira, a piscicultura, uma referência para a economia local.

Sob o ponto de vista legal, a criação da Zona Franca de Manaus aconteceu durante o Governo de Juscelino Kubitschek. Contudo, a sua inauguração em termos práticos só se concretizou durante o período da ditadura militar, no ano de 1967. Como o slogan da sociedade na época era “integrar para não entregar”, os militares demonstraram uma grande preocupação e várias tentativas de promover uma maior ocupação do território da Amazônia, sobretudo com o intuito de garantir a soberania de uma área praticamente não povoada no país.

Outra fonte de renda que vem crescendo no Amazonas nos últimos tempos é o turismo, principalmente o ecoturismo, que se faz presente em algumas áreas restritas do estado, e que vem atraindo muitos turistas, entre os quais merecem destaque: encontro das águas, mergulho com os botos no Rio Negro, entre outras atrações, que levam o estado a apresentar uma diversidade turística, num contato íntimo do homem com a natureza da fauna e flora amazônicas, além do contato direto com centenas de lagos, rios e igarapés, ricos em espécies vegetais e animais.

O clima no Amazonas é o equatorial quente e úmido, devido à aproximação com a linha do Equador, e como consequência apresenta altos índices pluviométricos e altas temperaturas, ocasionando assim uma grande evaporação que se transforma em chuva. A temperatura média do Estado atinge 34,1°C, na época do verão (estação com baixo índice de chuvas), as temperaturas chegam a atingir 39° a 40°C.

A vegetação do Amazonas apresenta uma grande diversidade na sua composição, devido à grande quantidade de calor que recebe. Estudos realizados demonstram que a Floresta Amazônica apresenta variações que as classificam de acordo com as particularidades de cada local. Dessa forma, temos na floresta, mata de igapó, mata de várzea e mata de terra firme.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica a Floresta Amazônica em: Floresta Ombrófila Densa (Floresta Pluvial Tropical), Floresta Ombrófila Aberta (Floresta de Transição), Savana, Cerrado, Campo, Campinarana, formações Pioneiras de influência fluvial (vegetação aluvial) e Área de tensão Ecológica.

O Estado do Amazonas é banhado por vários outros rios que são afluentes do rio Amazonas e que formam uma espécie de rede hidrográfica. Entre esses rios destacamos: Purus, Juruá, Iça, Vapés, Negro, Madeira e Solimões. A Bacia do Rio Amazonas representa 20% de toda a reserva de água doce do planeta.

Figura 14 – **Vista da cidade de Manaus (AM)**



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.¹³

¹³ Acesso em 29 set/2016.

Figura 15 – **Teatro Amazonas**

Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.¹⁴

Figura 16 – **Ponte sobre o Rio Negro**

Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.¹⁵

Esta é a Manaus de hoje, que conseguiu atingir um certo grau de desenvolvimento, o centro financeiro, corporativo e econômico da Região Norte do Brasil. É uma cidade histórica e portuária, sendo uma das cidades brasileiras mais conhecidas mundialmente, principalmente pelo seu potencial turístico e pelo ecoturismo, o que faz de Manaus o décimo maior destino de turistas no Brasil.

Com a sexta maior economia do Brasil, a cidade aumentou gradativamente a sua participação na composição do setor econômico brasileiro nos últimos anos, passando a responder por 1,4% da economia brasileira. A revista América Economia, destacou a cidade de

¹⁴ Acesso em 29 set/2016.

¹⁵ Acesso em 29 set/2016.

Manaus como uma das 30 melhores cidades no ramo de negócios da América Latina, ficando à frente de capitais de países sul-americanos como Caracas, Assunção e Quito.

Na parte arquitetônica da cidade, Manaus apresenta um grande acervo cultural, com destaque para os museus, palácios, templos e o seu teatro (Teatro Amazonas), que é referência no país. Esse é o panorama atual de uma cidade amazônica, que vem crescendo e apresentando um notável desenvolvimento em diversos setores, principalmente no setor turístico.

1.4 – Parintins: uma ilha no meio da floresta

Além da capital Manaus, outro município do estado do Amazonas se destaca: a cidade de Parintins, localizada no interior do Amazonas, distante 370 km de Manaus em linha reta e via fluvial 420km.

Para falar dos vários aspectos que fazem parte da origem e evolução de Parintins, me apropriro dos versos da música, do compositor parintinense, Chico da Silva, que para homenagear a cidade compôs essa canção, intitulada Cantiga de Parintins:

Na ilha tupinambarana nasceu Parintins
que eu vou decantar
Parintins dos parintintins
nome da tribo desse lugar
Parintins dos parintintins
Nome da tribo desse lugar
(CHICO DA SILVA, 1983)

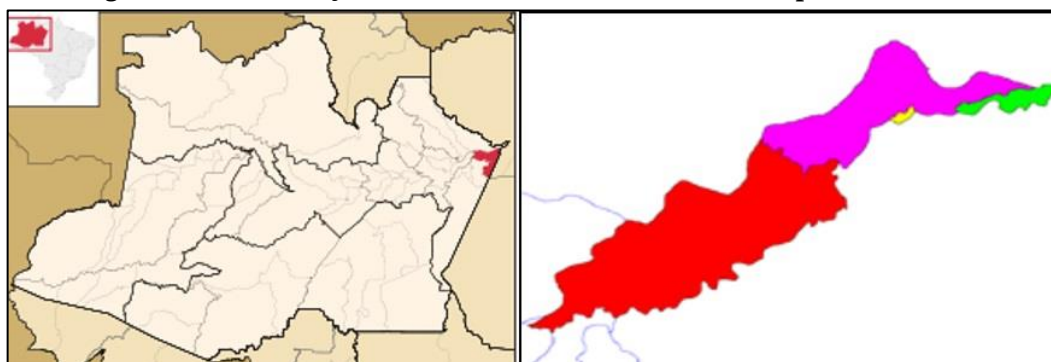
Assim, como demonstrado nos versos da canção, a cidade de Parintins foi constituída no ano de 1796, quando o navegante português, José Pedro Cordovil, chegou na ilha que ficava à margem direita do rio Amazonas, habitada pelos índios Tupinambás. Além da tribo dos Tupinambás, também habitavam a ilha os índios Parintintins, Maués e Sapupés. Instalando-se com seus escravos na ilha recém descoberta, organizou um sítio que denominou de Tupinambarana, primeiro nome que a cidade recebeu e que até hoje é conhecida pela denominação de “Ilha Tupinambarana”.

Cordovil, depois de manter os primeiros contatos com a ilha e organizá-la, entregou a direção do sítio a Frei José das Chagas em 1804, que recebeu a denominação de “Missão Vila Nova da Rainha”. Esse nome foi dado ao município em homenagem a rainha D. Maria I, que era a dona da ilha. Em 25 de junho de 1825, por um decreto do governo do Pará, a missão elevava-se outra vez, passando a chamar-se “Freguesia de Nossa Senhora do Carmo de

Tupinambarana”. Em 1848, pela Lei Provincial do Pará, nº 146, a Freguesia passou a chamar-se “Vila Bela da Imperatriz”.

O município, então, foi constituído, mas não foi instalado. Assim, através da Lei nº 02, de 15 de outubro de 1852, foi confirmada a criação do município, mas sua instalação só se deu em 1858. No ano de 1880, Vila Bela, a sede do município, passou a chamar-se Parintins, nome originado de Parintintin, tribo indígena que habitava a ilha quando Pedro Cordovil lá chegou para se instalar e explorar as riquezas naturais que a ilha oferecia. Da época de sua fundação até os dias atuais, Parintins sofreu várias transformações e desenvolvimento que veremos a seguir.

Figura 17 – **Localização de Parintins no Amazonas e o mapa de Parintins**



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.¹⁶

A Ilha Tupinambarana ou Parintins está situada à margem direita do rio Amazonas, pertence a mesorregião do Centro Amazonense, região mais ocidental do estado, fazendo parte da região conhecida como Baixo Amazonas.

A população de Parintins foi estimada em 2015, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 111.575 habitantes, e uma área de 5.952,369 km². Parintins é considerado o segundo município depois da capital Manaus. Sua vegetação é tipicamente amazônica, tendo em sua composição floresta de terra firme e floresta de várzea. Por ser um arquipélago, na época das cheias do rio, a ilha fica entrecortada de lagos, furos, restingas, paranás e igapós. Tem ao seu redor um relevo composto por ilhotas e uma pequena serra, com 157m de altura, denominada Serra da Valéria (Serra de Parintins), as altas terras do Paurá, que

¹⁶ Acesso em 29 set/2016.

é um divisor entre Parintins e Nhamundá. Na ilha Tupinambarana, encontra-se a sede do município com uma altitude de 50m em relação ao nível do mar.

Figura 18 – Vista parcial do centro de Parintins



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.¹⁷

Figura 19 – Cidade de Parintins



Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/fotos/amazonia.htm>.¹⁸

A população do município é o resultado da miscigenação das três etnias básicas que compõem a população brasileira: o índio, o europeu e o negro, do cruzamento do branco com o índio, surgiram os mestiços da região, conhecidos como caboclos. Segundo dados do IBGE (2015), grande parte da população de Parintins pertence à religião católica, representando 81.1% dessa população, 15.7% evangélicos, 0.1% espíritas e 3.1% outras religiões. Marcada por traços culturais, políticos e econômicos herdados dos portugueses, espanhóis, italianos e

¹⁷ Acesso em 29 set/2016.

¹⁸ Acesso em 29 set/2016.

também dos japoneses, formou-se uma cultura singular, que caracteriza a população da cidade, seus valores e seu modo de vida.

Merecem destaque também os ameríndios, a importância deste povo está na contribuição dada à questão étnica, pois foram eles que iniciaram a ocupação humana da Amazônia, e seus descendentes, oriundos dos casamentos entre europeus e indígenas, que foram denominados caboclos, desenvolveram-se em contato íntimo com o meio ambiente, adaptando-se às peculiaridades regionais e oportunidades oferecidas pela floresta. Formou-se, então, a população mestiça que habita até hoje os espaços Amazônicos entre os quais está inserido Parintins.

Por criar e sediar uma das grandes manifestações culturais do estado, o “Festival Folclórico de Parintins”, em que duas figuras importantes se destacam, o “Boi Caprichoso”, representado pelas cores azul e branca e o “Boi Garantido” representado pela cor vermelha e branca. Parintins, por conta da identidade cultural, fortemente representada pelas duas agremiações folclóricas, se divide através de uma linha imaginária, que é visivelmente percebida por quem chega à cidade pela primeira vez e se depara com a pintura das casas que fazem parte da cidade, as placas de sinalização, faixas de pedestres, orelhões ou qualquer outro objeto público, que esteja inserido em um dos lados dessa linha imaginária. Ou seja, a cidade é dividida em um lado azul e outro vermelho.

A hidrografia da ilha é composta principalmente pelo Rio Amazonas, fazendo parte do complexo fluvial da Bacia Amazônica. Estudos apontam que o trecho que compreende a foz do Rio Nhamundá e Parintins, a largura do Rio Amazonas é de 50km. O grande rio Amazonas representa a grande estrada fluvial que liga Parintins à capital e também ao Estado do Pará, servindo como via de escoamento e abastecimento do município.

Além do rio Amazonas, Parintins ainda tem importantes rios que servem como vias fluviais entre as comunidades, que fazem parte do município, a saber: o Paraná do Ramos, o Paraná do Espírito Santo, o Paraná do Limão, Rio Uiacurapá, O Rio Mampurú, o Lago do Macuricanã, o Lago do Aninga, o Lago do Parananema, o Lago do Macurany e a Lagoa da Francesa, os quatro últimos são de vital importância quanto à sua preservação, pois estão localizados na sede do município, e, por servirem como atração turística da cidade, com os famosos banhos, estão mais suscetíveis a degradação e poluição.

No tocante à economia, o município, nas décadas de 1950 e 1960, foi grande produtor de juta, cultura que durante anos alimentou a economia da cidade, chegando inclusive a ter uma

fábrica na cidade para a produção e tecelagem do produto, gerando assim grande fonte de renda e emprego para a população. Com a decadência dessa cultura, o município tornou-se grande produtor de gado bovino e bubalino, produção que lhe conferiu o título de primeiro produtor do estado. Além da pecuária, que hoje já não alcança mais essa escala, o município também produz banana, mandioca, macaxeira, melancia, juta, batata doce, entre outros. Além desses produtos, a pesca atualmente completa a produção do setor primário, uma vez que o município tem uma produção que abastece não só o município, como também outros lugares.

No setor secundário, merecem destaque algumas indústrias que aparecem em pequenas escalas, responsáveis apenas para atender as necessidades do município. Embora o município já tenha sido grande produtor da essência do pau rosa (óleo extraído da madeira pau rosa, que serve para perfume), hoje esse ramo da indústria já não faz parte da economia. O setor secundário é voltado para pequenas indústrias como: indústria madeireira (voltada para beneficiamento de madeira para exportação e confecção de móveis); indústria alimentícia (fabricação de doces e compotas com frutas regionais); indústria oleira (fabricação de telhas, tijolos e objetos artesanais), indústria química (fabricação de óleos, como do pau rosa, óleo de copaíba, andiroba); indústria de vestuário (malharias, confecção de roupas); indústria gráfica (produção de impressos em geral); indústria naval (fabricação de embarcações e reparos em máquinas e motores de embarcações).

Embora Parintins conte hoje com mais de 1.500 comércios espalhados por toda cidade, a mão de obra formal é composta pelos funcionários públicos (federal, estadual e municipal). A outra parte da população empregada concentra-se nos comércios varejistas e atacadista. Conta com dois hospitais públicos, um pertencente à autarquia municipal e o outro mantido pela diocese de Parintins, com o apoio do Governo do Estado.

No que se refere à educação, Parintins conta hoje com 20 escolas de nível fundamental e médio, pertencentes à rede pública estadual e 135 escolas da rede municipal, nos seguintes níveis e modalidades: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio regular e ensino médio tecnológico, distribuídas entre a zona urbana e a zona rural do município. A cidade possui ainda um CETI (Centro de Educação Integrada), pertencente à rede estadual de educação e conta ainda com um campus do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), que oferece cursos de Ensino Médio e Ensino Técnico Profissionalizante.

Com relação à educação superior, duas universidades compõem esse cenário educacional. A Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que foi implantada na cidade na década de

1970, como uma extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e, na década de 1980, a UFAM retoma a universidade como seu campus avançado, oferecendo cursos de licenciatura em Química, Física, Matemática, Filosofia e Pedagogia. Em 2007, Parintins recebeu seu próprio campus da UFAM, agora oferecendo cursos em Serviço Social, Comunicação Social - Jornalismo, Administração Organizacional, Pedagogia, Zootecnia, Educação Física e Artes Plásticas.

Outra universidade no cenário educacional parintinense é a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que foi criada criada pela Lei estadual n.º 2.637 de 12 de janeiro de 2001. Instituída pelo estado, a UEA implantou vários Centros e Núcleos de Ensino Superior por toda a capital e interior. Em Parintins está representada através do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CEP/UEA), com os seguintes cursos: Licenciaturas em: Pedagogia, História, Geografia, Física, Matemática, Letras, Química, Ciências Biológicas, Tecnologia em Turismo, Direito, Saúde Coletiva, Ciências Econômicas e Tecnologia em Gestão Pública, Agroecologia e por último implantou o curso de Enfermagem. O CESP/UEA, também implantou cursos de Especialização *lato sensu* nas áreas de Educação Ambiental, Metodologia do Ensino Superior, Metodologia em História, entre outros, e o Mestrado em Educação, Ciências e Matemática.

Parintins, além de dispor de uma ampla rede de escolas públicas, conta também com uma escola de ensino fundamental privada (a única escola particular que possui a cidade), ligada ao Serviço Social da Indústria (SESI), criada em 2012. Conta ainda com duas Universidades privadas, que oferecem cursos na área administrativa. No ano de 2015, de acordo com os dados estatísticos do IBGE, foram matriculados na educação infantil, 3.784 alunos, no ensino fundamental 20.723 e no ensino médio 7.020, entre as redes estadual e municipal. Além do SESI, dispõe ainda de unidades do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

Diante do cenário apresentado sobre a educação do município, Parintins vem se destacando na educação, atingindo grandes índices de desempenho educacional, tornando-o um dos municípios do Estado com o melhor aproveitamento em alfabetização da rede estadual. Aliado a esse desenvolvimento educacional, temos também um grande avanço na área cultural.

O Festival Folclórico de Parintins, que acontece no último final de semana de junho, deu a Parintins o título de Ilha Mundial do Folclore, por apresentar uma das mais importantes manifestações culturais de um povo. Nela, duas figuras se destacam, as Agremiações Folclóricas, “Boi Bumbá Caprichoso” e “Boi Bumbá Garantido”. O Festival Folclórico de

Parintins é uma das formas mais expressivas da cultura do povo, que acontece na forma espontânea dos costumes, lendas e tradições de seus antepassados indígenas.

Na visão de Simão Assayag (1995), pesquisador do Bumbá Caprichoso, o festival é, sobretudo, uma “festa de integração onde parintinenses e visitantes nivelam-se, social e espiritualmente, numa harmonia abençoada por Tupã e todos os credos”.

Figura 20 – **Boi Bumbá Caprichoso e Boi Bumbá Garantido**



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Folcl%C3%B3rico_de_Parintins¹⁹.

Figura 21 – **Apresentação do Festival no Bumbódromo**



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Folcl%C3%B3rico_de_Parintins²⁰.

¹⁹ Acesso em 29 set. 2016.

²⁰ Acesso em 29 set. 2016.

O Festival Folclórico de Parintins nem sempre teve essa grandiosidade que atualmente apresenta. Começou de maneira muito simples; o Boi Bumbá de Parintins tem suas raízes na herança cultural nordestina, do Bumbá meu Boi do Maranhão. Quem introduziu o Bumba meu Boi foi Marçal Mendes de Assunção, maranhense criado no Pará, que se mudou para Parintins, no ano de 1910, e lá casou-se com uma parintinense, fixando residência nessa cidade. O primeiro Boi criado em Parintins era denominado “Turuna”, na cor marrom, nos moldes do Bumba meu Boi do Maranhão.

Embora nenhuma literatura afirme com certeza, a criação do Boi Bumbá em Parintins data dos anos de 1913. O que se pode afirmar é que a brincadeira de Boi começou nas ruas de Parintins; os nordestinos começaram a cantar suas canções nas ruas e depois houve uma adaptação das manifestações culturais locais para a transformação em Boi Bumbá. Dessa forma, as duas figuras importantes, responsáveis pela origem do festival, são o Boi Bumbá Caprichoso e o Boi Bumbá Garantido.

Dessa época em diante as duas agremiações folclóricas começaram suas apresentações nas ruas da cidade para os simpatizantes de cada grupo folclórico. Na época da criação das duas agremiações, foi legalmente instituído que a Agremiação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso (nome original), se apresentaria levando as cores azul e branca, e a figura representativa da agremiação, o boi de pano, teria a cor preta, como símbolo, uma estrela azul, localizada na testa do boi.

Da mesma forma, a Agremiação Folclórica Boi Bumbá Garantido, em suas apresentações, defenderia as cores vermelha e branca, a figura representativa da agremiação, o boi de pano, teria a cor branca, e como símbolo, um coração vermelho, localizado na testa do boi.

Figura 22 – Figuras regionais, Caprichoso e Garantido



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Folcl%C3%B3rico_de_Parintins²¹.

As apresentações foram adquirindo características de um grande espetáculo; logo fez-se necessária a criação de um espaço para as apresentações dos bumbás. Inicialmente foi criado um palco, construído em madeira, que recebeu a denominação de tablado, onde durante muitos anos as duas agremiações realizavam suas apresentações. Em 1965 aconteceu o primeiro Festival Folclórico de Parintins. Nesse primeiro momento, além dos dois bumbás, vinte e duas quadrilhas também se apresentaram.

A primeira disputa veio no segundo ano do Festival, vencido pelo Boi Bumbá Garantido; a partir de então, a disputa tornou-se acirrada entre os dois Bois, havendo inclusive a necessidade da criação de um regulamento com critérios para a apresentação dos itens a serem julgados, pessoas credenciadas para realizarem o julgamento das apresentações e a atribuição de notas para cada item julgado. No dia 24 de junho de 1988, foi inaugurado o Centro de Convenções Culturais Amazonino Mendes, conhecido popularmente como “Bumbódromo”, criado inicialmente com a capacidade de abrigar um público de 11mil pessoas, distribuídos em arquibancadas, cadeiras especiais e camarotes; com a reforma ocorrida em 2013, sua capacidade foi aumentada para 16mil pessoas.

De 1965 até o ano de 2005, o Festival Folclórico de Parintins, acontecia nos dias 28, 29 e 30 de junho, não importando o dia da semana que caísse. Todavia, no ano de 2005, devido a imposições dos patrocinadores, passando a ser objeto de atenção da mídia e sendo ainda

²¹ Acesso em 29 set. 2016.

considerado uma grande atração turística da cidade, essa tradição da data sofreu alteração, através de lei municipal, passando a realizar-se no último final de semana do mês de junho. Vale ressaltar que a primeira edição do Festival, transmitida ao vivo, por uma emissora de televisão, foi no ano de 1994, cuja transmissão foi realizada pela TV Amazonas, afiliada da rede Globo. Desse período até hoje, várias outras emissoras compraram o direito de transmissão do Festival.

Na época do Festival ocorre algo bastante inusitado e peculiar. Os patrocinadores do festival, entre os quais destacamos o Banco Bradesco, a Coca Cola etc., para estarem com suas logomarcas no Bumbódromo têm que respeitar as cores dos Bumbás; logo, a logomarca da Coca-Cola embora seja vermelha, no lado pertencente ao Caprichoso, vira azul e assim acontecendo com a logomarca do Bradesco. Da mesma forma, se a predominância da cor for azul, acontece o mesmo no lado do Garantido. Os organismos e demais patrocinadores devem respeitar as normas regulamentares dos Bumbás.

Figura 23 – Bumbódromo de Parintins, local das apresentações no Festival



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Festival_Folcl%C3%B3rico_de_Parintins²².

A imagem acima mostra o local de apresentação dos dois grupos folclórico e também é palco para a realização de outros eventos e apresentações que acontecem na cidade durante o ano. São esses aspectos que constituem o panorama histórico, político, social e cultural do município, as comunidades que fazem parte de sua organização política, vão sofrendo influência de todo esse movimento que acontece na cidade e que repercute no desenvolvimento dessas comunidades ribeirinhas, que fazem parte de seu entorno.

²² Acesso em 29 set. 2016.

Dentre essas comunidades, destaca-se a Comunidade de Nossa Senhora da Conceição, situada à margem direita do Paraná do Ramos, localizada em uma área do município conhecida como área de várzea, em que a educação se faz presente através da rede municipal de ensino, com sua história, sua cultura, seu modo de vida típico de um ambiente ribeirinho, que serviu como campo de investigação, para a realização deste estudo. Nela se pretendeu investigar não só a educação como forma de desenvolvimento, mas também como é ser professor, em um ambiente tão peculiar e rico em saberes não formais e ao mesmo tempo uma realidade desconhecida para o profissional que ali se instala.

1.5 – A Educação no ambiente ribeirinho

Pensar a educação no contexto ribeirinho é tentar estabelecer uma relação com esta realidade, pois é esse contexto diferenciado que se constitui em *lócus* de desenvolvimento para o aluno, que muitas vezes nos é desconhecido. Um ambiente com um modo de vida próprio, onde se observa um movimento cultural próprio, como o barulho das embarcações passando a todo momento pelo rio, o canto dos pássaros e o som de outros animais como galinhas, perus, porcos, a água que não é potável embora esse líquido seja encontrado em abundância e todos os sons da natureza ali presentes, que não são comuns no perímetro urbano e que são uma constante nesses ambientes.

Mota Neto (2004, p.82) aponta ainda algumas peculiaridades típicas desses ambientes, que exercem influência direta nas escolas, entre as quais se destacam: as escolas apresentam condições precárias tanto físicas quanto pedagógicas; dificuldades no acesso e continuidade nos estudos, provocados pela distância, acesso e deslocamento até os lugares das aulas; constante rotatividade dos docentes; falta de professores e organização pedagógica em classes multisseriadas, que abrangem a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino Fundamental.

No geral, essas escolas funcionam em espaços comunitários como salões comunitários, residências, centros paroquiais, entre outros, e geralmente fazem parte do sistema municipal de ensino. São esses espaços educacionais onde convivem professores e alunos. Dessa forma, o professor atua num ambiente que em princípio lhe é desconhecido, mas com grandes possibilidades de propiciar ao professor a construção de uma atividade docente pautada na realidade local com um enfoque cultural, que possibilite tanto ao professor e principalmente ao aluno o estabelecimento de uma aprendizagem efetiva e significativa.

Segundo a Psicologia sócio-histórica, a atividade humana é sempre significada: o homem, no agir humano, realiza uma atividade externa e uma interna, e ambas as situações operam com os significados. Nessa perspectiva, Vigotski (2001, p.72) lembra que internalizamos não o gesto como materialidade do movimento, mas a sua significação, que tem o poder de transformar o natural em cultural. Os processos cotidianos do ambiente escolar amazônico são mediados por simbologias em sua grande parte, e qualquer ação educativa nessa perspectiva só poderá ter sentido se pensada com os sujeitos observando suas necessidades, ou seja, pensar o currículo na relação direta com o modo de vida de cada sujeito que pertence àquela realidade.

Elencamos, a seguir, alguns aspectos da atividade docente, que é comum a todos os professores, independentemente de ser da zona urbana ou rural, entre as quais destacamos: a organização do tempo e espaço, preparo da sala para receber as crianças, planejamento da rotina levando em consideração as crianças que irão fazer parte daquela realidade escolar, elaboração de projetos tendo em vista os saberes das crianças entre outras.

Os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (RCNEI), em seu art. 3º, define o Currículo como:

Um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de zero a cinco anos (BRASIL, 1997).

A partir desses pressupostos, vamos abordar alguns aspectos que devem integrar o processo de constituição da prática docente do professor da Educação Infantil ribeirinha em um ambiente amazônico, entre os quais destacamos: o aspecto cultural que permeia a comunidade em estudo, estratégias e recursos educativos que facilitem a aprendizagem do aluno através da integração entre os saberes tradicionais e o saber científico, este último entendido como elemento interlocutor da atividade curricular com o fazer do professor, observando as necessidades dos alunos e ajudando a significar a prática do professor, pautada em ações profissionais compromissadas e permeadas pelo à diversidade cultural local.

Sabemos que a região Amazônica apresenta peculiaridades e particularidades que são típicas da região, principalmente no que se refere às questões ambientais e climáticas da região. É uma região que apresenta um alto índice pluviométrico, um clima quente e úmido, uma floresta composta de uma vegetação densa e o “fenômeno da cheia”, como é conhecido em toda

região, o período do ano em que as águas dos rios se elevam, provocando enchentes e inundações em alguns estados e municípios que fazem parte do complexo amazônico.

Tendo o fenômeno da enchente dos rios como peculiaridade, a educação escolar nas comunidades ribeirinhas sofre as consequências desse fenômeno natural. As escolas das comunidades ribeirinhas de várzea têm um calendário escolar diferenciado, iniciando o período letivo em setembro ou outubro, variando de acordo com o período da vazante do rio e terminando o período letivo em abril ou maio, conforme também o período de enchente do rio.

Nesse contexto, o professor inicia suas atividades docentes organizando e planejando suas atividades, adequando a organização pedagógica do espaço escolar de forma a atender as especificidades locais, mas sem perder de vista as características partilhadas com a Educação Infantil para todas as crianças, de acordo com os preceitos propostos nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1997). Dessa forma, professores e alunos vão se constituindo como sujeitos dessa realidade; como afirma Vigotski (2001) “o homem é um ser ‘dialético’, constituído historicamente na relação com o social, o que o torna único e singular”, sendo que este homem se constitui na e pela atividade. Sobre isso, Freire (2008) fala da “importância da relação em tudo que fazemos na nossa experiência existencial enquanto experiência social e histórica”.

Os pressupostos e os saberes necessários à constituição de uma prática docente são diversos, entretanto, nossa intenção não é aprofundar todos os saberes da prática docente. O objetivo ao apresentar o tema é refletir e analisar a relação do professor da Educação Infantil ribeirinha, com o ambiente educacional e social que ele desconhecia, por não fazer parte desse ambiente, já que a maioria dos professores que atuaram e atuam na escola em estudo é oriunda da cidade de Parintins, não nasceu e não convive na comunidade; por esse motivo, muitos dos costumes e tradições locais são desconhecidas destes professores.

Retomando o que alguns teóricos apresentam em suas abordagens, sobre a questão de saberes práticos, recorreremos a Geertz (1989), quando fala sobre o “ethos de um povo”; para o referido autor, o “ethos”, “pode ser entendido como o modo de vida, o jeito e suas formas práticas, ou ainda, o espírito – sentido valorativo de um povo ou de uma determinada sociedade”. Para compreendermos melhor o processo de ensinar e de aprender e de vivê-lo em sua plenitude em um contexto educacional ribeirinho, é necessário esse movimento de valorização cultural e apreensão do modo de vida; por isso, o professor, ao se deparar muitas vezes com a precariedade da estrutura escolar, do transporte escolar e do seu próprio para se

deslocar até a comunidade e das condições básicas oferecidas para sua permanência no ambiente escolar, se decepciona e se desmotiva, chegando a atitudes extremas de abandono da atividade, sem ao menos aprender a conviver com a realidade apresentada.

1.6 – Fundamentos legais da Educação

A atual política educacional brasileira e a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96 reconhecem a Educação Infantil, destinada às crianças de zero a cinco anos, como a primeira etapa da Educação Básica, indispensável à construção da cidadania. Apesar de sua trajetória no Brasil ter aproximadamente cem anos, somente a partir das duas últimas décadas vem se dando sua expansão.

Em seu Título V, a Lei nº 9.394/96, define os níveis e modalidades da educação e do ensino, dividindo o ensino em dois níveis: Educação básica, que compreende a educação infantil; o ensino fundamental de primeiro ao nono anos e ensino médio e Educação Superior. Apresenta como objetivos para a educação básica, a formação comum para o exercício da cidadania, a promoção de meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Além dos objetivos, a atual LDB organizou o ensino em séries ou ciclos, ficando a critério de cada estado essa organização, estabeleceu um calendário escolar, garantindo os 200 (duzentos) dias letivos. No entanto, esse calendário precisa atender às especificidades de cada região, principalmente aquelas regiões que apresentam especificidades e peculiaridades climáticas, como é o caso de algumas cidades e localidades na Amazônia que se encontram situadas às margens dos rios.

Vários fatores contribuem para essa expansão, dentre eles destacamos o avanço do conhecimento científico sobre o desenvolvimento da criança, a crescente participação da mulher no mercado de trabalho, uma maior conscientização social sobre o significado da infância e o reconhecimento, por parte da sociedade civil, sobre o direito da criança à educação em seus primeiros anos de vida.

O Parecer CNE/CEB, Nº 020/2009 afirma o seguinte: “A construção da identidade das creches e pré-escolas a partir do século XIX em nosso país insere-se no contexto da história das políticas de atendimento à infância, marcado por diferenciações em relação à classe social das crianças”. Enquanto para as mais pobres essa história foi caracterizada pela vinculação aos órgãos de assistência social, para as crianças das classes mais abastadas outro modelo se

desenvolveu no diálogo com práticas escolares. Essa vinculação institucional diferenciada refletia uma fragmentação nas concepções sobre educação das crianças em espaços coletivos, compreendendo o cuidar como atividade meramente ligada ao corpo e destinada às crianças mais pobres e o educar como experiência de promoção intelectual reservada aos filhos dos grupos socialmente privilegiados. Para além dessa especificidade, predominou ainda, por muito tempo, uma política caracterizada pela ausência de investimento público e pela não profissionalização da área.

Em sintonia com os movimentos nacionais e internacionais, um novo paradigma do atendimento à infância – iniciado em 1959 com a Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente e instituído no país pelo artigo 227 da Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/90) – tornou-se referência para os movimentos sociais de “luta por creche” e orientou a transição do entendimento da creche e pré-escola como um favor aos socialmente menos favorecidos para a compreensão desses espaços como um direito de todas as crianças à educação, independentemente de seu grupo social.

Neste mesmo sentido, deve-se fazer referência ao Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 10.172/2001, que estabeleceu metas decenais para que no final do período de sua vigência, 2011, a oferta da Educação Infantil alcançasse a 50% das crianças de 0 a 3 anos e 80% das de 4 e 5 anos, metas que ainda resistem como um grande desafio a ser enfrentado pelo país.

Frente a todas essas transformações, a Educação Infantil vive um intenso processo de revisão de concepções sobre a educação de crianças em espaços coletivos e de seleção e fortalecimento de práticas pedagógicas mediadoras de aprendizagens e do desenvolvimento das crianças. Em especial, têm se mostrado prioritárias as discussões sobre como orientar o trabalho junto às crianças de até três anos em creches e como garantir práticas junto às crianças de quatro e cinco anos que se articulem, mas não antecipem processos do Ensino Fundamental.

Nesse contexto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil elaboradas anteriormente por este Conselho (Resolução CNE/CEB nº 1/99 e Parecer CNE/CEB nº22/98) foram fundamentais para explicitar princípios e orientações para os sistemas de ensino na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de propostas pedagógicas. Embora os princípios colocados não tenham perdido a validade, ao contrário, continuam cada vez mais necessários; outras questões diminuíram seu espaço no debate atual e novos desafios foram colocados para a Educação Infantil, exigindo a reformulação e atualização dessas Diretrizes.

Ainda em relação às diretrizes, em consonância com o papel do Ministério da Educação (MEC), de indutor de políticas educacionais e de proponente de diretrizes para a educação, a Secretaria de Educação Básica (SEB) do MEC, por meio da Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI) do Departamento de Políticas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental (DPE), apresenta o documento Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil, em volumes 1 e 2.

Todos esses documentos legais vieram fundamentar e propor melhorias na qualidade da Educação Infantil em todo Brasil. Na comunidade ribeirinha do Estado do Amazonas, que serve de cenário para nossa pesquisa, a Educação Infantil é organizada por todas essas diretrizes, ressaltando-se as mudanças e transformações que vêm ocorrendo nesse nível de ensino e é nessa perspectiva que a escola ribeirinha vem tomando forma, agregando valores e procurando inserir a Educação Infantil de acordo com esse novo perfil escolar.

A atividade docente do professor nesse contexto assume um caráter específico, pois de acordo com Silva (2012, p.176), “o professor intervém, organiza o ambiente para que as aprendizagens possam ser otimizadas”. Assumindo aqui a posição da autora, no seu fazer pedagógico, o professor tem a possibilidade de construir junto com os alunos diversos instrumentos que irão proporcionar aos educandos aprendizagens significativas, principalmente àqueles que estão relacionados às vivências e experiências culturais que as crianças narram de si e do seu entorno.

Dessa forma, a relação dos professores com os saberes das crianças é construída ao longo das experiências pessoais e sociais que vão se estabelecendo no processo de interação entre os sujeitos envolvidos e, assim, dando a possibilidade de desenvolvimento da criança em todos os aspectos, atendendo aos dispositivos propostos nos documentos oficiais que fundamentam e organizam a Educação Infantil em nosso país.

CAPITULO II – FORMAÇÃO DE PROFESSORES: REFLEXÕES E CONSTRUÇÃO DE SABERES PARA UMA AÇÃO FORMATIVA

Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos – conteúdos – acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos (FREIRE, 2013, pp. 24-25).

2.1 – Formação de professores: um campo de possibilidades para a compreensão da realidade educativa e a formação humana

Para iniciar nossa fala sobre formação de professores, torna-se necessário destacar alguns princípios teóricos e metodológicos que norteiam essa prática. Existem alguns saberes apontados por Freire (2013, p.24) e por autores que trabalham na perspectiva de formação de professores, que são necessários para a realização de uma prática educativa crítica e transformadora; o primeiro deles, apontado por Freire e por literaturas que abordam essa perspectiva, é que “ensinar não é transferir conhecimentos” e isso é um pressuposto que todo professor em formação deveria ter conhecimento, desde o início de sua formação; todavia, nem sempre é dado ao aprendiz essa possibilidade de conhecimento.

Abordar a questão da formação docente nos remete a reflexões, perspectivas e busca de significados sobre o que é ser professor no mundo de hoje e, principalmente, o que é ser professor em uma comunidade ribeirinha amazônica. Sabemos que os professores, em suas práticas educativas, estabelecem relações de apropriação de conhecimentos sistematizados, como aponta Feldmann (2009, p.76), “os professores lidam com cultura, os significados, a construção dos próprios saberes escolares e a dinâmica da própria organização do contexto escolar”.

Todas essas questões nos levam à reflexão, pois o exercício da profissão docente deveria ser fundamentalmente uma profissão humanizadora. Seguindo a linha de pensamento de Feldmann, “uma profissão de interações humanas”, pois tem como ponto fundamental a

humanização. Tardif (2005, p.31) diz que: “todo trabalho humano sobre e com seres humanos faz retornar a si a humanidade de seu objeto”.

Devemos compreender que a formação humana de professores, além de elemento fundamental para o desenvolvimento desse processo, deve ser compreendida em seu contexto histórico, cultural e social. É um processo de relações com outras pessoas, realizadas a partir das interações ocorridas nessas relações. Assim, ao se falar de formação profissional, devemos compreender antes de tudo o processo de formação humana como eixo norteador para a realização de toda a ação educativa.

É sabido que os conhecimentos teóricos aprendidos ao longo dos cursos de formação não se constituem em elementos fundamentais para a efetivação da atividade docente se não forem aliados aos conhecimentos práticos, que são viabilizados por meio das atividades pedagógicas cotidianas. Mas como exercer essa atividade prática apontada por vários autores, se o conhecimento prático dos alunos dos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas acontecem apenas em nível de estágio e práticas de ensino nas escolas da cidade? O discente, na maioria das vezes, conclui o curso sem o conhecimento de determinadas realidades, como por exemplo, a prática docente em turmas multisseriadas, que ainda é uma realidade nas comunidades ribeirinhas da Amazônia.

Imbernón (2002, p.73) concebe a formação docente como um processo contínuo de desenvolvimento profissional, que tem início na “experiência escolar e prossegue ao longo da vida, vai além dos momentos especiais de aperfeiçoamento e abrange questões relativas a salário, carreira, clima de trabalho, estruturas, níveis de participação e de decisão”.

No caso do professor que vai atuar em uma comunidade ribeirinha, além dessa experiência escolar, apontada pelo autor, o professor necessita também de conhecimentos que o auxiliem na prática da Pedagogia da Terra, com base em uma realidade agrícola rural. Esses conhecimentos nem sempre são contemplados no arcabouço curricular da formação inicial do professor, muitas vezes se concretizando apenas através das experiências práticas vivenciadas nesses ambientes específicos.

Sacristán (1995) afirma que a profissionalidade docente está associada a especificidades do seu professor, constituídas com o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores. Esses elementos não são fixos, mas adquiridos e modificados ao longo do exercício da profissão, é processo contínuo, com suas bases nos saberes e fazeres adquiridos/construídos pelos professores.

Sabemos que os professores, ao iniciarem na carreira, ainda carregam marcas de sua trajetória como estudantes e muitas vezes, pela inexperiência inicial, trazem para a sala de aula modelos de seus antigos professores que vão se misturando às suas crenças e concepções formuladas em seu processo de formação inicial e dando início à constituição de sua profissionalidade.

A formação de professores com qualidade social e compromisso político tem sido, ao longo dos tempos e na atualidade também, um tema que vem gerando grandes discussões e polêmicas e, sobretudo, um desafio para quem ainda hoje vê a educação como um bem universal. Vivemos um momento de incertezas e de muitas perplexidades, pois sentimos a necessidade da mudança, mas nem sempre sabemos para onde esse processo de mudança nos leva; são muitos os discursos sobre a temática formação de professores e poucas mudanças na realidade escolar, no que diz respeito a um efetivo processo de ensino-aprendizagem.

Muitos são os discursos, às vezes redundantes e repetitivos, a que está exposto o campo de formação de professores. Às vezes vamos sendo envolvidos por modismos e discursos que nos recomendam, outras vezes determinam qual o perfil do profissional diante de determinada realidade. Todavia, uma coisa é certa, o foco central é construir uma proposta educativa que nos tire dessa situação tensional em que nos encontramos, e que possamos, então, pensar racionalmente sobre a formação dos professores atual, cuja função é garantir que os alunos efetivamente aprendam.

Pesquisas recentes sobre formação de professores sinalizam que o grande problema na formação de professores é a questão da prática pedagógica. Assim, diante da opinião dos autores citados, suas abordagens nos levam a refletir que o processo de formação docente – como processo de formação de profissionais de Ensino – deve ser um processo de “aprendizagem profissional ao longo de sua vida”, como afirma André (2010). Para a autora, os conhecimentos teóricos aprendidos nos cursos de formação, por si só, não se constituem em elementos fundamentais para a efetivação da atividade docente, se não estiverem aliados aos conhecimentos práticos viabilizados nas atividades pedagógicas. Essa indissociabilidade entre teoria e prática é fundamental para a execução do trabalho do professor.

Em relação ao entendimento de práxis, recorremos à definição de Marx (1978, p.14): “práxis é a atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer o mundo (teórico), é preciso transformá-lo (práxis)”. Assumimos, neste

trabalho, os preceitos teóricos sobre formação docente defendidos por Garcia e recorreremos a Marx para fundamentar nosso pensamento sobre a práxis.

2.2 – A atividade docente

Iniciamos essa abordagem sobre atividade docente recorrendo ao conceito de atividade em geral apontado por Vásquez (2007, p.220), que conceitua atividade como “um conjunto de atos de um sujeito ativo que modifica uma determinada matéria prima que lhe é exterior, cujo resultado é um produto de diferentes naturezas”.

Outro autor que aprofunda o entendimento sobre a questão da atividade é Vigotski (2001, p.72), ao afirmar que “o homem transforma a natureza e a si mesmo na atividade, e é fundamental que se entenda que esse processo de produção cultural, social e pessoal tem como elemento constitutivo os significados”.

Aguiar e Ozella (2006, p.225) afirmam que “o homem é constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela em todas as suas expressões – a historicidade social, as relações sociais, a ideologia e as relações de produção”.

Marx (1844/1978, p.15), com relação à temática em questão, assim se expressa: “toda a assim chamada história universal nada mais é do que a produção do homem pelo trabalho humano”. Com essa afirmação, Marx concebe o trabalho não como uma atividade qualquer, mas uma atividade que produz o próprio homem por meio da apropriação da história.

Apresentamos alguns conceitos de atividade que ajudam a entender como se dá esse processo e fundamentar esta pesquisa à luz das várias teorias, principalmente para compreender que a atividade humana se caracteriza como produto da consciência. Nessa perspectiva, Vásquez (2007, p.220) afirma que “a relação teoria e práxis é para Marx teórica e prática; prática na medida em que a teoria como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica na medida em que essa relação é consciente”.

De acordo com os pressupostos teóricos apontados pelos autores citados, entende-se que a atividade humana caracterizada como produto da consciência leva o sujeito a agir diante da realidade que lhe é apresentada. Sendo a atividade docente constituída de elementos teóricos e práticos, se apresenta como práxis humana e como tal se transforma em práxis educativa, ou

seja, a prática docente torna-se, então, uma atividade da Educação, sendo assim, a unidade teoria e prática torna-se fundamental para o exercício da atividade docente.

A atividade docente, caracterizada como uma atividade da Educação, requer preparo da pessoa que irá executá-la, a compreensão de que a Educação é uma prática social, logo, essa atividade docente é uma prática social realizada ‘na’ e ‘pela’ práxis. Pimenta (2011, p.105) afirma que:

[...] a Pedagogia enquanto ciência que estuda a educação, tem no seu âmbito o estudo da atividade docente – do exercício e do preparo dessa atividade, preparo que não se esgota nos cursos de formação, mas para o qual o curso pode ter uma contribuição específica enquanto conhecimento sistemático da realidade do ensino-aprendizagem na sociedade historicamente situada, enquanto possibilidade de antever a realidade que se quer [...].

Diante do que foi abordado, entendemos que a atividade docente se torna uma atividade de Ensino que, conseqüentemente, necessita de um profissional habilitado, capacitado para executar essa atividade, pois sua tarefa consiste, entre outros aspectos, em humanização, organização, elaboração, análise, planejamento, execução e apresentação de resultados de todo esse processo de ensino.

Mas como exercer a atividade docente em um ambiente permeado de especificidades e peculiaridades, como acontece em um ambiente ribeirinho? De que maneira o professor iniciante, em sua atuação na Educação Básica, sem experiência, sem orientação, na perspectiva de um primeiro emprego, ao sair da universidade se depara com uma classe multisseriada, situação à qual ele não foi preparado teoricamente para atuar? Desespero, medo do desconhecido, são situações de enfrentamento pelas quais os professores nessas condições passam em uma comunidade ribeirinha.

A habilitação muitas vezes ele tem, ele é formado em Pedagogia ou em outras licenciaturas, mas o que lhe falta realmente é essa associação entre os conhecimentos teóricos e os conhecimentos práticos, que na maioria das vezes a graduação por si só não é suficiente para a realização da atividade docente nesse ambiente educacional tão distinto, ao qual ele não teve nenhum contato anterior. O professor, a partir de seu ingresso e inserção na comunidade, passa a ter um papel fundamental, não só no ensino de conteúdos acadêmicos, mas na formação integral destes sujeitos.

Gramsci (1988) afirma que “os intelectuais orgânicos, que se formam no interior do processo e desenvolvimento de uma classe, são organizadores de uma outra cultura com metas

estabelecidas a partir da construção da identidade coletiva, que se busca no campo da política e no campo profissional dos trabalhadores”. Com relação a essa perspectiva, Feldmann (2009, p.77) assim se reporta:

O processo de formação de professores caminha junto com a produção da escola em construção por meio de ações coletivas, desde a gestão, as práticas curriculares e as condições concretas de trabalho vivenciadas [...]. Nesse emaranhado de significações e de culturas presentes no cotidiano escolar, o professor se vê muitas vezes inseguro, com muitas incertezas diante do seu papel e da própria função social da escola e do trabalho docente a ser realizado.

A escola que serve de campo de estudo para esta investigação é permeada por esse emaranhado de significações e de cultura que Feldmann aponta e que nem sempre são compreendidos pelos professores que nela atuam. As necessidades e peculiaridades locais devem fundamentar o processo de ensino e principalmente ao trabalho docente. Por se tratar de uma comunidade ribeirinha, onde o processo educativo para acontecer depende das condições da natureza (enchente e vazante do rio), o trabalho do professor tem que atender essa peculiaridade.

2.3 – O Projeto Escola da Terra: um processo de formação continuada

Para atender essas peculiaridades locais, a Prefeitura Municipal de Parintins (PMP), através da Secretaria Municipal de Educação, Juventude, Esporte e Lazer, (SEMED), em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), implantou em Parintins, no ano de 2013, o Programa Federal “Escola da Terra”, destinado à formação continuada de professores das escolas do campo (entende-se como campo as escolas situadas na zona rural do município, tanto da área de terra firme quanto da área de várzea, escolas ribeirinhas).

A seguir, apresentaremos um recorte da entrevista realizada com a equipe de coordenadores do Programa Escola da Terra em Parintins, que atuam na SEMED, que concederam essa entrevista, explicando os aspectos principais que fundamentam e alicerçam o programa. O que está exposto abaixo é parte da fala de um dos tutores que concedeu a entrevista.

O referido programa foi criado pela Portaria nº 579 de 02 de julho de 2013, e Resolução nº 38 de 08 outubro de 2013, com o objetivo principal de contribuir para a formação continuada de profissionais da Educação que atuam nas Escolas do Campo, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, fundamentando as teorias e metodologias centradas em práticas pedagógicas

capazes de proporem o desenvolvimento de estratégias e recursos educativos que facilitem a integração do saber tradicional ao saber científico e ao trabalho do campo.

A proposta do programa é atender profissionais da educação que atuam nas escolas do campo, nos anos iniciais do Ensino Fundamental das redes municipais, especialmente das escolas multisseriadas. As figuras abaixo apresentam uma visão de como se processa a educação na zona rural de Parintins. Os modelos expostos apresentam as estruturas físicas das escolas municipais rurais em geral; alguns desses modelos são padronizados em algumas comunidades, mas em outras comunidades as escolas funcionam em barracões, conforme as condições oferecidas pela própria comunidade.

Figura 24 – Modelo padrão das Escolas na Zona Rural



Fonte: arquivo do Programa Escola da Terra (Abril/2014), cedido à pesquisadora.

Figura 25 – Escola funcionando em um barracão, situada em área de várzea



Fonte: arquivo do Programa Escola da Terra (Abril/2014), cedido à pesquisadora.

Além do objetivo e estratégias propostos, o programa trabalha com uma concepção de educação do campo voltada para essa modalidade. Existem muitas discussões a respeito da educação no campo, principalmente no estado do Amazonas, que é entrecortado de rios. Nosso propósito, no entanto, aqui neste estudo não é discutir as diferentes concepções que permeiam a temática. Assumimos uma proposta de educação ribeirinha, que tem suas peculiaridades e particularidades. Segundo o Programa, Educação do Campo é:

Uma concepção que compreende a possibilidade de mudanças da sociedade por meio do trabalho pedagógico, seja ele nas escolas do campo, ou mesmo nos ambientes não formais. É resultado da práxis dos movimentos sociais do campo, que vem aos longos das duas décadas sendo gestada com ações para disputar uma nova sociedade, com a intenção de fazer com que os sujeitos do campo vejam-se como sujeitos de sua própria vida, sem a tutela do Estado (PROGRAMA ESCOLA DA TERRA, 2014).

A metodologia utilizada pelo projeto tem uma carga horária de 180 horas; as atividades foram assim divididas: 105 horas aulas teóricas (tempo universidade; o tempo universidade é devido as aulas teóricas acontecerem na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que é uma das parceiras do Programa; cinquenta e cinco horas de atividades práticas, (tempo comunidade), porque acontecem na comunidade onde a escola está inserida e vinte horas, que eles denominam seminário integrador, em que são apresentados os resultados obtidos quando são realizadas as atividades práticas na comunidade. Ainda com relação à questão metodológica, o programa desenvolve estratégias metodológicas, através do que eles denominam de eixos articuladores, envolvendo o processo de ensino, como pode-se perceber através das figuras abaixo.

O primeiro eixo é denominado **Trabalho e Educação do/no Campo - As relações entre trabalho e ensino**, entre os problemas e suas hipóteses de solução devem ter sempre, como pano de fundo, as características socioculturais do meio em que este processo se **desenvolve**.

Figura 26 – **Trabalho e Ensino**



Fonte: arquivo do Programa Escola da Terra (Abril/2014), cedido à pesquisadora.

Figura 27 – **A práxis na Escola**



Fonte: arquivo do Programa Escola da Terra (Abril/2014), cedido à pesquisadora.

Outro eixo temático trabalhado no Programa é **Escola do Campo e sua Práxis – O Currículo Integrado**, como um plano pedagógico e sua correspondente organização institucional que articula dinamicamente trabalho e ensino, prática e teoria, ensino e comunidade. Integra ensino-trabalho-comunidade; professor-aluno na investigação e busca de esclarecimentos e propostas; e a adaptação a cada realidade local e aos padrões culturais próprios de uma determinada estrutura social.

Figura 28 – Os tempos formativos: tempo escola e tempo comunidade



Fonte: arquivo do Programa Escola da Terra (Abril/2014), cedido à pesquisadora.

Além da questão metodológica, existem também outras questões, entre as quais foi destacado por um dos tutores do Programa a **infraestrutura**, que fica sob a responsabilidade de cada instituição envolvida no convênio. Nos municípios onde existir Unidade da UFAM ou no entorno, e naqueles municípios que tiverem poucos professores(as) em formação, os professores serão atendidos em Manaus; nos municípios que não têm sedes da Universidade, a formação ficará sob a responsabilidade de Instituições parceiras da Secretaria de Estado da Educação e Cultura SEDUC/AM, SEMEDs e respectivas Prefeituras.

Os eixos temáticos trabalhados pelo programa na parte teórica são enriquecedores, pois trabalham temáticas que fazem parte do seu cotidiano, que eles conhecem em termos práticos, pois vivenciam isso, mas necessitam aprimorar com o conhecimento teórico. Como por exemplo, agricultura familiar, sustentabilidade, economia solidária etc. Vale ressaltar que o Programa não foi renovado no ano de 2015 e quando retornei à SEMED, no mês de outubro de 2016, para falar com a equipe de tutores, fui informada que apesar de a Prefeitura de Parintins ter realizado todos os trâmites legais para a renovação do Programa, o dinheiro não havia sido liberado para o biênio 2015/2016. O quadro a seguir apresenta a distribuição da carga horária do programa, com os encontros de formação, e a realização das atividades, durante o período em que o Programa aconteceu.

Quadro 01 – Atividades do Programa Escola da Terra

CARGA HORÁRIA/MÓDULO	PÚBLICO ALVO	ESTUDO		
120	Formação dos Formadores dos Formadores da UFAM	Projeto Político Pedagógico do Curso e os Processos Formativos e Preparação do material didático		
180	EIXOS ARTICULADORES	CARGA HORÁRIA	EIXOS TEMÁTICOS	
80	Trabalho e Educação do/no Campo	Tempo Universidade	Tempo Comunidade	
		20	10	Agricultura Familiar, Agroecologia e Alfabetização Ecológica
		20	10	Desenvolvimento Sustentável e Fundamentos da Economia Solidária
		15	05	Cultura, Trabalho, Educação, Subjetividade e Identidade no Campo
10	Seminário Integrador: Educação do Campo e Práticas Pedagógicas			
80	Escola do Campo e sua práxis	20	10	Pesquisa como Princípio Educativo e o Currículo da Escola do Campo
		20	10	Práxis Docentes na Escola do Campo
		10	10	Concepção de ensino, pesquisa e extensão as experiências de Educação do Campo na Amazônia
Início/Término		Abril	Dezembro	
10	Seminário Integrador: Educação do Campo e Escola do Campo			

Fonte: elaboração da pesquisadora.

O quadro apresentado define as etapas do trabalho realizado com os professores, as temáticas trabalhadas, a distribuição da carga horária do curso de “aperfeiçoamento”, assim chamado pelo Programa e, principalmente, os eixos temáticos que são trabalhados teoricamente. Antes de implementarem as atividades relacionadas ao projeto, os professores das universidades, que são os formadores dos formadores, se reúnem em Manaus, com professores que têm experiências com educação do campo, para elaboração de estratégias e

materiais didáticos, que incluem textos para estudo e confecção de materiais que serão utilizados nos encontros em cada município que faz parte do projeto.

O trabalho em Parintins ocorre da seguinte forma, conforme relato de um dos membros da equipe que coordenada o Programa.

[...] Nós trabalhamos aqui na equipe técnica com 10 polos. O polo um que é a área de várzea, todas as escolas da área de várzea que são 26 escolas, a qual a senhora está fazendo esse trabalho de pesquisa, temos também o polo da área do Mocambo, do Caburí, polos da área do Aduaká, da área da Valéria que compõem várias comunidades em cada polo desse, são várias escolas incluídas. Nós temos também a Gleba Vila Amazônia, que é aqui na área de Vila Amazônia, que contemplam várias comunidades, temos o polo do Zé Açu, que é na área de terra firme também, temos o polo do Tracajá, área de terra firme que contemplam várias escolas nessa região e também nós temos o polo do Mamuuí e do Uaicurapá. Aí dentro desses 10 polos que eu citei, nós atendemos 79 escolas, são 79, mas no nosso município nós temos 92 escolas para atender, sendo que tem algumas escolas, por exemplo, 5 escolas indígenas, aí tem uma coordenação específica que trabalha com a coordenação indígena. Aí nós temos as escolas maiores, nas agrovilas de Mocambo, de Caburi, de Vila Amazônia de Zé Açu do Tracajá, aí tem uma coordenação do ensino fundamental que dá assessoramento aqui na secretaria, que faz o assessoramento nessas escolas maiores, mas nós aqui da nossa equipe técnica, nós trabalhamos com 79 escolas da área de terra firme e 26 escolas da área de várzea, esses técnicos, todos os meses nós viajamos cerca de três semanas para essas comunidades, monitoramento três semanas durante o mês para fazer o monitoramento nessas comunidades e aí nós dividimos por exemplo: na área de várzea, a gente faz ao longo do mês três monitoramentos, são três semanas específicas para nós atingirmos 26 escolas (Coordenador 1).

Todos esses locais informados pelo tutor são comunidades que fazem parte do município de Parintins, onde a educação se faz presente através de escolas municipais que recebem a visita dos técnicos para orientação e monitoramento das atividades desenvolvidas pelos professores nas escolas de atuação. Algumas dessas comunidades estão próximas a Parintins, outras muito distantes, levando cerca de um dia para se chegar e necessitando de dois tipos de transporte às vezes. Como informa o coordenador:

A equipe é composta por 8 técnicos, nós vamos os 8 técnicos, mais a nossa coordenadora pedagógica da SEMED. E como é que nós fazemos esse monitoramento? Nós usamos um barco e uma lancha e aí nós dividimos, por exemplo, ao longo do dia nós visitamos 6 escolas, dois técnicos em cada escola, aí nós damos suporte na parte pedagógica, verificamos como está sendo executado o planejamento do professor, mas nós atendemos também a Educação Infantil, 1º ao 5º ano e de 6º ao 9º ano. Então dois técnicos em cada escola, um técnico tem experiência com educação infantil já faz o assessoramento e mesmo também quando nós vamos fazer esse monitoramento várias coordenações nos acompanham, então nós temos esse

suporte para chegar a essas escolas e oferecer essa parte técnica, para verificar a dificuldade do professor, porque se sabe que a escola multisseriada, ainda no nosso município é uma realidade, nós temos muitas escolas multisseriadas em que só temos um professor para trabalhar as cinco séries, e aí a nossa missão dentro do Programa Escola da Terra foi de esse assessoramento na parte pedagógica, mas também oferecer aos professores a parte da experiência de como trabalhar a escola, as escolas multisseriadas. De como você fazer a execução de uma metodologia que ajude o professor na questão da alfabetização dos nossos alunos, principalmente na questão da alfabetização, porque a gente sabe que o aluno no final do 3º ano ele tem que saber ler, escrever e calcular segundo o que rege a LDBN, e essa é a nossa missão de contribuir com esses professores, e ao longo desse ano que passou de 2014 e 2015, nós tivemos a oportunidade de visitar todas essas escolas. Todas as 79 escolas que eu citei para a senhora, houve monitoramento nessas escolas no ano de 2014 e 2015 com esse Projeto Escola da Terra (Coordenador 1).

Outro aspecto bastante interessante do Programa, presente na fala de um dos coordenadores e que me chamou atenção, foi a perspectiva de um diagnóstico da comunidade, com informações que servirão de suporte para a realização do trabalho junto aos alunos e comunitários. Com relação a esse aspecto, um outro coordenador do programa explica:

Uma outra coisa que o Programa Escola da Terra trouxe também de bom é esse levantamento de um banco de dados, porque a gente precisa conhecer a situação da realidade das nossas comunidades, das nossas escolas e ver onde cada deficiência ela apresenta, cada potencial de produtividade, de sustentabilidade de produção, onde esse banco de dados vai estar direto na mão do governo, tanto estadual, municipal ou federal para que ele possa dar suporte no desenvolvimento, que é uma das funções do Programa Escola da Terra é valorizar a identidade do caboclo do campo e manter ele digamos assim no seu próprio local de trabalho, não só como sua sobrevivência, mas com potencial e possibilidade de crescer, por isso que fala no campo, o campo das possibilidades de desenvolvimento seja social, político, econômico, educacional principalmente, e a meta do governo é essa, valorizar essa identidade para que ele tenha conhecimento da riqueza que ele tem ali, da diversidade, para que ele possa aproveitar para crescer (Coordenador 2).

A fala do coordenador está permeada de referências a respeito da identidade do caboclo, principalmente do caboclo ribeirinho da Amazônia, pois, como acontece em todo processo histórico e social do homem, ele tem com o ambiente, além de suas raízes históricas, uma relação íntima que atravessa sua existência, pois a vê como produtora de meios para sua sobrevivência. Para compreender como se processa essa relação estabelecida entre o homem e a natureza, recorremos a Marx e Engels (1986, p. 27), que assim se reportam:

[...] o modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de produção de vida já encontrados e que têm de reproduzir. Não se deve considerar modo de produção (sob um) único ponto de vista, a saber: a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-

se, muito mais, de uma determinada forma de atividade dos indivíduos, determinada forma de manifestar a vida, determinado modo de vida dos mesmos. Tal como os indivíduos manifestam sua vida assim são eles.

Seguindo a linha de pensamento dos autores alemães, com relação ao modo de vida dos homens, alguns aspectos levantados por eles são relevantes, entre os quais destacamos a questão da produção e reprodução da vida material, uma vez que o caboclo ribeirinho da Amazônia extrai da natureza bens materiais vitais para sua sobrevivência e de seu grupo social, e a metodologia do programa, em um determinado momento, retoma algumas questões, como por exemplo, a sustentabilidade para levar os comunitários a uma reflexão e a uma nova maneira de trabalhar com esses bens materiais, oferecidos pela natureza.

Dessa forma, o Programa vem contribuir muito para que o ribeirinho, o homem do campo, camponês ribeirinho, ou qualquer outra forma de identificação atribuída a essa população, possa compreender a importância da atividade humana realizada por eles. Embora o Programa tenha dado certo, os professores que participam das formações sentem-se mais preparados para atenderem a algumas peculiaridades da comunidade, no que se refere ao trabalho prático. É com muito pesar que fui informada que o convênio firmado entre a PMP e o MEC, para a renovação do programa em 2016, não aconteceu. Em outras palavras, o Programa não foi renovado, isso só reforça e mostra o atual quadro da educação em nosso país e de outros segmentos também, que estão passando por um grande momento de tensão e de precarização. O quadro a seguir mostra o trabalho que foi desenvolvido durante o tempo de execução do programa em Parintins.

Quadro 02 – Distribuição da carga horária e apresentação das atividades trabalhadas no Programa, em 2014

MÊS	DATA	ATIVIDADE
Abril 2014	24,25 e 26	Tempo Universidade: Agricultura Familiar, Agroecologia e Alfabetização Ecológica na Educação do Campo – <u>Professores(as)</u> Formadores(as)
	27/04 a 22/05	Tempo Comunidade: Atividade de Pesquisa do 1º Eixo temático – Acompanhamento dos Tutores
Maio 2014	22, 23 e 24	Tempo Universidade: Desenvolvimento Sustentável e Fundamentos da Economia Solidária na Educação do Campo
	25/05 a 30/06	Tempo Comunidade: Atividade de Pesquisa do 2º Eixo temático – Acompanhamento dos Tutores
Julho 2014	24, 25 e 26	Tempo Universidade: Cultura, Trabalho, Educação, Subjetividade e Identidade no Campo – Atividade com <u>os(as)</u> professores(as) formadores(as)
	27/07 a 20/08	Tempo Comunidade: Atividade de Pesquisa e Partilhas do Saber do 3º Eixo temático – Acompanhamento dos Tutores
Agosto 2014	21,22 e 23	Tempo Universidade: Pesquisa como Princípio Educativo e o currículo da Escola do Campo – Professores formadores
	24/08 a 24/09	Tempo Comunidade: Atividade do 1º eixo temático do 2º eixo articulador - Partilhas do Saber – Acompanhamento dos Tutores
Setembro 2014	25,26 e 27	Tempo Universidade: Práxis Docentes na Escola do Campo – <u>Formadores(as)</u>
	28/09 a 29/10	Tempo Comunidade: Atividade de pesquisa e Partilhas do Saber do 2º Eixo temático do eixo articulador Escola do Campo e sua Práxis – Acompanhamento dos Tutores
Outubro 2014	30, 31 a 1/11	Tempo Universidade: Concepção de Ensino e Pesquisa na Formação de Professores do Campo na Amazônia – <u>Professores(as)</u> Formadores(as)
	2 a 30/11	Tempo Comunidade: Atividade de Pesquisa e Partilhas do Saber do 3º Eixo Temático do Eixo Articulador Escola do Campo e sua Práxis
Novembro 2014	27 e 28	II Seminário Integrador: Educação do Campo e Escola do Campo

Fonte: elaboração da pesquisadora.

CAPÍTULO III – NAVEGANDO NA HIDROGRAFIA DA PESQUISA: O RIO COMO TRAJETO EM BUSCA DE CONHECIMENTOS

[...] A construção da ciência é um fenômeno social por excelência. A pesquisa, então, não se realiza numa estratosfera situada acima da esfera de atividades comuns e correntes do ser humano, sofrendo assim as injunções típicas dessas atividades. É igualmente importante lembrar que, como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador (LÜDKE; ANDRÉ, 2013, p.31).

Neste capítulo são apresentados os objetivos da pesquisa, os instrumentos e os procedimentos metodológicos; a opção metodológica; os sujeitos envolvidos; o cenário da pesquisa; a Comunidade Ribeirinha Nossa Senhora da Conceição; a escolha e caracterização da Escola; e o perfil dos comunitários, alunos e professores.

3.1 – Objetivos da pesquisa

O presente estudo tem como objetivo geral conhecer as peculiaridades de uma escola ribeirinha localizada na comunidade de Nossa Senhora da Conceição, pertencente ao município de Parintins, Amazonas, como base para contribuir com o estabelecimento de políticas para a formação de professores. Como objetivos específicos: analisar as peculiaridades da comunidade Nossa Senhora da Conceição entre as quais destacamos, o movimento cultural local, os saberes dos alunos e moradores familiarizados com a terra, os sons da natureza, o fenômeno da cheia do rio como fator de interferência na vida dos comunitários, o uso dos recursos do ambiente para compreender o seu cotidiano; verificar as particularidades da escola e a atividade docente realizada na educação infantil ribeirinha e identificar o perfil dos comunitários, professores e alunos que fazem parte do ambiente social e educacional.

3.2 – O método

Esta é uma pesquisa de tipo etnográfico. Tem como fundamento a Psicologia Sócio-histórica, cuja base está na Psicologia Histórico-cultural de Vigotski (2001). Fundamentada no marxismo, adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método. Ao

analisarmos uma dada realidade precisamos conhecer todos os seus contrapontos, conhecer os fatos da maneira como eles se apresentam; dessa forma, Marx e Engels (1999, p.26) afirmam que “os fatos dos quais partem não são arbitrários nem são dogmas, são pressupostos reais”. Para Marx (1978, p.130), “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”.

Ancorado nos princípios marxistas, este estudo pretende investigar o cotidiano dos sujeitos que vivem na comunidade, suas relações na comunidade e fora dela, em que condições materiais produzem essas relações, pois, seguindo a linha de pensamento de Marx, e fundamentados em Vigotski, as formas singulares de linguagem, pensamento, sentimentos e ações, formam um conjunto de relações, em que o homem se constitui como verdadeiramente humano.

Além de desenvolvermos a pesquisa nos parâmetros do materialismo histórico e dialético, fundamentamos a abordagem como estudo de caso do tipo etnográfico. Segundo André (2013, p.15), “a pesquisa etnográfica é uma adaptação da etnografia ao estudo de um caso educacional”. Trata-se, pois, de uma descrição densa. Seguindo a linha de raciocínio de André (2007), pode-se dizer que o estudo de caso do tipo etnográfico em Educação deve ser usado quando:

(1) Há interesse em conhecer uma instância em particular; (2) pretende-se compreender profundamente essa instância particular em sua complexidade e totalidade; e (3) busca-se retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural (ANDRÉ, 2007, p.31).

Dessa forma, o estudo de caso do tipo etnográfico possibilitará ao pesquisador a entrada no ambiente natural sem, contudo, modificá-lo, dará ao mesmo a oportunidade de convivência com pessoas, situações e eventos. Segundo o Dicionário Aurélio (2000, p.300), etnografia significa “estudo de um ou mais aspectos sociais e culturais de um povo ou de um grupo social” etc. Ou ainda “atividade de obtenção e elaboração de dados em pesquisa de campo antropológico”. Sabe-se que o termo e esse tipo de pesquisa foi criação dos antropólogos com o objetivo de estudar a cultura e a sociedade. André (2012, p.27) afirma que etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Seguindo essa linha de pensamento e tendo em vista o significado da pesquisa etnográfica para os autores, a etnografia será a base fundamental deste estudo.

Embasada nos pressupostos de Vigotski (2001), a comunidade que serviu de lócus para a pesquisa é permeada por aspectos históricos, culturais e sociais, que embora relatados, sob uma concepção etnográfica, houve a necessidade ainda da escuta das histórias vividas pelos comunitários e da verificação in loco de situações empiricamente observáveis. Dessa maneira a pesquisadora fez-se presente, participando do cotidiano comunitário, realizando entrevistas, coletando relato de práticas, buscando compreender o processo de construção do humano com a natureza e o modo de vida específico da população.

Ressaltando a importância de Vigotski para a construção de uma Psicologia Sócio-histórica, Aguiar (2001, p.129) afirma:

Vigotski evidencia que não existe método alheio a uma concepção de realidade, de relação homem/mundo. Assim falamos de um homem que se constitui na relação dialética com o social e a história, um homem que ao mesmo tempo, é único, singular e histórico, um homem que se constitui através de uma relação de inclusão e exclusão, ou seja, ao mesmo tempo em que se distingue da realidade social, não se delimita nela, uma vez que são diferentes.

Os pressupostos de Vigotski nos ensinam que a matriz de todo seu pensamento se constitui fundamentalmente na história, assim como a concepção dialética. É o caráter histórico que vai determinar a concepção de desenvolvimento humano, tendo no social e nos culturais elementos chave para a compreensão da relação homem/natureza. Essa perspectiva permeou toda a trajetória deste estudo. Nossa intenção foi desenvolver um estudo de caso do tipo etnográfico, pois de acordo com André (2013, p. 17), “A etnografia como ciência da descrição cultural envolve pressupostos específicos sobre a realidade e formas particulares de coleta e apresentação de dados”.

Conhecer amplamente a comunidade e no seu dia-a-dia foi a forma de conhecer suas particularidades e singularidades, para se chegar ao conhecimento da Escola e dos sujeitos que fazem parte dessa realidade escolar e ambiental.

Para se proceder a um estudo mais aprofundado sobre as categorias de análise, encontradas na realidade, entre as quais destacamos o movimento cultural local, os saberes dos alunos e moradores familiarizados com a terra, os sons da natureza, o fenômeno da cheia do rio como fator de interferência na vida dos comunitários, o uso dos recursos do ambiente, concepção de realidade, as particularidades da escola e a atividade docente realizada, para um

entendimento potencial das categorias levantadas, fez-se necessário recorrer não só aos dados evidenciados como também ao arcabouço teórico que fundamenta este estudo.

3.3 – Instrumento de produção de dados: observação participante, entrevista não estruturada e análise de documentos

Assim como os demais instrumentos de coleta de dados, a observação ocupa um lugar de destaque nas pesquisas de abordagem qualitativa. Sendo o primeiro método utilizado pelo pesquisador, a observação, segundo André (2013, p.30), “possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”.

Seguindo a linha de pensamento de André, elencarei alguns aspectos importantes da observação para o pesquisado e a utilização do método observacional neste estudo.

- a) A experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de determinado fenômeno.
- b) O observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado.
- c) Permite que o observador chegue mais perto na perspectiva dos sujeitos.
- d) São extremamente úteis para descobrir aspectos novos de um problema.
- e) Permite a coleta de dados em situações que é impossível outras formas de comunicação.

De acordo com Lüdke e André (2013, p.31): “[...] na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações”.

Neste estudo, optou-se por essa técnica, por entendermos que é fundamental a participação direta do pesquisador com a realidade observada, estabelecendo, assim, uma relação de interação entre os sujeitos, na tentativa de apreender os sentidos e os significados dessa realidade para os sujeitos pesquisados. As observações aconteceram em datas e períodos distintos, para que a pesquisadora verificasse *in loco* as transformações que iam ocorrendo tanto no ambiente natural, quanto no escolar.

Assim, a observação foi utilizada para analisar o cotidiano dos comunitários, suas crenças e cultura, averiguar a constituição do professor nesse contexto educacional e social, a atividade

docente desenvolvida e as implicações no processo ensino aprendizagem da criança. Esse acompanhamento aconteceu no período de fevereiro de 2015 a abril de 2016).

O *locus* da pesquisa é uma comunidade ribeirinha, localizada no município de Parintins, estado do Amazonas, Comunidade de Nossa Senhora da Conceição, que possui um diferencial, com relação a sua distância em relação a cidade de Parintins, uma vez que durante o fenômeno da cheia do rio, que ocorre geralmente entre os meses de abril até setembro, pode-se chegar à comunidade em 40 minutos, dependendo do tipo de embarcação utilizada para o transporte. De barco cerca de 2 horas, de lancha 15 minutos e de rabeta (meio de transporte mais utilizado pelos ribeirinhos) o tempo de duração da viagem é de 40 minutos.

Quando estamos no período da vazante dos rios, conhecido também como seca dos rios, as viagens se tornam mais longas, pois os furos e igarapés que fazem parte da hidrografia parintinense, nesse período, desaparecem, tornando as viagens mais longas. O trajeto durante esse período, além de mais longo, torna-se mais difícil, por conta das intempéries do rio. A viagem de barco passa a durar 4 horas, a de lancha 1 hora e de rabeta cerca de 2 horas.

A escola que serviu de campo para este estudo pertence à rede municipal de ensino, atende alunos na modalidade de educação multisseriada, primeiro e segundo períodos da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Essa modalidade de ensino ainda é muito presente nas zonas rurais de todo o estado, e também no município de Parintins, principalmente as escolas situadas em áreas conhecidas como áreas de várzea (porque estão localizadas em áreas da floresta que alagam durante o período da enchente dos rios), e em consequência desse fenômeno as escolas possuem características e peculiaridades que as distinguem das demais escolas.

Para registrar os dados da observação utilizaremos o diário de campo com a finalidade de auxiliar as anotações para não deixá-las distantes dos eventos observados, uma vez que nossa memória é falível e poderia haver o esquecimento dos fatos ocorridos. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.152):

As notas de campo consistem em dois tipos de materiais. O primeiro é descritivo, em que a preocupação é de captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas. O outro reflexivo – a parte que apreende mais o ponto de vista do observador, as suas ideias e preocupações.

Desse modo, as notas de campo constituirão em duas etapas: a descritiva e a reflexiva. Na fase descritiva, registraremos objetivamente os detalhes do que ocorreu no campo,

descrevendo os sujeitos, ambientes, eventos, atividades, reconstrução de diálogos e o comportamento do observador no percurso da investigação. Na fase reflexiva, temos a intenção de incluir as observações pessoais realizadas durante o estudo.

Além da observação, utilizamos também a entrevista semiestruturada, que é um importante instrumento na coleta de dados, tornando-se assim uma das principais técnicas utilizadas nas pesquisas em ciências sociais.

De acordo com André (2013, p. 40), “nesse instrumento de pesquisa não há uma imposição rígida de questões, pois o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém”.

A entrevista semiestruturada será aplicada ao professor com o propósito de analisar como esse professor se constitui enquanto sujeito desse ambiente e como é constituída sua atividade docente. As entrevistas serão analisadas e discutidas no capítulo IV.

Para complementar os dados temos a intenção de analisar documentos. Segundo André (2013), a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos contribuindo para desvelar aspectos novos de um tema ou problema. Os diferentes tipos de documentos escritos podem incluir desde leis e regulamentos, normas, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, discursos, estatísticas e arquivos escolares.

3.4 – Os sujeitos envolvidos na pesquisa

Por se tratar de um estudo do tipo etnográfico, houve a necessidade de se entrevistar os moradores da comunidade, além dos professores que atuaram e atuam na escola, a equipe de coordenadores do Programa Escola da Terra, perfazendo um total de oito participantes. A seguir apresentarei um quadro demonstrativo a respeito da escolarização e atuação dos participantes na comunidade. Os participantes serão identificados por letras e números, ficando assim definido: C= Comunitários; P= professores; T= tutores, termo designado pelo Programa, aos professores coordenadores do Programa Escola da Terra. PET= Programa Escola da Terra; Esp= Especialização.

Quadro 03 – Perfil dos sujeitos participantes da pesquisa

Cargo	Sexo	Faixa etária	Regime de trabalho	Tempo de serviço	Escolaridade	Pós-graduação
C1 primeiro morador da comunidade	M	75-80	Aposentado	-----	Fundamental incompleto	-----
C2 Agente de saúde	M	35-45	40h	10 anos	Ensino Médio	-----
P1 professora do projeto piloto	F	35-45	contrato	12 anos	Letras	-----
P2 primeira professora da escola	F	45-50	40h	25 anos	Normal Superior	Esp. Psicopedagogia
P3 professora atual	F	35-45	contrato	8 anos	Pedagogia	Esp. Psicopedagogia
T1 – coordenador geral do programa PET	M	35-45	40h	4 anos	Artes Plásticas	Esp. Ed. Campo
T2- PET	F	45-50	40h	20 anos	Pedagogia	Esp. Gestão Escolar e Ed. Campo
T3- PET	M	35-45	40h	9 anos	Pedagogia e Matemática	Esp. Pedagogia Escolar e Ed. Campo

Fonte: elaboração da pesquisadora.

3.5 – O lugar da pesquisa: a Comunidade Nossa Senhora da Conceição e a Escola

A comunidade Nossa Senhora da Conceição, como toda comunidade ribeirinha do estado do Amazonas, apresenta características peculiares, como já foi citado anteriormente, típicas de uma vila, que vai passando por transformações e mudanças desde a época que o colonizador se fez presente. Cada comunidade apresenta dinâmicas do morar e do viver diferentes, mesmo que estejam na várzea (como a comunidade que estamos citando e que serve de lócus para esse estudo), ou na terra firme, próximas ou distantes das cidades, elas vão se configurando nas resistências do pertencimento dos habitantes, sendo influenciadas pela floresta ou pela água.

Nessa relação de pertencimento, os sujeitos que habitam os lugares trazem dentro de si o lugar, a comunidade, a floresta, rios e lagos, ou seja, a geografia do viver e do existir. Nesse panorama geográfico e sociocultural foi se constituindo a comunidade Nossa Senhora da Conceição, no princípio uma pequena vila ou núcleo, como são chamadas as comunidades que não possuem autonomia político-administrativa, que até sua fundação vivia sob a jurisdição da Comunidade do Maranhão (comunidade próxima, bastante desenvolvida e com autonomia administrativa).

Segundo relato do primeiro morador, a comunidade já existia desde a década de 1930; ele e sua irmã foram os fundadores da comunidade. Embora já existisse e fizesse parte dos aspectos físicos e geográficos do município de Parintins, era desabitada e de difícil acesso; por esse motivo seu primeiro nome foi Vila Manaus. A comunidade passou a existir de fato e de direito a partir do ano de 1989. De acordo com a ata de fundação da comunidade, ela passou a existir como Núcleo de Nossa Senhora da Conceição, no Paraná do Ramos, no dia 26 de março de 1989, embora ela já existisse. No período de sua fundação legal, a comunidade contava com 20 moradores, e seu fundador foi o primeiro morador que me concedeu entrevista.

Dessa forma, surge a Comunidade de Nossa Senhora da Conceição, situada à margem direita do Paraná do Ramos, distante de Parintins 4 horas quando o rio está seco e 2 horas quando o rio está cheio. É uma comunidade que vive da agricultura, da pesca e dos benefícios sociais do governo federal (bolsa família). Desde sua fundação a comunidade possui uma igreja católica, construída em um terreno doado pelo primeiro morador, conforme relatado em sua entrevista. O acesso à comunidade é somente por via fluvial, sendo a rabeta o transporte mais utilizado pelos comunitários. Apresentamos, a seguir, algumas imagens que retratam o ambiente na comunidade.

Figura 29 – Vista da frente da comunidade Nossa Senhora da Conceição



Fonte: registro fotográfico da pesquisadora.

Como pode-se perceber pela imagem, é uma comunidade pequena; hoje conta com 32 famílias, segundo informação do agente de saúde. Além da agricultura e da pesca, os moradores também cultivam frutas e hortaliças para consumo próprio. Os moradores vivem também da criação de gado, principalmente o leite de vaca, que é vendido em Parintins, servindo como

fonte de ajuda na renda familiar, bem como a criação de animais, entre os quais encontram-se porcos e galinhas, que além de servirem ao próprio consumo, também são vendidos na cidade, para ajudar financeiramente os moradores. A comunidade conta ainda com o Projeto do Governo Federal “Luz para todos”; alguns moradores possuem em suas residências aparelho de televisão, geladeira e antena parabólica. As telefonias móveis se fazem presentes. Não existe nenhum tipo de comércio na comunidade; todo e qualquer outro gênero alimentício de que necessitem os moradores, se não for oferecido pela natureza, necessita ser adquirido em Parintins ou na Comunidade do Maranhão.

A caça também é uma atividade muito presente na comunidade, essa prática é muito comum, porém o que eles conseguem é para o próprio consumo.

Figura 30 – Igreja católica da Comunidade



Fonte: registro fotográfico da pesquisadora.

A igreja é utilizada todos os domingos pelos comunitários, às 8h eles se reúnem e um membro apontado pelo pároco da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes em Parintins, a qual o núcleo católico Nossa Senhora da Conceição pertence, realiza uma celebração que eles denominam de “culto”. Esse culto não tem as características de um culto evangélico e nem assume essa função. É chamado assim porque quem realiza as celebrações é o ministro da eucaristia, título dado àquelas pessoas que auxiliam e substituem os padres nas celebrações de

missa. Como não existe o ritual eucarístico nessas celebrações, ou seja, as pessoas não recebem a hóstia consagrada, eles denominam essa celebração de culto.

A população é em quase sua totalidade católica, a padroeira da comunidade, como se pode perceber, é Nossa Senhora da Conceição, e a festa da padroeira acontece no final do mês de novembro e início de dezembro. É um acontecimento bastante importante para os moradores, reunindo inclusive pessoas das comunidades vizinhas. Tem procissão em honra à padroeira, arraial e brincadeiras, principalmente torneio de futebol entre as comunidades vizinhas.

Figura 31 – Moradores indo para a Comunidade em rabeta



Fonte: registro fotográfico da pesquisadora.

Figura 32 – Algumas plantações dos comunitários



Fonte: registro fotográfico da pesquisadora.

Figura 33 – Casa de comunitários



Fonte: registro fotográfico da pesquisadora.

Todas as casas da comunidade são construídas em madeira, estilo palafita, para suportar o período da cheia do rio, pois quando isso acontece, todas as casas ficam sob a água e os moradores são obrigados a retirar seus objetos e utensílios domésticos nesse período e levar para outros locais, até que o rio volte ao seu estado normal, quando o rio secar. Isso é um transtorno para os moradores que, praticamente todos os anos, têm que deixar as suas casas e se abrigarem em outras localidades. Há ainda aqueles que não querem sair e enfrentam todos os perigos para permanecer no seu lugar.

Quando isso acontece, eles fazem o que no Amazonas é conhecido como “maromba” (assoalho sobre assoalho). Para não deixar as casas, os moradores constroem um assoalho mais acima do que já existe, para que as águas do rio não penetrem; às vezes ficam quase sem condições de locomoção pela casa, porque o assoalho chega quase no teto da casa. Eles só saem das residências quando as águas dos rios sobem muito, como eles dizem: “quando a cheia é grande”, como aconteceu em 2009, que devastou tudo o que foi plantado e deixou somente as casas com o telhado para fora. Aí eles são obrigados a deixar as casas.

3.6 – Caracterização da Escola

Em meio a todas essas intempéries naturais, a escola Nossa Senhora da Conceição se configura. Uma escola que nasceu da dedicação de uma professora, no princípio sem prédio próprio, com a professora lecionando na casa dos alunos, depois no barracão da igreja, até que, em 2004, fosse construído o prédio onde hoje ela funciona.

A escola pertence à rede de ensino municipal, multisseriada, atendendo alunos da educação infantil e séries iniciais com nove alunos matriculados, distribuídos nas seguintes séries: dois no primeiro período, um no segundo, três na primeira série, um na segunda série, um na quarta série e um na quinta série. Não é fácil desenvolver um trabalho pedagógico com essa diversidade.

A estrutura da escola é em madeira, estilo palafita, como todas as construções da comunidade, possui uma sala de aula, com carteiras em madeira, em um estado de conservação precário, uma mesa para professor com cadeira de madeira, um alojamento para professor em condições precárias e um banheiro, para uso dos alunos, também sem condições de uso. Devido ao período da cheia, a madeira vai se deteriorando com a água e não há manutenção nem reparo por parte das autoridades competentes.

Figura 34 – A Escola



Fonte: registro fotográfico da pesquisadora.

CAPÍTULO IV – A CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DA COMUNIDADE E O SIGNIFICADO PARA OS SUJEITOS QUE DELA FAZEM PARTE E PARA OS QUE DELA SE APROPRIAM

Como se dá o envolvimento do camponês amazônico com essa extensão de terra, floresta e água (seu território) que pode pertencer de direito ou de fato a ele e à sua família que estamos denominando de várzea? Como esse camponês se relaciona com a dinâmica desse diverso e complexo ambiente? (WITKOSKI, 2010, p.120).

4.1 – A Amazônia dos amazônidas: do imaginário ao real

Desde que a Amazônia foi descoberta, muitas imagens, mitos e lendas foram se construindo e sendo contadas ao longo de todo esse processo de civilização e colonização até os dias atuais. Ao longo desse processo foram várias as denominações a ela atribuídas, entre as quais merecem destaque hileia brasileira, reserva de recursos, futuro do Brasil, pulmão do mundo etc. Nesse contexto, a região é vista mais sob o prisma dos colonizadores do que pelo dos seus próprios habitantes.

Sob essa perspectiva, sua população sempre foi vista como primitiva, indolente, preguiçosa, incapaz de reverter a condição de subdesenvolvimento a que foi submetida a região, desde a época de sua colonização. Esses aspectos, aliados aos mais diversos olhares sobre o ambiente amazônico, tornaram-se mecanismos de impedimento de seu desenvolvimento emancipatório. Habitar alguns espaços amazônicos tornou-se, como bem ressalta Gonçalves (2008, p.9), “um desafio à inteligência, à convivência com a diversidade”. E esses desafios são os condicionantes das populações, principalmente as ribeirinhas, que tão bem enfrentam os mais diferentes desafios.

Esses desafios vão da enchente dos rios, passando por conhecimentos de práticas medicinais, culinária até a cultura dos mitos e lendas da floresta. No tocante aos desafios elencados, Gonçalves (2008, pp.9-10) assim se reporta:

Esse é o patrimônio que as populações originárias e tradicionais da Amazônia oferecem para o diálogo com outras culturas e saberes. Há um acervo de complexos conhecimentos inscritos em práticas medicinais, em remédios, em domesticação de plantas e animais em meio à floresta; em plantas aromáticas e cosméticas, além de uma estética, de complexos códigos para se relacionar com o desconhecido e com o misterioso, por meio de suas cosmogonias e religiosidades em que, quase sempre, por todo lado, tudo se relaciona com

tudo, num holismo que vê que a caça e a água fugindo, quando a floresta é queimada e, com isso, vê fugirem seus espíritos. Há várias amazônias na Amazônia, há a Amazônia da natureza dessacralizada, pobre de espíritos. Há uma Amazônia que convive, que dialoga, onde o caboclo e índio se enriquecem mutuamente, onde o gaúcho, descendente do alemão e do italiano ou paranaense, descendente de ucraniano, aprende a não derrubar a mata, mas conviver com ela. E do seringueiro que aprende com o gaúcho, com o catarinense, com o mineiro. Há uma Amazônia da mata e há uma Amazônia desmatada. Nessa há uma Amazônia do pasto, geralmente do latifúndio, mas também outra a do camponês que planta. Há uma Amazônia que mata, há uma Amazônia que resiste, que “re-existe”.

É esse cenário amazônico que buscamos descrever neste estudo; nossa intenção não é discutir ou buscar solução para os problemas políticos, econômicos e sociais que permeiam a região desde os primórdios, mas mostrar um pouco do capital de conhecimento que se faz presente nessas populações, seus saberes, suas culturas, para que esse conhecimento não seja visto apenas como reserva de natureza. Pretendemos aqui abordar uma pequena parte dessas Amazônias citadas pelo autor, a Amazônia da várzea, o *ethos* do caboclo ribeirinho, que vive e convive com ecossistemas complexos, com saberes e modos de vida próprio, dotado de uma cultura peculiar, familiarizados com a terra e com o movimento dos rios, mas, que todos esses elementos não o tornam menos brasileiros do que os brasileiros que se encontram habitando no restante do país. A finalidade deste estudo é revelar a realidade ribeirinha, pois não se faz educação sem se conhecer a realidade dos educandos a que se pretende educar.

A Amazônia que, na visão de Paes Loureiro (2001, p.8) “está no imaginário de todo mundo, como a vastidão das águas, matas e ares; o emblema primordial da vida vegetal, animal e humana; o emaranhado de lutas entre o nativo e o conquistador”, é a Amazônia de que estamos falando, esse território rico e grandioso, que durante muito tempo foi considerada o eldorado perdido, o paraíso da aventura, a reserva ecológica que pertence ao mundo todo, os pontos e os contrapontos encontrados nessa imensa área territorial. Seguindo ainda a linha de pensamento deste autor, ao falar da Amazônia como um território do Novo Mundo, ressalta-se que:

A Amazônia pode ser vista como um vasto arsenal de problemas, perspectivas e dilemas: a dialética sociedade e natureza, desde os tempos primordiais; a região como momento indispensável, ou marginal da nação; o impasse entre território e fronteiras; o tráfico e o narcotráfico; a biodiversidade e a dizimação das espécies; a realidade geo-histórica e a utopia; a exuberância da natureza e sua destruição; a mitologia indígena e sua visão do mundo; enigmas de todo mundo nascidos no Novo Mundo. Desde o primeiro momento, quando do descobrimento, são muitos os que se empenham em descrever, compreender, explicar, cartografar, exorcizar ou sublimar os signos, símbolos, e emblemas, as figuras e as figurações, a realidade e os mitos que povoam a fauna e a flora,

os rios e as especiarias, os nativos e os intrusos [...]. São muitos e tantos mais, nacionais e estrangeiros, passados e presentes, que já não se podem contar. Formam uma longa relação, como uma fila interminável desde o primeiro momento, no século XVI, até o século XXI, ainda muito longe do último momento (PAES LOUREIRO, 2001, p.8).

Não é intenção deste estudo abordar todos os aspectos que retratam a ocupação da Amazônia desde os seus primórdios; entretanto, faz-se necessária uma análise preliminar sobre a natureza amazônica que havia no princípio, para entendermos os componentes de sua estrutura na atualidade. Apresenta-se aqui a Amazônia como espaço geográfico e social, tal como se encontra nos dias atuais, mas que tem sua trajetória marcada pela história, tendo como elemento fundamental o caboclo ribeirinho, principalmente aquele que habita as terras de várzea, com suas especificidades culturais, que tem a cultura tradicional como elemento fundamental para a expressão de seus valores, hábitos, costumes e suas histórias de vida.

4.2 – O território da várzea como *locus* do caboclo/ribeirinho

Ao iniciarmos nossa análise, acerca desse ambiente amazônico que denominamos de várzea, queremos deixar evidente que não realizaremos um estudo aprofundado desse território na sua totalidade, nosso objetivo é abordar algumas questões que remetem às origens históricas do ambiente de várzea, denominado Comunidade Nossa Senhora da Conceição, localizada à margem direita do Paraná do Ramos, situado no município de Parintins, Estado do Amazonas, apresentando a paisagem natural e humana desse lugar onde habita o caboclo ribeirinho e sua família.

Tomando como base os postulados de Witkoski (2010, p.125) a respeito do conceito de território, apresentamos algumas características de território proposto pelo autor, o qual afirma que, em se tratando desse ecossistema, “ele possui e não possui fronteiras”. E continua sua análise afirmando que:

Quando se trata de atividades agrícolas, o “território” camponês pode ser reduzido a sua propriedade – várzea baixa e/ou alta e, às vezes, um pedaço de terra, no ambiente de terra firme. Quando se trata das atividades desenvolvidas na floresta de terra firme (não na floresta de várzea que circunda sua propriedade), pelo fato de a floresta não possuir fronteiras demarcadas, o camponês amazônico, transforma-se em um trabalhador nômade. Quando se trata das águas de trabalho, a plasticidade do território do camponês amazônico fica condicionada ao ambiente “aquático público” (os rios) e aos “ambientes aquáticos coletivos” – os lagos.

Os argumentos apresentados pelo autor demonstram que esse típico ambiente amazônico é permeado por todas essas condições oferecidas pela própria natureza, dotado de uma realidade única, que se deve em grande parte à noção de território que a população possui. A comunidade que serviu de campo para esse estudo se encaixa perfeitamente nessas características citadas pelo autor com relação a noção de território. Um dos moradores da comunidade, ou seja, o primeiro morador da comunidade em sua fala, assim se reporta, quanto à fundação da comunidade:

Eu fundei essa comunidade juntamente com minha irmã, no dia 29 de março de 1985, antes a comunidade existia como um terreno qualquer, ela foi adquirida pelo meu pai, que comprou as terras para plantar cacau (1º morador da Comunidade).

Quando o autor argumenta sobre o ambiente ter fronteira e não ter fronteira é exatamente isso o que acontece; as pessoas apropriam-se de determinado espaço e lá desenvolvem um modo de vida próprio, formando elementos culturais que passam a fazer parte de seu cotidiano, proporcionando a esse novo habitante o desenvolvimento de um saber a partir da convivência com os rios e com a floresta. E assim, vão surgindo os *ethos* amazônicos. Godelier (1984 *apud* WITKOSKI, 2007, p.125), em uma perspectiva antropológica afirma que:

[...] o território pode ser definido como uma porção da natureza e do espaço sobre o qual uma sociedade determinada reivindica e garante para todos, ou uma parte de seus membros, direito de estáveis acessos, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ela é capaz de utilizar. Essa porção da natureza fornece, em primeiro lugar, a natureza do homem como espécie, mas também; 1) os meios de subsistência; 2) os meios de trabalho e produção; 3) os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais, os que compõem a estrutura determinada de uma sociedade. (Portanto), o território depende não somente do tipo de meio físico explorado, mas também das relações sociais.

E foi assim que o território da Comunidade de Nossa Senhora da Conceição foi se constituindo, a partir dessa porção de natureza, transformada em um espaço social, expressa na fala do primeiro morador “herdei do meu pai o terreno e doeí trinta e três metros de terra para fundar a comunidade”. Um pedaço da natureza, adquirido por uma determinada família, que chegou e apropriou-se do lugar, passando a controlar todos os recursos oferecidos pelo local, em uma relação dinâmica entre homem / natureza.

É em Marx e Engels (1986, p.27) que vamos buscar fundamentos para entender essa dinâmica, quando eles dizem que: “não podemos compreender a história da natureza sem a

história dos homens: a natureza e a história são dois aspectos distintos e complementares da existência humana que só podem ser compreendidos através de um único saber – a Ciência histórica”. A história da comunidade surge a partir dessa dinâmica homem/natureza. No princípio, plantação de cacau, no decorrer do desenvolvimento, o homem construindo as diversas formas de vida, num ambiente tão distinto, mas que através do trabalho, ele foi capaz de fundir sua relação com esse novo ambiente que estava emergindo.

4.3 – A Comunidade Nossa Senhora da Conceição: sua natureza, seus aspectos histórico, político, social e seus meios de vida

A Comunidade Nossa Senhora da Conceição está localizada à margem esquerda do Paraná do Ramos, distante do Município de Parintins, cerca de 3 horas, quando o rio está seco, e quarenta minutos quando o rio está cheio, variando esse tempo conforme o tipo de transporte utilizado e a potência do motor de cada embarcação que serve como meio de transporte. É uma comunidade inserida em um ambiente amazônico, conhecido como floresta de várzea, portanto, um terreno que sofre influência do movimento de enchente e vazante do rio. Esse fenômeno da natureza faz com que a comunidade sofra durante o ano com as variações hidrográficas, são de cinco a seis meses alagada e os outros seis meses de seca.

Embora a comunidade já existisse há bastante tempo, como relata um dos sujeitos entrevistados, o mais antigo morador da comunidade, que diz “eu nasci e me criei nessa comunidade”, sua fundação data dos anos 1980. O comunitário, na época da entrevista, informou estar com 84 anos de idade, o que se conclui que a comunidade já existia bem antes da data que consta em documento oficial fornecido pelo atual Presidente da comunidade.

De acordo com dados do IBGE (2017), um fato bastante relevante e muito peculiar da comunidade é que ela se encontra geograficamente inserida no município de Barreirinha (município do Estado do Amazonas, que se limita ao sul com Parintins, pertencente a mesma microrregião de Parintins, distante em linha reta da cidade de Parintins, 42 km), para efeitos de censo demográfico, sua população é contabilizada para esse município.

Porém, a escola, que é o objeto de investigação deste estudo, encontra-se administrativamente sob a jurisdição de Parintins. Através da Secretaria Municipal de Parintins, os professores são contratados por Parintins, os moradores são eleitores de Parintins, a merenda escolar fornecida para a escola vem também de Parintins e todos os habitantes que nasceram e

nascerem na comunidade são registrados como cidadãos parintinenses, inclusive seu Manduca, nosso entrevistado.

Os registros oficiais de fundação da Comunidade asseguram que a mesma passou a existir de direito, pois de fato ela já existia, no dia 26 de março de 1989, data que se encontra registrado esse fato histórico, em sua ata de fundação. Todavia, bem antes desse período o povoado já existia, com o nome de Vila Manaus. A primeira família ali instalada foi a de seu “Manduca”, um de nossos entrevistados, cuja origem familiar é da cidade de Parintins. E assim foi se formando essa comunidade, a princípio como um núcleo comunitário, fazendo parte da Comunidade do Maranhão (comunidade próxima e com jurisdição política e econômica própria).

Nesse movimento, os familiares de seu Manduca foram povoando a comunidade, se apropriando do espaço ambiental que se apresentava, estabelecendo relações com a natureza de forma genérica, com seu poder de dominação, tendo o trabalho como elemento fundamental das relações sociais estabelecidas, dando origem a um processo de miscigenação. A mãe de seu Manduca nasceu no estado do Ceará; nesse processo, uma nova realidade foi se configurando em que a presença do homem constituiu-se ao produzir seus meios de vida. Recorrendo aos postulados de Marx e Engels (1986, p.27), vimos que os autores afirmam:

[...] o modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da natureza dos meios de produção de vida já encontrados e que têm de reproduzir. Não se deve considerar tal modo de produção (sob um) único ponto de vista a saber: a reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se, muito mais, de uma determinada forma de manifestar a vida, determinado modo de vida dos mesmos. Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim eles são.

Seguindo a linha de pensamento de Marx e Engels (1986, p. 27), “produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, a própria vida material”, logo, a partir dessa relação de produção, que os sujeitos que se estabeleceram na comunidade eles foram se constituindo e ao mesmo tempo constituindo a comunidade. Foram enfrentando os desafios apresentados no meio ambiente, aquático, terrestre e florestal que as relações se estabeleceram, como relata seu Manduca, em uma de suas falas. “Aqui tinha muita fruta, banana, laranja, cacau, fartura de tudo aqui, fruta, peixe. Tinha muita cobra; papai, quando fazia limpeza no cacau, matava de quarenta a cinquenta surucucu” (espécie de cobra peçonhenta, muito comum em área de várzea). O terreno onde hoje é a comunidade, foi adquirido pelo pai do seu Manduca, com o objetivo de plantar cacau. Então, durante muito tempo, a agricultura cacaueira foi o modo de

produção encontrado para sustentar não só a família de nosso entrevistado, como as famílias que lá se estabeleceram.

E foi dessa maneira que a comunidade foi se desenvolvendo, através da monocultura do cacau, bem como o cultivo de outras frutas e hortaliças que, aliados a pesca e a caça, serviam para o sustento e alimentação dos moradores lá estabelecidos. Até hoje essa cultura permanece, não com a abundância de outrora, mas a pesca principalmente continua sendo o alimento principal dos moradores, além da criação de outros animais como porcos, galinha, pato e também a criação de gado bovino. A comunidade, na época de sua fundação oficial, contava com vinte (20) famílias estabelecidas. Atualmente (2016) conta com trinta e duas (32).

Outra característica bem peculiar, típica da maioria das comunidades ribeirinhas, é que não possui água potável, pois a água para consumo é tirada diretamente do rio. Até a implantação do Projeto do Governo Federal “Luz para Todos”, a comunidade não possuía luz elétrica, hoje a energia se faz presente, em decorrência da implantação do projeto na comunidade. Assim, é comum você ver nas casas uma televisão, antena parabólica e geladeira, ventiladores e todos os produtos eletro-eletrônicos que necessitam de energia elétrica para sua utilização. A telefonia móvel também cumpre seu papel nesse processo de evolução; os moradores conseguem comunicação telefônica, através da operadora de serviços Vivo, pois somente os serviços dessa operadora é disponibilizado na comunidade.

As casas dos moradores têm estrutura em madeira, estilo palafita, para suportar todos os anos o período de cheia do rio. Umas são bem estruturadas, divididas em cômodos, bem espaçosas, com varandas, sala, quartos e cozinha, em que cada membro da família tem seu espaço; outras, entretanto, são construídas com apenas um cômodo e abrigam tanto os adultos quanto as crianças em um único espaço físico. Não existe nenhum tipo de comércio na comunidade, tudo o que os moradores necessitam de gêneros alimentícios a todo e qualquer tipo de utensílios domésticos, roupas, calçados, medicamentos entre outros, eles precisam se deslocar para comprar na Comunidade do Maranhão ou adquirem na cidade de Parintins.

Além de todos esses elementos citados, que fazem parte do cotidiano dos moradores, a comunidade conta ainda com uma igreja católica, que está sob a jurisdição da diocese de Parintins, uma escola municipal multiseriada, que atende alunos da Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. Não possui posto de saúde ou qualquer outro serviço na área, embora um dos moradores seja agente de saúde, com curso específico na área, oferecido pela Secretaria Municipal de Saúde de Parintins; sua função na comunidade é visitar os moradores

para orientação, prevenção e encaminhamento das pessoas (adulto ou crianças) ao posto de saúde na Comunidade do Maranhão ou em Parintins para tratamento das enfermidades.

O transporte utilizado pelos comunitários são barcos e canoas. Durante o período da cheia do rio, a comunidade fica alagada e consequentemente as casas também; nessa época, que dura aproximadamente de cinco a seis meses, alguns moradores deixam suas casas e levam todos os seus pertences, inclusive suas criações de animais; outros, porém, se recusam a sair de seus lares, muitas vezes por não terem para onde ir, levando seus pertences, e acabam ficando, mesmo em condições precárias.

Os poucos moradores que permanecem na comunidade no período da enchente ficam expostos a todos os tipos de perigos, desde doenças como malária, febre amarela, infecção intestinal até ao aparecimento de animais peçonhentos como as cobras. Para enfrentar esse desafio imposto pela força da natureza, utilizam um sistema muito comum no ambiente amazônico de várzea, denominado “maromba” (construção de um assoalho em madeira bastante alto, como uma ponte, em cima do outro assoalho existente). Os moradores, para se locomoverem de uma casa para outra dentro da comunidade, têm que utilizar a canoa, pois não existe terra firme, tudo está coberto de água. Nesse momento, os moradores passam a ser vistos como os povos das águas: é o retrato da Amazônia das águas.

Em algumas residências, principalmente daqueles moradores que possuem embarcação própria, tanto na época da enchente como da vazante, os comunitários se deslocam até a Comunidade do Maranhão ou Parintins, em busca de água potável, apropriada para ingestão e consumo humano. As demais atividades domésticas, como tomar banho, lavar roupas, louças e até mesmo para cozimento dos alimentos por alguns moradores são realizadas com a água retirada direto do rio.

A comunidade do Maranhão possui um sistema de tratamento de água oferecido pelo Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto da cidade de Parintins (SAAE); por isso, os moradores da Comunidade Nossa Senhora da Conceição e das comunidades vizinhas se deslocam até lá, para adquirirem esse líquido precioso, em condições adequadas para consumo. Outros moradores, porém, não utilizam esse mecanismo para a aquisição desse recurso hídrico; então retiram água do rio para beber, apenas utilizando uma técnica de tratamento rudimentar caseira para o líquido, que consiste em coar a água e colocá-la em um pote (vasilha de barro ou cerâmica, própria para armazenar água; nesse processo de tratamento de água são colocadas apenas algumas gotas de hipoclorito (substância química própria para retirar as impurezas da

água) para, assim, ela ficar adequada para o consumo. Essa técnica é uma das recomendações e orientações, realizadas pelo agente de saúde, quando de suas visitas aos moradores.

No tocante às atividades sociais e culturais, aos domingos na igreja acontece a celebração da missa 8h. Não existe padre na comunidade, quem celebra a missa é um ministro da eucaristia, nomeado e preparado pela diocese de Parintins para tal função, é um morador ou o presidente da comunidade. A celebração segue todos os preceitos religiosos da igreja católica, com exceção do Rito Sacramental, aquele momento da consagração da hóstia santa, que não é realizado, pois só pode ser executado por um padre, mas as demais etapas da missa seguem todo o ritual normal. Em virtude de não haver esse momento essencial da celebração eucarística, os moradores da comunidade denominam a celebração de “culto”, mas sem nenhuma relação com o culto que acontece nas igrejas evangélicas.

A missa aos domingos é um momento em que todos os moradores se reúnem, para interagirem uns com os outros socialmente. Outro momento de interação é a partir das 15h, também aos domingos, pois acontecem torneios de futebol entre os comunitários e as comunidades vizinhas. Toda comunidade se reúne para prestigiar os jogadores que se dividem entre homens e mulheres. Equipes masculinas e femininas são formadas para a disputa, cujo objetivo é para lazer e recreação dos moradores. Outro momento cultural e religioso importante é a festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, que acontece geralmente na última semana de novembro ou início de dezembro. As festividades contam com procissão e arraial com comidas típicas e torneios de futebol.

A comunidade ribeirinha Nossa Senhora da Conceição é formada por pessoas simples e humildes, como é típico desses ambientes, todavia, são bastante acolhedoras e receptivas. A população é composta por idosos, adultos, jovens e crianças, dos quais 60% são jovens e crianças, o restante distribuído entre adultos e idosos. Alguns moradores são mais necessitados do que outros, porém não são miseráveis, não se encontram abaixo da linha da pobreza. São pobres, mas dentro desse patamar, eles têm o necessário para suprir suas necessidades, alguns criam gado bovino, para produção de leite e queijo, que são comercializados na cidade de Parintins. O lucro obtido com a venda desses laticínios ajuda na renda familiar dessas pessoas e aqueles que não têm esse tipo de renda são ajudados pelos que possuem um pouco mais.

Cada família tem em média de quatro a cinco filhos. Cada casa tem de três a quatro crianças com menos de cinco anos. Com relação à renda familiar, existem pessoas aposentadas pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), trabalhadores agrícolas, pescadores e

vaqueiros. Outra fonte geradora de renda das famílias é o Bolsa Família. Mas, o que chama a atenção, é o significado da comunidade para seus moradores, pois eles têm muito orgulho de pertencer ao lugar, a solidariedade é uma característica marcante e presente entre eles. Se um morador porventura não tiver o alimento para dar aos seus filhos naquele dia, imediatamente todos se mobilizam para auxiliar aquele mais necessitado.

Durante um determinado período, de abril até agosto ou setembro, alguns moradores coabitam com as águas, a comunidade fica cercada de água por todos os lados; durante essa época a principal fonte de alimentação é o peixe, eles vivem praticamente do pescado e os que permanecem na comunidade, enfrentando os perigos que já foram citados, servem como guardiões das outras residências que estão sem seus habitantes; precisamente são dois moradores da comunidade os que ficam sempre durante o período da cheia. Com relação a esse aspecto, Fraxe (2004, pp.295-296), ao se referir ao aspecto tradicional do ribeirão ressalta:

No ambiente rural, especialmente ribeirão, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. Nesse sentido, a relação do caboclo ribeirão com a água que atravessa seu cotidiano se torna de importância vital para a compreensão desse homem e do universo que o habita.

Todos os anos esse fenômeno acontece; alguns moradores se preparam para aguardar esse momento com a tranquilidade necessária, todavia, existem aqueles, que mesmo sabendo que esse período vai passar depois de alguns meses, não conseguem abrir mão de seus pertences, não querem sair de perto de suas propriedades, porque acham que, a qualquer momento, invasores chegarão e levarão o que lhes pertence. Um desses moradores me informou que, em um desses períodos, uma cobra do tipo sucuriju, parente próxima da sucuri, tentou invadir sua casa em busca de alimento, pois o mesmo havia deixado algumas galinhas na casa, junto com seus pertences; ele teve, então, que atirar no animal e matá-lo: é a lei da sobrevivência. Agora, sempre que ele fica em casa na época da enchente, espera que o mesmo fato venha a se repetir.

Após o período da cheia, os habitantes retornam para seus lares retomando suas atividades na comunidade. A vegetação nessa época assume outra característica, o capim, antes coberto pela água, surge mais verde e mais viçoso, tornando o pasto uma fonte de alimento salutar para o gado; por esse motivo, muitos criadores de gado transferem seus rebanhos para essas áreas a fim de que os mesmos possam ter uma alimentação saudável, engordando até ficarem dentro dos padrões recomendados para o abate. As visitas à casa dos moradores, antes feita de canoa,

agora são realizadas a pé, pois o terreno já não está mais alagado e nem lamacento, como outrora se encontrava.

Os moradores têm por hábito acordar muito cedo nesse período, entre 4h30 e 5h, e começar seus afazeres diários. As mulheres cuidando da casa e do café da manhã e os homens cuidando do gado, tirando leite ou limpando o terreno, capinando, porque o capim ficou muito alto em decorrência da cheia e precisa ser cortado, abrindo caminho para o gado e para as pessoas se movimentarem a pé. O banho na beira do rio é uma constante também; apesar de as casas serem providas de banheiro, o banho na ponte tirando água do rio com a cuia (recipiente extraído do fruto de uma árvore, trabalhado manualmente ou de forma artesanal, serve como tigela para alimentos e também para pegar água do rio) é um costume tradicional dos habitantes.

Outro costume dos habitantes é a hora da sesta, todos os trabalhadores, após a hora do almoço, costumam, como eles dizem, “dar um cochilo”; esse momento acontece após a hora do almoço, que costumeiramente ocorre entre 11h30 e 12h; após esse intervalo de descanso, retornam às atividades. Da mesma forma que acordam cedo, dormem cedo; assim, o horário de trabalho dos homens, no período vespertino, encerra-se às 17h30 ou 18h; às 19h, impreterivelmente, o jantar é servido e após o jantar todos procuram suas redes para se deitar. O costume aqui são as redes, embora a cama faça parte do mobiliário doméstico, mas as pessoas preferem dormir em redes.

A maioria das casas possui aparelho de televisão, então, logo após o jantar, os moradores se reúnem sem exceção, em frente ao aparelho de televisão para assistir novela, isso também se deve ao fato das casas possuírem antena parabólica, o que facilita o acompanhamento da programação televisiva, principalmente as novelas. Após assistirem a novela das 21h, todos os membros da família se recolhem para dormir.

Antes, quando não havia energia elétrica na comunidade, pois esse aspecto de desenvolvimento é recente na comunidade, os moradores costumavam dormir mais cedo, e o que eles faziam para passar o tempo até o sono chegar, além de rememorarem os acontecimentos dia (o boi que fugiu e se embrenhou no mato, ou o bezerro que nasceu muito bonito, porque é filho do garrote tal), eles ainda contavam várias histórias e, nesse momento, a questão mitológica se fazia presente, a imaginação do caboclo navegava fértil pelos rios das lendas e mitos, que fazem parte do imaginário caboclo e de sua tradição cultural; sobre isso, Fraxe (2004, p. 299) afirma:

Devaneando à beira dos rios, acororado à soleira da porta de sua morada, debruçado no peitoril da janela, fumando no trapiche ou à cabeça da ponte (porto) em frente às águas, navegando após as fainas da pesca, o caboclo devaneia diante do rio ou da floresta. Desenvolvendo audaciosas personificações estéticas, convive com os sonhos, repousa no tempo sem pressa nesse mundo sonhado.

E é assim que o dia a dia desse típico sujeito amazônico vai se constituindo; é um mundo que ele vai construindo em momentos de descanso, após suas jornadas de trabalho. Ao deitar-se em sua rede para o descanso noturno, ele vai refazendo o universo de sua imaginação; isso é um movimento típico dessas pessoas que habitam esses lugares; na maioria das vezes, eles próprios não percebem o universo criativo de sua imaginação, do valor do elemento cultural presente em seu modo de ser. Seguindo ainda os postulados de Fraxe (2004, p.303), a autora ressalta:

A cultura do mundo rural de predominância ribeirinha constitui-se na expressão aceita como a mais representativa da cultura amazônica, seja quanto aos seus traços de originalidade, seja como um produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade dos seus habitantes; aquela onde podem ser percebidas, mais fortemente, as raízes indígenas e caboclas típicas de sua originalidade, florescentes ainda em nossos dias. Contudo é preciso repetir que a cultura do mundo ribeirinho se espraia pelo mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições da cultura urbana. Interpenetram-se, embora as motivações criadoras de cada qual sejam relativamente distintas.

Analisando as palavras da autora, no que se refere a essa forma de expressão cultural tão presente no cotidiano das populações amazônicas ribeirinhas, percebo que os habitantes da comunidade de Nossa Senhora da Conceição, realmente apresentam essa característica de identidade cultural. O rádio, mesmo antes da chegada da energia elétrica (rádio a pilha) foi e continua sendo o meio de informação e comunicação mais importante na vida dos comunitários; todavia, com a implantação do projeto “Luz para Todos” na comunidade recentemente, um pouco dessa tradição cultural está sendo substituída pela cultura da TV, a cultura das novelas, que passou a ser um novo elemento de entretenimento e lazer para os moradores, em que as conversas e histórias contadas após o jantar estão sendo deixadas de lado, cedendo espaço para as histórias do mundo de ficção televisivo.

Essa cultura midiática é tão presente na vida de parte das pessoas, principalmente da população jovem e infantil, que as crianças fazem questão de andar com os mais diversos tipos de roupas e acessórios e materiais escolares vistos em propaganda na televisão. Assim, na sala de aula, algumas crianças, aquelas cujas famílias têm um poder aquisitivo melhor, possuem

materiais e mochilas das “Princesas, Frozen, Ben 10, Homem Aranha etc. Aquelas cujas famílias não podem adquirir tais materiais se conformam em receber esses produtos já usados em forma de doação.

Não que as crianças ou os jovens não tenham o direito de adquirir ou até mesmo de conhecer esses produtos apresentados pela mídia. A preocupação gira em torno do valor econômico de cada produto e do poder aquisitivo das famílias que vivem na comunidade. Nossa intenção aqui é mostrar o poder da propaganda influenciando no modo de vida das crianças e jovens, mesmo nas mais longínquas cidades, como é o caso da comunidade pesquisada. A comunidade investigada é uma realidade complexa, composta por sujeitos que possuem diferentes maneiras de pensar e agir e que as mudanças nos padrões tecnológicos foram responsáveis em parte pela mudança no padrão sociocultural de alguns desses sujeitos. E esse é um pouco do perfil da comunidade e dos seus habitantes, que foi observado durante o período em que a pesquisadora esteve presente na comunidade, convivendo e participando de vários momentos que fazem parte do cotidiano de seus moradores.

4.4 – Histórias e memórias: convivendo com a realidade, múltiplos olhares, novos saberes e novas aprendizagens

Minha história com a comunidade Nossa Senhora da Conceição teve início em fevereiro de 2015. Estava procurando uma escola de uma comunidade ribeirinha, pois precisava desenvolver uma atividade na escola, como parte de meus estudos de doutorado e já com vistas ao desenvolvimento de minha pesquisa. A atividade seria a de desenvolver um projeto piloto, em uma escola de Educação Infantil, que me foi solicitado por minha orientadora, cujo objetivo do projeto era verificar como o professor utilizava alguns elementos do ambiente natural como recurso didático que proporcionasse uma aprendizagem significativa para as crianças.

Como era início de fevereiro, nas escolas estaduais e nas escolas municipais que atendem esse nível de Ensino, tanto os alunos como os professores estavam em período de férias; apenas a equipe gestora e os funcionários administrativos se encontravam nas escolas. A princípio procurava uma comunidade rural próxima a Parintins, cujo acesso não fosse tão difícil. Nessa busca incessante e sem sucesso, tomei a decisão de ir à comunidade do Parananema, comunidade rural próxima a Parintins, e que apresentava o perfil que necessitava. Seu acesso tanto pode ser realizado por via terrestre, quanto por via fluvial.

Tanto a comunidade como a escola já eram conhecidas da pesquisadora, pois um laço de afinidade com o ambiente e com a escola tinha sido estabelecido há algum tempo, em razão de várias atividades pedagógicas ali realizadas, com os alunos do curso de Pedagogia do CESP/UEA, e também por passar momentos de lazer nos finais de semana na comunidade. Em atenção a esse laço estabelecido, havia tomado a decisão de realizar o projeto na escola da comunidade. Com a intenção de colocar em prática o projeto, chego à comunidade e à escola.

Ao chegar à escola, sou recebida por uma ex-aluna minha do curso de Pedagogia, que estava atuando como Coordenadora Pedagógica e informou-me que a escola também estava no período de férias, não havia alunos nem professores. Ela então me perguntou o motivo de estar lá; então, comecei a relatar a ela o que procurava e com que objetivo. Foi então que ela respondeu:

Professora, somente as escolas das áreas de várzea estão funcionando, porque têm um calendário especial. Eu conheço uma escola que não fica muito distante daqui da cidade, e agora que o rio está cheio, daqui do Parananema, é rapidinho de rabeta²³, inclusive meu primo é o Presidente de lá, se a senhora aceitar, posso falar com ele, e fazer o contato para a senhora ir para a Comunidade (relato da ex-aluna).

A partir dessa conversa, todos os trâmites necessários para minha ida à comunidade foram realizados. Entrei em contato com o Presidente da Comunidade, que atendeu minha solicitação, permitindo minha entrada pela primeira vez na comunidade e, conseqüentemente, na escola. Apesar de parecer uma situação de hierarquia, e na realidade é, se o Presidente desse um aval negativo, eu não poderia realizar minha atividade. A entrada numa comunidade, sobretudo para a realização de um estudo etnográfico, implica a autorização e o acolhimento de toda a comunidade e, sem dúvida, o líder comunitário deve ser o primeiro contato a ser feito e sua permissão necessária.

Assim, no dia 11 de fevereiro de 2015, tive o agradável prazer de conhecer pela primeira vez a Comunidade Nossa Senhora da Conceição, também conhecida como Vila Manaus, às margens do Paraná do Ramos. Nesse dia, saí de casa às 5h30 da manhã, rumo à comunidade do

²³ Meio de transporte muito utilizado pelos ribeirinhos para viagens de curta distância. Canoa de madeira de pequeno e médio porte, com um motor rabeta movido a gasolina acoplado em sua popa.

Parananema e, em um porto às margens do lago que recebe o mesmo nome da comunidade, embarcar na canoa tipo rabeta, que me levaria até à comunidade de destino. Às 6h, embarcamos na canoa, eu e minha equipe que estava composta pelas seguintes pessoas: eu, minha ex-aluna, aquela que agilizou e organizou todos os trâmites junto ao primo Presidente da Comunidade, o comandante da embarcação e mais uma moça que daria suporte para a equipe na alimentação, pois iríamos passar o dia inteiro lá e precisaríamos tomar café da manhã e almoçar.

Chegamos exatamente às 6h40 na comunidade; minha intenção era chegar cedo, para poder acompanhar o dia de aula da professora na escola. Ao chegarmos lá, fomos muito bem recebidos por todos; paramos no porto de uma casa, que o morador é irmão do Presidente da Comunidade; na casa fomos recebidos cordialmente tanto por seu dono quanto por seus familiares. A partir desse momento, novos laços de amizade foram estabelecidos entre todos nós. No decorrer de minhas viagens posteriores à comunidade, essa família sempre me acolheu e me deu abrigo durante todos os momentos em que precisei ir à comunidade para realizar minhas observações e investigação.

Após o café da manhã, eu e meus companheiros fomos conhecer a escola, mas somente eu entrei e permaneci na escola durante todo o período de aula. Fui muito bem recebida pela professora que estava em sala de aula na época e pelas crianças. Dessa maneira, consegui estabelecer uma relação amistosa também com os alunos e a professora, bem como com alguns comunitários que tive a oportunidade e o prazer de conhecer. O dia foi muito produtivo, participei das atividades escolares com a professora até o final da aula, o que abriu espaço para meu retorno à comunidade e à escola, sempre que necessitei chegar nesse ambiente, até então desconhecido para mim.

O novo ambiente amazônico que eu estava conhecendo, além de superar as expectativas criadas, possibilitou ainda uma gama de conhecimentos inestimáveis, da biodiversidade da floresta e dos rios até o processo de povoamento e ocupação desse espaço de terra, com suas peculiaridades locais, sua identidade ribeirinha e a valorização do seu espaço social e cultural. Com relação aos aspectos elencados acima, recorremos a Souza (2013, p.141), para entendermos esse processo:

Quando se chega num porto – sendo que neste é onde tudo começa ou tudo termina – as expectativas sobre o que vai encontrar aumentam por ser sempre um lugar de descoberta. Porque nada está pronto, mas tudo está para ser construído ou compreendido no seu processo contínuo de relações socioculturais ou socioeducativas.

E o sentimento é exatamente este, o que você vai encontrar? Como você será recebido pelas pessoas? Como será o processo de adaptação? Então, você começa a estabelecer relações interpessoais, socioculturais e começa a interagir e participar da e na vida das pessoas. E foram muitas idas e vindas depois desse primeiro contato, horas enfrentando as águas calmas do Lago Parananema, até chegar ao Paraná do Ramos, horas enfrentando os banzeiros (ondas violentas do rio Amazonas) para chegar ao destino. Souza (2013, p.141) afirma que: “ as experiências vividas na beira do rio são traduzidas em conhecimento a partir do tempo em que se passou navegando e balançando pelos banzeiros, indo ao encontro de respostas a questionamentos”.

Como já relatado anteriormente, no período em que o rio está cheio, saímos de rabeta pelo lago do Parananema; quando o rio está seco, saímos do porto de Parintins, situado na frente da cidade, pois nessa época é de onde saem os barcos de linha com destino às comunidades ribeirinhas. De rabeta ou em barco de linha realizava minha jornada rumo ao universo desconhecido para mim, onde está a Comunidade Nossa Senhora da Conceição.

E quantas vezes me aventurei em barco de linha, junto a passageiros deitados em suas redes, em meio a caixas de frutas, engradados de bebidas, gêneros alimentícios, botijões de gás etc. Isso acontece porque os comunitários aproveitam o momento em que estão na cidade para adquirir todos os produtos que a comunidade não possui ou, se possuir, o preço é bem mais alto do que o vendido na cidade. Então, é muito típico nessas viagens ter-se que dividir o espaço restrito do barco com pessoas e produtos.

Essas experiências de certa forma enriquecem o conhecimento e nos fazem olhar a vida sob um novo prisma, se colocar no lugar do outro. A experiência vivida por mim naquele momento era temporária; mas, e os comunitários que convivem constantemente com essas situações? Para eles, essa situação é normal, faz parte da sua vida cotidiana, é a rotina deles, mas, para a pesquisadora acabou se tornando também, pois foram vários retornos e estadas na comunidade.

O horário de saída dos barcos de linha para as comunidades do porto de Parintins, acontece entre 13h e 13h30 horas, e é exatamente nesse horário que o rio Amazonas está agitado em razão do vento, com isso provocando os famosos banzeiros, fazendo a pequena embarcação balançar de um lado para outro, fazendo o passageiro de primeira viagem sentir uma sensação de medo, achando que a embarcação vai afundar nas ondas fortes do caudaloso rio.

E foi esse conhecimento, essa vontade de descobrir uma nova realidade, uma realidade que eu não estava habituada, que me fez enfrentar todos os desafios e minha relação com essa

nova realidade foi ficando cada vez mais constante, fui tão bem recebida pelos moradores, que comecei a me sentir como parte desse ambiente, eu estava sendo adotada por eles, e estava adotando o lugar como parte integrante de minha vida. Dessa forma fui conseguindo me adaptar e me acostumar com os sons e as vozes da natureza.

Na primeira semana que estive na comunidade (eu ia às segundas-feiras e voltava no sábado, embora tenha havido momentos em que fiquei quinze dias seguidos, incluindo os finais de semana), em setembro de 2015, como era verão, período de vazante do rio, tive que ir no barco de linha, enfrentar o banzeiro do Amazonas. Esse foi o primeiro desafio; outro desafio era que eu tinha que levar além de meus objetos pessoais, também gêneros alimentícios, água mineral etc., produtos que eram para consumo próprio, pois além de não existir água potável na comunidade, ela também não dispõe de proventos para atendimento das necessidades básicas; eu levava ainda uma rede para dormir, já que o costume dos moradores é esse.

Assim que chego ao barco, encontro várias pessoas conhecidas, inclusive ex-alunas minhas, que iam ver seus familiares na comunidade. Fiquei contente por ter companhia de pessoas que conheciam a comunidade; eu estava indo de barco pela primeira vez e não sabia ao certo a localização do porto, onde desceria do barco. Minha ex-aluna me pergunta o que eu vou fazer na comunidade e informa que vai descer no mesmo porto que eu, fiquei mais alegre ainda, não estava só, enfrentando um rio Amazonas enfurecido como naquele dia.

Respondo à indagação da aluna, informando o motivo de estar indo para a comunidade e meu objetivo, que estava realizando estudos de doutorado etc. Ela me responde: “professora, mas lá na comunidade não tem nada, a escola está caindo aos pedaços, o que a senhora vai pesquisar lá?”. Eu respondi para ela: “aí é que você se engana, existe muita coisa lá que pode ser investigada, eu tenho um olhar, você como moradora tem outro, o não ter nada já é um assunto que deve ser investigado, a escola caindo aos pedaços como você diz, é outro assunto que merece ser analisado, os porquês”. Ela parou um pouco, refletiu e respondeu: “sabe que a senhora tem razão?”.

Depois desse diálogo, continuamos nossa viagem, eu torcendo para sair logo do rio Amazonas e entrar no Paraná do Ramos que é um rio mais tranquilo. Quando estamos seguindo o curso de nossa viagem, mais uma vez sou interceptada por um morador, que me faz a mesma pergunta, o que eu vou fazer na comunidade, e novamente exponho todos os motivos que me levam ao meu destino, ele responde quase que da mesma maneira da aluna: “nem existe mais

escola lá, aquilo não pode ser chamado de escola, até hoje, está com a logomarca do prefeito anterior, tu vais só perder teu tempo.”

Então eu olhei para ele e falei que, ao contrário do que vocês possam imaginar, existem muitos aspectos para serem investigados, só nesse momento vocês dois conversando comigo, já me deram informações importantes para análise e investigação, e continuamos com nossa viagem, até nosso destino. Chegamos no porto de destino às 16:00 horas (saímos do porto de Parintins às 13h). Meu objetivo com essa viagem era acompanhar o trabalho da professora na escola, pois tinha iniciado o período letivo e minha intenção era observar seu trabalho nas primeiras semanas de aula.

Estava achando que ia encontrar a mesma professora que me recebeu na época em que estive para realizar as atividades do projeto piloto, mas, para minha surpresa, ela não estava mais e não havia professor, ou seja, as crianças estavam sem aula, porque a SEMED ainda não tinha conseguido nenhum professor para a escola. Realmente encontrar um professor para trabalhar na escola, nas condições que são oferecidas é uma tarefa árdua.

O quarto que serve como alojamento para o professor não tem a menor condição de uso, pois o assoalho está quebrado e com buracos, não existe nada no alojamento, o professor tem que levar de fogão até os utensílios domésticos, porque não existe nenhum objeto desse tipo e o professor tem que cozinhar se quiser fazer suas refeições.

A senhora que me hospedava em sua casa, sempre que precisei ir para a comunidade, tem dois filhos estudando na escola e já havia me informado sobre a situação, de não conseguirem professor para a escola, por vários motivos: o primeiro deles é não haver professores habilitados na comunidade; então, a Secretaria Municipal de Educação tem que contratar professores em Parintins.

O segundo é a falta de estrutura em todos os sentidos para alojamento do professor, porque no geral eles ficam na comunidade até sexta feira ou até sábado, quando acontece de ser sábado letivo, e necessitam de um local adequado, com condições de atendimento às suas necessidades, e o problema consiste exatamente nessa “falta de condições”, que acaba na não adaptação dos professores à realidade apresentada. Quando o professor tem parentes na comunidade, ele ainda tem um suporte, mas quando não existe essa condição, fica difícil para ele se manter com essas condições precárias.

Em virtude de as aulas não terem iniciado e o meu objetivo era observar o dia a dia de alunos e professor, resolvi retornar mais cedo para Parintins; todavia, fiz minhas anotações e observações sobre a comunidade. A paisagem da floresta de várzea nessa época é magnífica; quando o rio seca, deixa a vegetação com vários nuances de verde e como é época de verão, o vento que sopra é uma delícia, tanto pela parte da manhã quanto pela parte da tarde. De vez em quando se ouve o barulho das embarcações que passam em frente à comunidade.

O som das embarcações varia conforme a potência do motor e o que chamava minha atenção com relação a esse som é os moradores conhecerem a embarcação pelo barulho do motor. Quantas vezes ouvi o dono da casa onde eu estava falar: “lá vai o barco tal, do fulano de tal”, porque toda a embarcação tem um nome de identificação obrigatório para registro da embarcação na Capitania dos Portos e quando a embarcação passava, eu realmente comprovava que se tratava do nome descrito pelo senhor.

Lá não necessitamos de ventilador ou condicionador de ar; a ventilação é natural; depois do almoço, costumava colocar minha rede na varanda da casa e apreciar a paisagem para fazer a sesta, como é hábito dos moradores. Eu também dormia na rede, assim como todos, tomava banho na ponte do porto, como é costume deles também. Cada casa tem sua ponte, que serve como porto na beira do rio e assim fui aprendendo e me habituando com todos os costumes dos comunitários. A única coisa que eu não consegui foi comer carne de caça; de vez em quando um comunitário me oferecia carne de caça (capivara, paca, tatu, macaco), mas não consegui.

A rotina na comunidade é a seguinte, os moradores da casa onde estou hospedada e os demais moradores da comunidade acordam com o raiar da manhã, às 4h30 já estão de pé; eu tento acordar às 6h, mas não consigo, acordo praticamente com os donos da casa, só não me levanto. Além do mugido do gado que está preso no curral, e este fica próximo da casa, tem o barulho estridente dos porcos embaixo da casa; como a casa é palafita, os porcos dormem embaixo do assoalho, porque eles andam soltos pelo terreno e quando dá 4h da manhã, eles começam a fazer um barulho muito grande; nunca pensei que esse animal fizesse tanto barulho ao acordar, então, na hora melhor do sono não consigo mais dormir.

Além do barulho dos porcos, tem também seus outros companheiros barulhentos, galos, galinhas e perus. Imaginem essa cantoria todos os dias no raiar do dia! Quem não está acostumado com esses sons acha muito estranho. Mas, se por um lado tem toda essa sonorização proporcionada pela fauna, por outro lado tem o som de uma orquestra maravilhosa, proporcionada pelo cantar dos pássaros, anunciando mais um dia chegando e um grande

espetáculo oferecido pelo nascer do sol, com seus raios luminosos sendo refletidos pelas águas serenas e tranquilas do Paraná do Ramos. Observar esses momentos revigora e dá a força necessária para continuar a jornada.

Depois que voltar da comunidade, no mês de setembro, retornei a São Paulo, para dar continuidade às orientações e apresentar a minha orientadora os resultados; fiquei do dia 20 ao dia 24 de janeiro. E mais uma vez, tenho que ir balançando no banzeiro do rio, novamente vou no barco da linha, pois o rio ainda está enchendo, então os furos e igarapés, que se formam quando o rio está cheio, e que facilitam a viagem de rabeta, ainda não se fazem presentes nessa imensidão hidrográfica que é o rio Amazonas e seus afluentes.

Mesmo na época da vazante, o Amazonas continua imponente e caudaloso; seu volume de água durante o período da vazante diminui, ocasionando em alguns trechos a formação de bancos de terras, às vezes causando contratempos para algum navegador inexperiente, porque o caboclo ribeirinho, acostumado com o fenômeno da cheia e seca dos rios todos os anos, conhece bem o caminho e cada detalhe dessas ruas hidrográficas. Retomando o assunto da viagem, embarco no São Raimundo, nome do barco que faz linha para a comunidade, saio 13h30 de Parintins e chego à comunidade às 16h30; como era segunda-feira, assim que desembarco no porto da casa, falo com os moradores, deixo meus pertences na casa, sigo imediatamente para a escola com o objetivo de falar com a professora.

A escola funciona apenas no turno matutino, mas, mesmo tendo essa informação vou em busca de conhecer a nova professora que está atuando na escola. Com a escola fechada, me informo com alguns comunitários sobre a nova professora e fui informada que ela estava morando na casa de um tio, morador da comunidade. Encontrei a casa do morador e a professora, me apresentei a ela e expliquei meu objetivo naqueles dias que ia ficar na comunidade. Apresentei inclusive o documento da SEMED, autorizando a realização da minha pesquisa na escola. Em princípio ela não aceitou muito bem minha presença, alegando não ter sido informada que eu iria realizar observações em sua sala de aula; argumentei que tinha entrado em contato antecipadamente com o Presidente da Comunidade, com o Secretário de Educação Municipal, realizado todos os trâmites legais para realizar a pesquisa. Mas é preciso considerar que se ela não desse sua permissão, nada poderia ser feito, pois ela seria um dos principais participantes da pesquisa.

A professora continuava intransigente, procurando várias justificativas para que eu desistisse, inclusive que tinha que preparar as crianças e que a sala de aula era o espaço dela

etc. Nesse momento, a única coisa que me vinha à cabeça era: “como eu vou conseguir outra escola?”. Depois de argumentar com a professora, explicar que eu estava ali apenas como observadora, pesquisadora, colaboradora, minha intenção não era interferir no trabalho dela, chegamos a um consenso positivo e ela permitiu a realização de minhas observações, acompanhando-a em todas as atividades escolares.

Após minha conversa com a professora, retornei para a casa onde estava hospedada, como já eram quase 18h, comecei a me preparar para o banho na ponte, antes que ficasse muito escuro e os insetos noturnos, principalmente o carapanã (pernilongo), impedissem tal ação. E assim tinha início minha jornada de pesquisadora naquela comunidade; após o banho de rio na ponte, a casa se prepara para o jantar que ocorre por volta das 19h, em seguida, fazendo parte das atividades noturnas, os moradores assistem televisão e após a última novela se recolhem para dormir, descansando de mais um dia de trabalho. O som noturno da natureza é um tanto assustador, sapos coaxando, grilos e corujas ajudando na sinfonia e com essa orquestra toda nos presenteando com os sons.

Mais um dia que amanhece, estou acordada desde as 4h, com o som dos porcos embaixo da casa, fazendo sua alvorada matinal; não sei se vai ter algum dia que irei ignorar o barulho ensurdecedor provocado por eles, pois tenho a impressão que só eu estou incomodada, os outros moradores continuam dormindo, como se nada os incomodasse. O dono da casa já levantou, inicia seus afazeres desde às 5h, reúne o gado no curral para tirar o leite que será servido no café da manhã. Sua esposa também já levantou e começou seus afazeres domésticos. Enquanto os outros dormem, eu fico ouvindo do quarto onde estou a movimentação das pessoas nos seus afazeres.

Levanto às 6h para dar início a mais um dia de atividades na comunidade. O dia amanhece ensolarado; hoje promete ser um dia quente, mas o vento está forte, o que provoca muitas ondas no Paraná do Ramos, os barcos passam por nós na ponte, subindo e descendo o rio. E a rotina é a mesma, banho na beira do rio, eu e meus companheiros (as crianças), que também se dirigem à ponte para o banho matinal. Após o banho, vamos tomar café, com o leite de vaca fresquinho tirado naquele dia, comer queijo feito na própria residência, pelo pai das crianças.

Aqui existe um diferencial; no geral, na cidade, se come queijo com pão, feito sanduíche; aqui na comunidade, como não tem pão nem padaria para se adquirir esse produto, as pessoas comem queijo com farinha de mandioca. Essa é uma prática muito comum aqui ou em qualquer outro lugar do Amazonas, e até mesmo da Região Norte: as pessoas utilizam a farinha de

mandioca como complemento alimentar; sem farinha o caboclo não come. Logo, comer queijo com farinha e café é uma prática comum para os moradores.

Quanto a mim, prefiro comer o queijo sozinho, caso não tenha o pão, porque gosto mesmo é de pão com queijo. As crianças da casa em que estou hospedada estudam na escola e vão comigo, me fazendo companhia, pois conhecem o melhor caminho feito a pé, para chegarmos à escola. Conhecem os gados bravos, que se encontram pastando no caminho que nos leva ao nosso destino e sabem como desviar. E vamos seguindo nosso caminho; vou dando bom dia para os moradores que estão em seus afazeres domésticos, pois vamos passando pelo quintal de algumas residências e os comunitários estão alimentando os animais e, nesse percurso, vamos espantando porcos, galinhas e patos que encontramos no caminho.

E é uma aventura mesmo, de vez em quando ter que desviar de uma vaca que está perto de sua cria e acha que somos intrusos, passar por baixo ou por cima de uma cerca, que separa um terreno de outro, evitando a invasão do gado, mas as crianças conduzem esse processo muito bem, sabem como desviar das situações perigosas. Conhecem os animais pelos nomes; elas nomeiam e identificam cada animal, e é isso que me deixa perplexa diante desse conhecimento, as crianças me ensinaram muito, aprendi muito com elas e com as outras pessoas da comunidade. Esse conhecimento das crianças tem sido considerado pela escola? Esta é uma das questões que esta pesquisa pretende responder.

E assim chegamos ao nosso destino, vou assistir à primeira aula com as crianças e a professora. Chegamos cedo, antes da professora, tivemos que esperar, porque é a professora que abre a escola, ela é responsável pela chave, então ela é que abre e fecha a escola. Assim que ela chegou, esperei que entrasse com as crianças, fico aguardando sua permissão para entrar na sala. Assim que ela entra e organiza os alunos na sala, eu entro e sou apresentada aos alunos por ela.

A receptividade das crianças foi muito boa, expliquei a elas o motivo de estar ali, pedi a colaboração delas e as informei que durante algum tempo iríamos ser companheiros. Fiquei durante toda a manhã na sala de aula com a professora, ajudei a servir a merenda das crianças, que nesse dia foi mingau de arroz. A escola só funciona no horário matutino, o turno vespertino fica para algum reforço que porventura algum aluno precise ou, às vezes, a professora utiliza esse horário para reposição de aula.

Após o término da aula, vamos embora para casa, eu e meus companheiros, agora com um grupo bem maior, pois mais algumas crianças se juntaram ao nosso grupo no retorno às suas

casas, e cada uma que ia ficando no caminho, fazia questão de me abraçar e dizer “até logo” e perguntavam se eu estaria no outro dia na sala de aula. É muito reconfortante esse carinho dispensado pelas crianças, logo no primeiro momento. São crianças muito espontâneas, algumas retraídas, mas a maioria bem falante e desinibidas.

E dessa forma, caminhando com o sol bastante quente de onze e meia da manhã, chegamos em casa para as atividades do almoço. Dona Sula, mãe das crianças, estava terminando de preparar o almoço, e seu filho mais velho já estava arrumado, esperando o almoço para ir à escola na comunidade do Maranhão, e o transporte escolar, ou melhor, o rabeta, que faz o transporte escolar desses alunos que estudam nessa comunidade no horário vespertino, passa às 12h15 para levar os alunos para a outra comunidade; então, o almoço tem que estar pronto cedo. Depois do almoço, é hora de descansar, cada um pega sua rede e vai deitar, inclusive eu.

Aprecio a natureza, a paisagem bucólica, a paisagem da várzea, que é composta por uma relva muito verde, são vários nuances de verde. Estamos no mês de janeiro, precisamente no dia vinte de janeiro, e o rio ainda está seco; embora seja época de começar a encher, o rio ainda não está cheio como deveria, e isso torna a paisagem muito peculiar e exuberante nesse horário e é uma coisa impressionante.

O sol está a pino quando tudo fica calmo, com exceção do vento que, nesse horário, é muito forte e faz aparecer os banzeiros nas ondas do rio, e o canoeiro vai enfrentando o desafio do vento e da correnteza. Apesar do calor, não é preciso ventilador ou ar-condicionado e ainda tem o privilégio de apreciar todo esse movimento da natureza. Da rede onde estou, na varanda na frente da casa, observo o vai e vem de canoas e barcos subindo e descendo o rio daqueles que se atrevem a enfrentar os banzeiros nesse horário.

O entardecer logo chegou e com ele a rotina dos banhos antes de escurecer, porque além dos insetos noturnos a escuridão não é uma boa companhia para se tomar banho na beira do rio, principalmente em noite que não é de luar. Por outro lado, estamos diante de um pôr do sol magnífico. O sol resolveu dar um espetáculo particular e, daqui da ponte, os raios dele refletidos nas águas, é uma verdadeira obra prima natural.

Embora a comunidade tenha energia elétrica, esse benefício só se faz presente nas residências, não existe iluminação externa, a comunidade externa é escura, iluminada apenas com a energia proveniente das residências ou do luar quando a noite é enluarada; assim, o banho na ponte só é aconselhável até às 18h. As noites na várzea são muito frescas, com o barulho

natural dos sons da natureza como grilos, corujas e outros pássaros noturnos, além da serenata dos animais domésticos existentes. E assim, mais um dia termina na comunidade e a rotina é a mesma, jantar às 19h, assistir os noticiários e as novelas na televisão e no geral às 21h já estamos de volta às redes para mais uma noite de sono.

Mais um dia amanhece na comunidade, e o meu despertador mais uma vez começa a tocar às 4h, o barulho dos porcos, o galo começa a cantar, o gado mugindo, os sons da várzea. O curral fica muito próximo da casa, então o som é bem nítido, a impressão é que os sons são dentro do quarto, mas já estou me acostumando com esses despertadores. Levanto para o meu banho matinal, o dia hoje está nublado, o sol está escondido, começo a preparação para a rotina do dia, observo a atividade dos vaqueiros tirando o leite no curral, são apenas dois, estão ordenhando as vacas, estão tirando o leite que será servido no café e o restante vai para Parintins. O leite enviado à cidade será vendido, por isso o trabalho deles hoje será dobrado, vão ter que tirar mais leite do que normalmente tiram. São três vezes na semana apenas que o leite é comercializado na cidade de Parintins, e hoje é um desses dias.

Logo após o café, eu e meus pequenos companheiros seguimos para a escola, fazendo o mesmo percurso do dia anterior, e as pessoas continuam com seus afazeres diários, alimentam seus animais e nós os espantamos quando passamos por perto das casas. Ainda não são 7h, e eu vejo uma senhora indo em direção ao rio, com um balde cheio de roupas para serem lavadas. Assim que os homens alimentam seus animais, alguns deles vão pescar, pois a base da alimentação dos moradores é o peixe. Dessa forma, antes de o dia raiar, eles colocam a malhadeira (rede de pescar) no rio, e agora estão indo ver se já caiu algum peixe que servirá de almoço para a família.

Chegamos na escola, dou bom dia para a professora que já se encontrava juntamente com alguns alunos. Como ainda não eram 7h, outros alunos ainda não estavam na classe e ficamos todos aguardando; assim que os alunos chegaram, a professora inicia suas atividades. Ela chama um aluno para fazer uma oração. Sempre que inicia suas atividades na sala de aula, inicia com uma oração; após a oração hoje, trabalha um texto sobre o Saci Pererê. Os alunos maiores leem e interpretam o texto, enquanto os menores realizam uma outra atividade, que consiste em escolher um livro de história e pede minha colaboração para realizar a leitura da história para eles.

Imediatamente sou cercada por cinco alunos, dois da educação infantil e três do primeiro ano, nenhum deles sabe ler ainda. Cada criança pegou um livro com histórias diferentes e me

pediram para ler, e assim fiquei com essas crianças até a hora da merenda. Após a merenda, a professora retoma às atividades com as crianças leitoras e eu continuo com as crianças que estavam anteriormente comigo. Em seguida, a professora distribui para as crianças que estavam comigo uma folha de papel com atividade escrita, composta de letras e números para que copiassem o que estava escrito no papel.

O que me chamou atenção nesse momento foi a postura das crianças menores ao realizarem a atividade escrita, umas estavam deitadas no chão, outras sentadas, embora a sala dispusesse de carteiras, mas eles agiam como se estivessem em sua casa, na maior naturalidade. Confesso que fiquei incomodada com aquela postura dos alunos; em qualquer outra sala de aula, aquele comportamento não seria bem aceito pelo professor, no mínimo o aluno seria levado a entender que o lugar adequado para escrever é a carteira e que existe horário para descanso, para brincar etc.

Entretanto, percebe-se uma espontaneidade que possivelmente contribui para o desenvolvimento da autonomia da criança, uma das finalidades da escola que nem sempre é levada em consideração. É dessa autonomia que estou me referindo, as crianças da escola Nossa Senhora da Conceição agem espontaneamente em relação a algumas atividades de sala de aula. Tive a oportunidade de observar uma atividade recreativa, como parte do conteúdo da disciplina de Educação Física, que consistia em um jogo de futebol; essa atividade foi sugerida por eles, embora fizesse parte das atividades pedagógicas e do planejamento de aula da professora, o desenrolar todo da atividade foi realizado pelos alunos sem a intervenção da professora, no tocante à organização da atividade.

A atividade consistiu em um jogo de futebol misto; as meninas se juntaram com os meninos e formaram os times, mas o que chamou minha atenção foi como eles escolhiam os parceiros da brincadeira; não importava a idade ou a série, eles eram escolhidos por suas habilidades com a bola, mesmo que isso implicasse jogar um aluno maior contra outro menor, isso demonstra um pouco dessa autonomia e da capacidade de organização deles.

São 11h e as aulas desse dia estão encerrando. Antes que os alunos saiam, a professora comunica que hoje, no horário vespertino, haverá aula, mas somente deverão comparecer os alunos das séries iniciais; os da educação infantil não precisarão estar presentes. Segundo informação da professora, a aula no horário vespertino é para repor a aula da segunda feira daquela semana.

Realmente na segunda feira não houve aula, eu estava aguardando também a professora na comunidade. Meu lado de pedagoga entrou em alerta. Se a professora ia fazer reposição de aula, para cumprir as formalidades legais do calendário escolar, cumprindo os dias letivos, por que não repor aula para todos os alunos? Por que só para alguns? Com essa indagação na cabeça, perguntei da professora qual o motivo de ela só chamar os alunos do Ensino Fundamental?

Então, ela respondeu: “os pequenos não precisam, ainda não sabem ler, minha preocupação é com os que já sabem ler, preciso adiantar o conteúdo com eles”. Confesso que não fiquei convencida com a resposta da professora, não estou exercendo um papel fiscalizador, mas acho que os direitos dos alunos são iguais. Entendi a preocupação da professora com os alunos leitores, mas os duzentos dias não são iguais para todos os níveis e modalidades de ensino? Esse questionamento vai continuar fazendo parte de minhas indagações, penso que o meu lado pedagoga nesse momento se faz presente.

Terminada a aula, nos dirigimos para a casa, eu e minhas crianças; agora elas já faziam parte de minha rotina. Ao chegarmos lá, observei que a casa estava cheia de visitantes, que eu ainda não conhecia. Os proprietários da casa são pessoas que agregam, são muito receptíveis; então, toda a embarcação que sobe ou desce o rio, para no porto localizado na frente da casa. Sempre que algum conhecido deles, e são muitos, passa de barco, para no porto, desce da embarcação para cumprimentar os donos da casa e tomar um cafezinho.

Nesse dia a casa fervilhava de pessoas, uns entravam, outros saíam, uns pediam água ou café, às vezes sentavam um pouco para descansar e seguir viagem, outros porém tomavam água ou emprestavam algum gênero alimentício, principalmente farinha e continuavam sua jornada. Aliás, essa questão da ajuda mútua é muito presente aqui, eles têm um espírito solidário, uns ajudam aos outros. Dona Sula, a dona da casa, conta que um dia tiveram que fazer um puxirum (o que se conhece como mutirão, aqui recebe a denominação de puxirum), ajudaram uma senhora em sua casa, que praticamente deu à luz sozinha; o marido tinha saído para pescar há alguns dias e não havia retornado, e ela ficou em casa com três crianças pequenas, e com o que ainda estava para nascer.

Segundo o relato de dona Sula, a senhora começou a sentir as dores do parto e estava sozinha com as crianças, então, mandou o mais velho, de cerca de 7 anos de idade, chamar a vizinha para socorrê-la, pois estava entrando em trabalho de parto e não sabia o que fazer. Dona Sula chamou mais algumas senhoras na vizinhança e se dirigiram à casa da senhora que ia dar

à luz, que era parteira, já tinha feito vários partos na comunidade, embora não tivesse nenhuma formação específica na área, apenas a experiência prática, como é comum nesses lugares.

Além de ajudarem no parto, tiveram que se mobilizar na comunidade para conseguir roupas para o bebê, pois a mãe, devido às suas condições financeiras precárias, não tinha se preparado para a aquisição de roupas e acessórios para a ocasião. Mas, o puxirum deu certo, e as senhoras conseguiram na vizinhança não só o enxoval necessário para a criança como também gêneros alimentícios para a parturiente, até que seu marido chegasse.

Isso faz parte do perfil dos comunitários, esse espírito altruísta e solidário. Sabemos que todos passam por dificuldades e a comunidade é carente e não dispõe de muitos recursos, mesmo assim, eles tiram do pouco que têm para ajudar quem precisa.

São 15h e o sol está muito quente, dona Sula e suas filhas mais velhas estão cortando plástico para enfeitar a frente da casa no sábado, pois haverá festa em homenagem a São Sebastião. Dia vinte de janeiro é celebrado o dia do santo; como foi dia de semana, eles deixaram os festejos para o sábado, então as fitas e bandeiras estão sendo confeccionadas para ornamentar a frente da casa. Elas me pedem ajuda na confecção dos adornos e eu prontamente ajudo e assim passamos a tarde entre um café e um corte de tesoura no plástico que servirá de enfeite para a festa em honra a São Sebastião.

Com o cair da tarde, a noite chega com seus sons inconfundíveis, típico de um ambiente amazônico de várzea. E mais um dia vai se encerrando aqui na comunidade, os moradores das casas, inclusive a que estou, já se preparam para mais uma noite de sono e descanso da labuta do dia. Nesse momento, todos se encontram em frente à televisão assistindo as novelas. Eu acompanho os moradores nessa atividade, esperando o momento em que todos se recolhem para dormir.

Mais uma manhã chega e, como sempre, acordo com o despertador dos suínos e o mugido do gado. Os moradores se levantam para mais um dia de labuta, são 4h30, as atividades começam cedo hoje aqui na casa, porque o dia promete muito trabalho. É dia de produzir queijo, e essa atividade requer muito tempo; então, logo após o café da manhã, os homens começam os preparativos para a realização dessa árdua tarefa, mas que se torna prazerosa para os fabricantes, e logo aparecem muitos ajudantes para a realização do trabalho.

Como tenho que ir para a escola, não posso ficar para apreciar esse momento, mas o dono da casa me assegura que só a partir das 10h30 é que vão, literalmente, colocar a mão na massa.

A primeira providência a ser feita nesse momento é sair na canoa em busca da lenha que servirá de combustível para o cozimento e fritura da massa, então, dá tempo de ir para a escola e, na volta, assistir a forma artesanal de produção do queijo caseiro, também conhecido como queijo regional ou queijo de fazenda.

Após tomar café, vou para a escola, com a expectativa de voltar em tempo de assistir todo o processo da produção do queijo. Seguimos pelo caminho de sempre, o terreno é bem acidentado, tanto pela erosão provocada pela vazante, quanto pelos buracos que são formados pelas patas dos animais que andam pelo terreno, principalmente quando está enlameado. Em alguns pontos do caminho, observo a terra se partindo, a erosão aqui é constante, a mata de várzea é propícia para esse fenômeno. Em certos momentos, fico apreensiva de andar com as crianças por esses pedaços de terra, justamente porque estão muito próximos à margem do rio. Mas, as crianças me asseguram que não tem perigo. E elas vão correndo na minha frente, como que para dar a força e a coragem que necessito.

Chegamos à escola, mas a professora ainda não está; outros alunos também aguardam a chegada da professora para entrar. No geral, as escolas possuem um sistema de organização para entrada e saída dos alunos, horário do recreio, que estão condicionados ao som de sinos e campainhas que indicam esses momentos, aqui, no entanto, não existe esse padrão organizacional. Todavia, assim que a professora chega, as crianças entram e as atividades são iniciadas.

Hoje, a professora me pediu que fizesse a oração do dia. Atendendo à solicitação da professora, fiz a oração e aproveitei a oportunidade para agradecer à professora e aos alunos pela acolhida e pela semana que passamos juntos. Como hoje é sexta-feira, último dia de aula da semana, e na outra semana eu não vou estar aqui, aproveitei para fazer meus agradecimentos. De repente, o tempo se fecha, anunciando chuva; como estamos no mês de janeiro, período conhecido como inverno em toda a região, pois o índice pluviométrico é muito alto nessa época do ano, é muito comum essas chuvas pela manhã.

As aulas encerram-se às 10h; após esse horário será recreação para os alunos como parte dos conteúdos da disciplina Educação Física. A recreação consiste em um jogo de futebol; aliás, esse é o esporte preferido das crianças, embora no planejamento bimestral da professora apareçam outros jogos e brincadeiras, às sextas-feiras sempre são utilizadas para a prática desse esporte. Os alunos sentem o maior prazer em realizar essa atividade, tanto os meninos quanto

as meninas. As crianças ficam na atividade e eu retorno para casa na esperança de assistir à fabricação do queijo.

Ao chegar à casa, dirijo-me ao local onde os queijos são fabricados, encontro os homens trabalhando com afinco nessa atividade, são cerca de quatro homens e o queijo está sendo fabricado, a massa está em umas panelas enormes, cozinhando no soro do leite para depois ser frita. E o trabalho consiste em ficar mexendo a massa para não grudar no fundo da panela. É tudo feito de forma artesanal, o fogão à lenha está com as chamas altíssimas para que o conteúdo do recipiente ferva rápido, e o trabalho dos homens consiste em ativar o fogo colocando lenha, mexer sem parar com o intuito de não deixar agarrar no fundo da panela; quando um cansa de mexer, passa a colher de pau para o outro companheiro que está ali para auxiliar nessa tarefa, que é muito árdua porque o calor do fogo aliado ao calor da temperatura ambiente deixa os homens bastante suados.

Depois que a massa é cozida, é passada em uma peneira para tirar o excesso de água deixada pelo soro, ficando na peneira até que todo líquido seja retirado, depois desse processo ela vai para uma frigideira imensa também, para ser frita na manteiga que é retirada do próprio leite e é outro trabalho para os homens, fritar a massa até que derreta sem deixar queimar. Nesse momento não pode parar de mexer um segundo. Por isso, segundo informação do dono da casa, que é o responsável pela fabricação dos queijos, essa produção acontece somente duas vezes na semana.

O queijo é fabricado às terças e sábados, hoje é sexta feira, eles estão fabricando hoje, porque amanhã, sábado, que é o dia destinado para essa atividade, haverá uma outra atividade a realizar que não acontece sempre, vão matar um boi para os festejos de São Sebastião. Embora o dia do santo tenha sido dia 20, deixaram para festejar no final de semana, porque o dono dos gados que ele cuida mora em Parintins, é um empresário, dono de um supermercado, e ele é quem fez a promessa de festejar o dia do santo, doando carne para os comunitários, promovendo um almoço e a ladainha em honra ao santo para todos os moradores, e essa pessoa só poderá estar aqui sábado à tarde, por isso os festejos vão ocorrer no final de semana.

Essa prática é muito comum aqui, o proprietário de uma certa quantidade de cabeças de gado deixa aos cuidados de uma pessoa de sua confiança, embora o dono dê toda a assistência e forneça os subsídios necessários para a criação e o cuidado, o trabalho maior é de quem está presente no dia a dia. Seu Telo (dono da casa) cuida do gado porque mora no local; em troca de seus serviços, além do salário que recebe, pode usufruir de todos os benefícios provenientes

dos animais, como o leite e o queijo, entre outros. O dinheiro do queijo vendido na cidade é dividido, metade do dono dos bois, metade dele. Só para constar, o queijo fabricado aqui é vendido no supermercado do dono dos bois.

Terminada a atividade com o queijo, eles são colocados em um recipiente que recebem a denominação de fôrma, não com a característica da fôrma industrializada que conhecemos, mas são recipientes feitos de tubos de pvc, cortados em forma circular; assim, os queijos são despejados ainda quente nesses recipientes, e depois que esfriam tomam o formato circular. Depois que o queijo já está devidamente acondicionado, é guardado em um dos cômodos da casa, e no dia seguinte, quando o barco de linha passar, ele será embarcado com destino a Parintins, para ser comercializado.

E, assim, a tarde vai chegando e os preparativos para a festa do final de semana se intensificam. Dona Sula, com as filhas maiores, prepara bolo para ser servido na hora da reza, como eles dizem, e eu ajudo no que posso, dando minha colaboração para a realização do evento. É tudo muito simples, mas o espírito de alegria e cooperação que invade as pessoas da casa é contagiante. A casa está cheia de pessoas em um vai e vem, sempre nos dias de fabricação de queijo é assim, mas hoje, de maneira especial, por conta das atividades que ocorrerão no dia seguinte.

A tarde cai, e com ela a rotina de todos os dias: tomar banho antes de escurecer, mas antes de ir para a ponte, olho para o campo de futebol improvisado na comunidade e noto uma grande movimentação, está acontecendo um jogo de futebol entre meninas, e eu caminho até lá para apreciar a brincadeira e as meninas me convidam para participar, imaginem, eu não sei para onde vai a bola, agradeço o convite, e fico só como expectadora mesmo.

Existem vários jovens na comunidade, e o lazer deles todas as tardes é esse, jogar futebol, agora começo a entender porque os alunos em sala de aula, nas atividades de educação física, gostam muito desse esporte. Como já estava quase escurecendo, o jogo terminou e eu segui para o meu destino, e assim termina mais um dia na comunidade.

Mais um dia que amanhece, hoje é sábado, e o dia promete, acordo cedo. Novamente a rotina continua a mesma, os homens no curral tirando o leite para o café da manhã, hoje eles não vão fabricar queijo porque já o fizeram ontem, hoje a tarefa deles é matar dois bois para a festa de amanhã. Hoje não tem aula na escola, embora alguns sábados sejam letivos, esse não é, a professora foi para a cidade ontem pela parte da tarde. Durante essa semana que estive acompanhando o trabalho da professora em sala, um fato chamou minha atenção, não vi a

professora trabalhar de forma lúdica com as crianças, ou trabalhar com a realidade delas, acho que faltou essa troca de experiência. Mas, esse assunto será abordado e analisado em outro momento nesta tese.

Voltando no sábado pela manhã, estamos no mês de janeiro, período em que tem início a enchente, mas aqui o rio subiu muito pouco, tenho observado isso e perguntado aos moradores que são mais conhecedores do que eu sobre esse fenômeno, e os mesmos têm afirmado que está muito lenta a subida das águas; apesar de algumas chuvas terem caído, o solo continua seco e o mato cresce muito rapidamente. Desde ontem, escuto um barulho ao longe, semelhante ao som de um motosserra. Nesse exato momento são 10h e ouço novamente o barulho que vem me incomodando.

Pergunto ao dono da casa se o barulho é de motosserra, fico logo preocupada com a questão do desmatamento, embora essa seja uma área de alagação. Ele então me informa que o barulho é proveniente de máquina de roçar; alguns moradores estavam roçando seus campos, e para o trabalho ser mais eficaz, utilizam esse tipo de máquina que é mais rápida que o terçado; me explica ainda que esse trabalho é feito para retirar as ervas daninhas que se misturam ao capim; com a retirada delas e as chuvas que caem, o capim torna-se mais viçoso, propiciando aos animais uma pastagem mais saudável.

Outra finalidade de roçar o mato, segundo seu Telo, é para evitar que cresçam muito alto, virando grandes moitas e assim possibilitando o esconderijo de animais peçonhentos, entre os quais merecem destaques as cobras, e na hora em que algum gado for comer, corre o risco de ser picado por uma delas. Existem muitos casos de morte de animais mordidos por cobras, principalmente gado e cavalo. Aqui nessa área e nesse tipo de solo, é muito comum encontrarmos cobras venenosas, principalmente uma conhecida dos caboclos pelo nome de surucucu, seu veneno é muito letal e a pessoa ou animal deve ser socorrida a tempo.

Depois do almoço alguns homens saem para o campo para prender o gado, e escolher os dois que serão abatidos e servidos na festa de amanhã. Eles improvisam um espaço aqui para que a morte dos animais aconteça; não tive coragem de olhar como isso ocorre, mas seu Telo informou-me que acontece da seguinte maneira: depois que as vítimas já estão presas e selecionadas, eles são derrubados e amarrados pelos vaqueiros, recebem uma paulada na cabeça para ficarem tontos, horrível isso, depois levam uma facada do lado esquerdo do pescoço, pegando a veia principal para o animal sangrar, pronto, feito o serviço.

Bem, tudo aqui acontece de forma artesanal, aqui não é um abatedouro normal e a situação é um tanto atípica. No geral, eles escolhem um lugar próximo ao rio, a ponte por exemplo, cobrem com uma lona e os animais são levados para lá depois de mortos para serem descorados, limpos e cortados, por isso a necessidade de estar próximo da água, porque é necessária muita água para a realização dessa atividade. Após todo o processo de limpar, tirar as vísceras e cortar as partes da carne para guardar o que não será utilizado na comida e o que será doado para os comunitários. Nesse momento, eles limpam toda a sujeira deixada pela faina da matança; todo esse procedimento durou cerca de quatro horas. Os moradores das proximidades já começaram a pegar seu quinhão de carne, os que moram mais distante, amanhã, domingo, virão pegar sua parte.

E a festa tem início desde a hora que mataram os bois, apesar do sacrifício e do trabalho que deu, os homens realizam a atividade na maior alegria e são somente os homens que participam dessa labuta, às mulheres cabe temperar e cozinhar a carne que vai ser usada tanto agora, depois da reza, quanto a de amanhã, que será assada como churrasco. E às 19h30, as pessoas começam a chegar para a ladainha (reza), que acontece na varanda da casa (é o local que foi ornamentado com as bandeirinhas e fitas, para dar o ar festivo como é costume no interior), também foi colocada uma mesa, coberta com uma toalha branca com a imagem do santo em cima, simbolizando uma espécie de altar, ornado com castiçais e velas brancas, para que as pessoas possam olhar a imagem e dar início à ladainha.

Como foi dito anteriormente, o patrão (dono dos gados), acabou não podendo participar desse momento, porque não pôde deixar seus afazeres na cidade, só poderá participar amanhã do almoço, então, a ladainha (que consiste na reza do terço, com vários cânticos de celebração da igreja católica), aconteceu sem a presença dele, mas com a presença em massa dos moradores, até quem mora distante, chegou de rabeta à noite para acompanhar e prestigiar esse momento de fé. Após a reza, foi servido aos presentes um caldo de carne cozida com farinha, porque arroz ninguém faz questão, mas a farinha não pode faltar e em seguida foram servidos bolo e refrigerante.

Após o momento da comilança, as pessoas conversam sobre os mais diferentes assuntos, mas todos relacionados a assuntos e questões ocorridas na comunidade, e eles me tratam como se eu fosse uma celebridade, imaginem, e eu embarco nos “causos” junto com eles e entre uma conversa e outra, entre um caso e outro, as pessoas começam a se despedir para irem embora e aguardar pelo grande almoço que acontece amanhã. E assim, o dia de hoje chega ao fim,

depois de muitas atividades que mudaram um pouco a rotina desses moradores, e as pessoas se recolhem para mais uma noite de sono, aguardando um novo amanhecer nessa comunidade amazônica, e esta pesquisadora teve o privilégio de acompanhar e participar desse momento ímpar com os moradores e experienciar um pouco da vida do caboclo amazônico em seu habitat.

Não fiquei para o almoço de domingo, todos ficaram tristes, pois eu tinha que estar em Parintins na segunda feira cedo, e não dava para ir de rabeta, porque os furos e igarapés que surgem quando o rio está cheio e que facilitam a viagem, tornando-a bem mais rápida, ainda não aparecem. Então, tinha que pegar o barco de linha que só passa na comunidade pela parte da manhã, às 9h, e é somente um barco por dia, com destino a Parintins, por isso não deu para participar, mas eu ganhei carne e queijo para levar para casa, não tive como recusar, seria uma ofensa e uma grande falta de urbanidade de minha parte não aceitar os mimos que foram oferecidos com tanto carinho por eles, porque essas atitudes fazem parte da cultura deles e eu fico encantada com isso, não por causa dos presentes, mas pelo acolhimento recebido.

Mas a parte principal da festa eu participei, e fui informada por dona Sula que a maioria dos moradores não almoça lá, eles levam suas vasilhas, recebem a comida e levam para suas casas, somente alguns moradores e, principalmente os que moram distante, e chegam de canoa, esses ficam para almoçar na residência da festa. O que eles gostam mesmo é do torneio de futebol que acontece a partir das 15h no campo improvisado da comunidade, que conta com a participação de todos os moradores, das crianças aos mais velhos, homens, mulheres, jovens e crianças, todos participam desse momento de interação social, desportivo e de lazer.

Mais um dia chego à comunidade, vim passar um fim de semana somente, hoje é quinta-feira, dia onze de fevereiro, de 2016. Vou de barco, enfrentando mais um dos muitos banzeiros provocados pela força dos ventos no rio Amazonas. Minha intenção, além de ir à escola, é passar o final de semana na comunidade, para observar o dia a dia dos moradores em um fim de semana normal. Saí de Parintins às 13h30 e chego à comunidade às 16h, como sempre sou bem recebida pelos moradores da casa onde moro, já tem até um cafezinho com queijo me esperando. Eles estavam cientes de minha chegada porque, antes de ir, sempre telefonei com antecedência comunicando que vou e solicitando hospedagem, dessa vez não precisei levar muita coisa, até minha rede já havia deixado lá, na minha última estada.

A tarde de quinta-feira transcorre normalmente, dona Sula, pediu para eu levar pão da cidade e uma botija de gás, assim o fiz. As crianças adoram pão, nem sempre comem porque não tem para vender na comunidade, aliás como já foi relatado, não existe comércio de nenhum

tipo na comunidade, assim, sempre que vou levo bastante pão e bolacha para tomar café, bem como outros gêneros alimentícios para nosso consumo.

E assim a tarde cai e lá vou eu para a rotina do banho, dessa vez tenho companhia, as crianças vão comigo também para tomar banho, fazemos um pouco de bagunça, brinco com as crianças e para nossa surpresa, alguns botos começam a aparecer nadando não muito distante de nós. Eu fico encantada, mas as crianças não esboçam nenhuma emoção, para eles aquilo é uma coisa corriqueira, eu é que aprecio bastante os mergulhos dos animais, nas águas barrentas do Paraná do Ramos, pena não estar com a câmera para registrar o momento. Terminado o banho, subimos a ponte para trocarmos de roupa e nos prepararmos para o jantar.

Terminado o jantar, que hoje foi regado a carne de capivara (espécie de mamífero roedor, encontrado em ambientes com rios, lagos e pântanos), embora tivesse carne de gado que eu levei da cidade, mas, dona Sula, a pedido de seu esposo, preparou essa iguaria para eles no jantar e é claro que me ofereceram e educadamente recusei porque realmente não consigo comer carne de caça, já tentei, mas não consigo, embora todos que comem afirmam ser uma carne saborosa.

Esse é um animal que vive tanto na água quanto na terra, animal silvestre, muito encontrado na região, que serve de alimento para a maioria da população ribeirinha. Após o jantar, a programação da TV nos espera, assistimos o Jornal Nacional e logo em seguida a novela, e como está passando aquele reality show, Big Brother Brasil, eles adoram assistir, então eu peço licença e vou para a minha rede e mais um dia na comunidade chega ao fim. Os sons noturnos já se fazem presentes, a noite está enluarada e bastante ventilada, ao longe escuto o barulho de motor de barco, não sei se subindo ou descendo o rio, mas seu Telo, com toda sua experiência diz que o barco está baixando o rio, não está indo para Parintins.

Mais um dia que amanhece nesse ambiente amazônico, sou acordada novamente pelo mugido do gado, pelo cantar do galo, mas principalmente pelo barulho ensurdecedor dos suínos. Como sempre as atividades na casa iniciam antes das cinco horas; como ainda é muito cedo, fico mais um tempo na rede, mas não consigo dormir, porque os porcos não calam um segundo, e quando eles estão sendo alimentados o barulho aumenta.

Levanto como sempre às 6h para apreciar a bela paisagem que se espalha em minha volta, às vezes está ventando tanto, como hoje, que não dá vontade de tomar banho, embora a água do rio não seja fria, pois ela é bem morna, o vento no corpo molhado, faz sentir frio, mas não tem outro jeito. Existe banheiro na casa, o que não tem é água no banheiro para fazer a higiene,

tem que buscar na beira do rio com o balde, então, como não sou dada a esses esforços físicos, pois a distância entre a ponte e a casa é bem grande, prefiro ir direto na fonte (o rio) e tomar banho, mas, se houver necessidade, pode-se carregar água; para as pessoas daqui essa é uma atividade normal, homens, mulheres e até crianças estão acostumadas a carregar água, essa é a vida delas.

Seu Telo, até que colaborou com a esposa dele, ela não precisa carregar água para lavar louça ou fazer comida, ele criou um sistema de abastecimento de água para a pia na cozinha, e quando a caixa d'água que abastece a cozinha está cheia, vem pela tubulação até a torneira, mas esse sistema é somente para os afazeres da cozinha, não chega água até o banheiro. Vale ressaltar que a caixa de água é abastecida com carregamento de águas tiradas do rio em baldes grandes, que só a força de homem é capaz de carregar tamanho peso, por isso essa atividade acontece duas vezes na semana e é tarefa exclusiva dos homens. Assim, para se tomar banho no banheiro, tem que carregar água do rio para esse fim.

Após o café da manhã, vou até a escola com a professora, ela me pediu sugestões de atividades mais dinâmicas para trabalhar com seus alunos, pesquisei algumas e estou levando para ela, também perguntei se ela não participava da formação oferecida pelo programa Escola da Terra, que é um projeto com atividades específicas para escolas multisseriadas. Ela disse que nunca nem tinha ouvido falar do projeto, o problema é que a professora realmente não trabalhava com esse nível de ensino, e a formação é para os professores que estavam atuando nas escolas; na época das formações, a professora não fazia parte do quadro de professores da Secretaria Municipal de Educação, mas mesmo assim expliquei para ela sobre o projeto e disse que eles estavam na sede e podiam orientá-la melhor, era só questão de planejar e agendar o dia com eles.

Hoje a aula das crianças era sobre matemática, as quatro operações, quando eu vi o quadro cheio de contas, aquilo me incomodou um pouco, mas não interferei, embora quisesse falar para a professora que havia outras maneiras de trabalhar as operações e a tabuada. Nas sugestões que levei havia algumas atividades nesse sentido. As crianças menores, que ainda não sabem ler, ficaram somente no recorte e colagem e as maiores foram para o quadro resolver as contas e passaram a manhã toda para resolver, e como hoje é sexta feira, hora da recreação e o futebol novamente é a pedida, a professora entrega a bola para as crianças e elas jogam e se divertem até o término da aula.

A professora falou que ia embora pela parte da tarde, de rabeta, e perguntou se eu não queria ir com ela, eu disse que não, que tinha vindo passar o final de semana na comunidade, inclusive o domingo, que iria embora na segunda feira, então ela perguntou o que eu ia fazer um final de semana inteiro em uma comunidade que não tinha nada; eu respondi: “vou relaxar e observar a natureza, principalmente a natureza humana”. Então, eu perguntei a ela com quem ela ia de rabeta e se já dava para ir nesse tipo de embarcação. Ela respondeu que ia com o senhor que fazia o transporte escolar das crianças, que era tio dela; pedi para me apresentar a ele para que eu conversasse com ele, para me levar também quando eu fosse. E foi assim que conheci seu Deco, o Sr. que passou a me levar e trazer de rabeta para a comunidade, quando o rio permitia. Na segunda feira já voltei com ele para Parintins.

A partir desse momento, seu Deco passou a fazer parte do meu círculo de amigos que consegui na comunidade, ele é morador da comunidade, então conhece todos os caminhos e atalhos no rio, como ele fala, para a viagem se tornar mais rápida, mas isso somente quando o rio está cheio, e agora no mês de fevereiro o rio já está bem cheio. Na frente da casa está se formando uma pequena lagoa; segundo relato dos moradores, essa lagoa aumenta de tamanho conforme o rio vai enchendo, mas ainda tem muita terra de fora, o solo está bastante seco. De repente, o sol parou de brilhar e se escondeu, o céu começou a ficar escuro e o rio agitado com as ondas altas, um temporal estava sendo anunciado e caiu exatamente às 14h, até as 15h caiu muita água e o tempo ficou feio.

Como diz o ditado, “depois da tempestade vem a bonança”, por volta das 17h o sol voltou a brilhar no céu e um lindo arco-íris se formou; parecia ir de uma margem à outra do rio, e a tarde tornou-se um espetáculo da natureza, com os raios de sol refletidos nas águas calmas do rio e as cores do arco-íris para dar mais beleza àquele belo espetáculo de pôr de sol que a natureza estava proporcionando aos olhos de quem apreciava aquele momento mágico. E na várzea é assim: vai da escuridão da tempestade ao esplendor dos raios alaranjados do sol no poente.

E assim mais um dia vai chegando ao fim na comunidade, e eu como espectadora observo com um novo olhar esse espetáculo proporcionado pela natureza todos os dias nessa pequena comunidade. O que para os moradores é uma coisa comum, para mim é um grande espetáculo todos os dias e sempre há algo novo a ser observado. Talvez as pessoas daqui, por estarem acostumadas ao lugar, não percebem a beleza do ambiente da forma que eu percebo, sinto que eles gostam do seu lugar, que existe uma relação de pertencimento muito forte entre o lugar e

as pessoas, existe um relacionamento envolvente entre a comunidade e a natureza, uma história que precisa ser reproduzida e exposta, mostrando assim a maneira como essas pessoas vivem, suas inquietudes e seus modos de agir, sua condição humana. Dessa forma, recorrendo à visão de mundo pensada de Marx e Engels (1982 *apud* WITSKOSKI, 2010, p.131), os autores afirmam que:

O animal, a natureza etc. só têm história em relação ao homem, porque só o homem pode transformar. A natureza isolada em relação ao homem tem, no máximo, evolução. Isto, obviamente, não é a mesma coisa que história. A evolução é um fenômeno natural, biológico, e ocorre sem consciência e sem liberdade. Acontece independentemente da vontade dos homens. A história, ao contrário, possui outra natureza. A história é socialmente contraditória, é marcada pela inserção do homem em uma dada situação (o que pressupõe consciência e liberdade) e a sua capacidade de superação.

Por meio desses pressupostos, buscamos compreender a vida do caboclo ribeirinho que vive na várzea do Paraná do Ramos, na comunidade de Nossa Senhora da Conceição, que é um sujeito histórico, com um modo de vida peculiar, que sabe do que a natureza é capaz e o que ela pode lhe oferecer, e o que ele, como sujeito que transforma e é transformado por ela, é também capaz de produzir através desse intercâmbio material, proporcionado por esse ambiente natural. E, por conseguinte, esse intercâmbio se dá em função do trabalho.

Mais um dia amanhece, e o despertar é movido pelo maravilhoso som da natureza. Se por um lado o barulho dos suínos não é um som agradável aos ouvidos, apesar de fazerem parte dessa natureza, o cantar dos pássaros supera todo e qualquer som. Hoje é sábado, e o dia começa como um dia normal, as mesmas atividades realizadas durante a semana acontecem hoje, prender o gado para tirar o leite, ou melhor, prender especificamente as vacas leiteiras e os bezerros.

Tem um bezerro que nasceu há poucos dias, mas a mãe não quer saber dele, então, um dos vaqueiros improvisa em uma garrafa de refrigerante vazia uma espécie de mamadeira para dar de mamar ao animalzinho, já que sua mãe o rejeita. Como eles dizem aqui, é um “enjeitado”, observo-os tentarem de todas as maneiras colocar o bezerrinho para mamar em sua mãe, mas ela não aceita mesmo, dá vários coices e foge para bem distante.

Como hoje não tem aula, porque é sábado, me dedico a observar o movimento dos trabalhadores, o leite para o café da manhã já foi tirado, bem como o que será embarcado para Parintins, são vários recipientes. Tomamos café, e hoje nem eu nem as crianças fomos tomar banho cedo no rio, apenas a higiene básica para começar o dia, queria apreciar detalhes das

atividades diárias. Hoje é dia de produção de queijo, e essa tarefa começa cedo, logo após o café da manhã os homens começam os preparativos para a fabricação do laticínio, mas antes disso, o barco da linha com destino a Parintins passa por volta de oito horas e o leite é embarcado rumo à cidade.

O sol está forte hoje, não teve muito vento cedo, mas o vento natural é a melhor ventilação que se pode ter. Ajudo dona Sula nas tarefas domésticas, embora ela não aceite, mas gosto de colaborar, então ela pede para que eu ajude a lavar na beira do rio as formas de queijo que serão utilizadas daqui a pouco pelos fazedores de queijo. São cerca de cinquenta objetos, não são muitas, então me preparo para o meu momento sereia, não que eu vá nadar no rio, isso não é possível por conta dos jacarés e piranhas, mas aproveito o sol para bronzear a pele lavando as formas na ponte, por isso coloco a roupa de banho e vou enfrentar o sol na beira do rio e realizando uma atividade doméstica colaborativa, é assim a vida dessa pesquisadora nesse habitat natural amazônico.

Missão cumprida, lavei todas as fôrmas que servirão para guardar o queijo; como essa será a última etapa na linha de produção do laticínio, aproveito para ficar um pouco mais contemplando a paisagem, o rio está com as águas calmas e tranquilas. Como o rio está enchendo, vejo passar rio abaixo uma moita de capim, é muito comum encontrarmos esses vegetais nos rios, subindo ou descendo por conta da força das águas; no rio Amazonas encontramos muitos troncos de árvores pelo caminho no meio do rio, uns grandes e outros pequenos, tem lugares que existem muitos troncos, às vezes dificultando a navegação; aqui no Paraná do Ramos tenho visto muito capim e o perigo é vir junto uma cobra, que geralmente estão escondidas principalmente nas moitas de mururé (vegetação aquática muito comum nos rios da Amazônia).

O sol já está muito quente, são quase 11h, então subo a ponte para levar os utensílios e sair do sol que já não está mais bronzeando, está queimando a pele, aproveito tomo banho e vou em direção à casa. O lugar onde o queijo está sendo fabricado está animado, são cerca de quatro homens com seu Telo para auxiliar na fabricação artesanal; hoje tem a branquinha, como eles chamam a cachaça; seu Telo não bebe, mas dois de seus ajudantes de vez em quando tomam uma dose, segundo eles, para ter mais força de mexer o panelaço que está cozendo a massa do queijo.

Dona Sula está preparando galinha caipira para o almoço e tem bastante gente para almoçar, porque todos os ajudantes que se encontram na produção de queijo vão almoçar na

casa hoje. O almoço fica pronto e às 12h é servido, porém as pessoas que estão na labuta do queijo não podem almoçar, porque não podem deixar o queijo no fogo e simplesmente sair, eles somente concluem a atividade às 14h e é quando vão almoçar, mas antes disso, eles já se deliciaram com a farofa do queijo, que consiste no queijo que fica grudado no fundo da frigideira, depois que o queijo é frito; assim, após retirarem o queijo da frigideira para a fôrma, o que fica no fundo da frigideira grudado, eles colocam farinha e comem, isso que eles chamam de farofa, e eu provei é muito gostoso.

Terminada a atividade do queijo, os homens almoçam e após almoçarem ficam deitados no chão da varanda da casa para um pouco de descanso. O dono da casa mais seu filho e outro vaqueiro vão atrás do gado que está pastando para prender; hoje tem jogo de futebol no campinho improvisado, e a maior parte dos homens já está se preparando para esse momento, que irá acontecer a partir das 16h. Acho interessante a maneira como eles apreciam esse momento de diversão e lazer; eles se envolvem mesmo e tem até torcida; quando as mulheres não estão disputando, elas viram torcedoras e incentivadoras de seus maridos, namorados, irmãos, amigos etc., como a comunidade não oferece nenhum outro tipo de lazer, a forma que eles encontram de passar o tempo em uma tarde de sábado é em uma partida de futebol.

O solo ainda está seco, permitindo a prática desse esporte, por isso eles aproveitam quase todos os finais de semana para se divertirem, porque daqui a algum tempo, o terreno começa a alagar e fica impossibilitada a prática de qualquer esporte, até mesmo de andar pelo terreno, como é possível agora. Eu vou andando por terra para a escola, para a igreja, mas irá chegar um momento quando isso não será possível, porque a terra alagada começa a virar lama. Terminado o jogo, hora de se preparar para a noite que vem chegando, eu já estou pronta para enfrentar mais uma noite de sono tranquilo, ouvindo o som noturno da natureza amazônica, e assim o sábado termina.

O domingo chegou, amanheceu nublado, o sol não está querendo aparecer, e a rotina é a mesma, os moradores da casa levantam cedo do mesmo jeito que nos dias anteriores, não é porque é domingo que eles terão descanso, o trabalho é o mesmo de um dia da semana, tirar o leite, soltar o gado. Hoje é dia de missa na igreja e todo mundo se prepara na casa para esse momento; todos os moradores, inclusive eu, vou com dona Sula e seus filhos para a igreja assistir a celebração que eles chamam aqui de culto.

E lá fomos nós, celebrar e agradecer à Nossa Senhora da Conceição. Grande parte dos comunitários se fizeram presentes, muitas crianças e jovens. Uma coisa que chamou minha

atenção é a devoção das pessoas, o sentimento de fé demonstrado por todos. E eles usam a melhor roupa que têm para a ocasião.

Terminada a celebração, os moradores se cumprimentam, conversam um pouco uns com os outros e depois cada um segue para sua casa. As donas de casa vão preparar o almoço para seus maridos, porque alguns deles estão na labuta diária, porque nesse lugar o domingo não foi feito para descansar, e com isso, cai por terra o mito de que o caboclo ribeirinho é preguiçoso, que fica deitado em sua rede esperando o peixe morder a isca. Aqui eu vejo muita gente trabalhadora, todos se envolvem nas atividades e todos se ajudam mutuamente, mas dona Sula me informou que o trabalho no domingo vai até ao meio dia: nada mais justo!

Terminada a celebração, voltamos para a casa; agora eu já sou conhecida na comunidade, todos me cumprimentaram, principalmente as crianças da escola que estavam na igreja, fizeram questão de sentar junto comigo, criei laços de amizade com todos e estou muito feliz por estar conseguindo adaptar-me e viver esse momento ímpar em minha vida. Cada vez que chego aqui tem sempre algo novo para aprender.

Assim que chegamos em casa, a chuva que estava formada desde cedo caiu e o rio perdeu um pouco de seu encanto, ficando turbulento por conta do vento e o céu bastante escuro, e essa chuva durou até mais ou menos às 16h, primeiro caiu a chuva forte, com vento, relâmpagos e trovões, depois ficou apenas aquela chuva branca fina, aquela que os mais antigos dizem que é a chuva do resfriado, a chuva fina que não passa. E como choveu bastante, hoje não teve o famoso jogo de futebol de todas as tardes, porque o solo estava muito molhado da chuva e virou lama. A alternativa foi jogar dominó e assistir à programação de domingo na TV.

Agora na frente da casa, em uma parte do terreno, está se formando uma espécie de lagoa que os moradores chamam de poço, e parece que com o grande volume de água da chuva, aumentou de tamanho. Vejo alguns patos nadando nesse lugar, bem como alguns porcos que estão se deliciando com a lama do fundo poço. Fui informada pelos moradores que quando o rio enche, o “poço” fica maior e mais fundo, provocando o aparecimento de jacarés e cobras, e quando os patos estão nadando ou até mesmo os porcos estão em busca de alimento nesse local, são apanhados pelos jacarés e devorados e isso não é mito.

A paisagem com a chuva já mudou de aspecto, o capim aparece bem verde, mas em compensação em qualquer lugar do terreno em que se pise, o pé afunda na lama e, devido à chuva, a tarde se foi dando lugar à escuridão da noite muito rapidamente, e com ela os famosos

carapanãs (pernilongos). Por essa razão, temos que fechar as portas dos quartos cedo, para que esses horripilantes insetos não invadam e impeçam que se tenha uma boa noite de sono.

Foi necessário fechar todas as portas senão ninguém conseguiria jantar com eles picando e cantando no ouvido, por isso, tivemos que nos recolher mais cedo. Segundo seu Telo, a partir das 22h iria amenizar a invasão dos carapanãs, assim que começasse a ventar eles iriam embora. Eu não tinha levado repelente e estava bastante preocupada com essa invasão, mas deu tudo certo e conseguimos dormir, ao som da serenata de muitos grilos e sapos coaxando; parece que naquela noite esses sons triplicaram, e assim foi o fim de semana na comunidade. Segunda-feira, pela manhã, vim para Parintins, agora de rabeta, com seu Deco. Antes de ir para Parintins, dona Sula me informou que a professora não havia chegado para dar aula naquele dia, as crianças iam ficar sem aula.

Estou novamente na comunidade, agora estamos no mês de março, cheguei há pouco de rabeta, às 7h15. Seu Deco, o senhor que me trouxe, é o dono da embarcação; agora como o rio já está bastante cheio, ele vem me buscar em Parintins e me traz de volta quando necessário; pago o combustível para ele e dou uma importância em dinheiro, é o preço de uma passagem de barco ida e volta, com a diferença que agora eu vou só, disponho de mais conforto na viagem e a viagem é bem mais rápida, quarenta minutos apenas. O rio está bem cheio, isso facilita o acesso para a comunidade porque agora se pegam os atalhos que são formados pelos furos que surgem com a enchente; como tem chovido bastante, o solo começa a ficar alagadiço, o caminho que eu fazia antes para a escola a pé, agora tem que ser feito pelo rio, de canoa rabeta.

A espécie de lagoa que se formou em frente à casa onde estou hospedada, que os moradores chamam de poço, aumentou muito de tamanho desde a última vez que estive aqui em fevereiro, a água tem uma cor turva, pendendo para o escuro, e a vegetação ao redor do lago cresceu muito rápido, bem como a população de jacarés aumentou, o risco para os animais domésticos agora é constante; de vez em quando uma galinha ou um pato vão procurar comida no lago e são atacados pelos predadores do poço. Meu calçado também sofreu mudança, agora tenho que usar botas de borracha, tipo galocha, aliás todo mundo usa esse tipo de calçado, inclusive as crianças. Todos usam esse acessório para caminhar, por conta da lama que se faz presente em todo solo, e essa é uma característica do solo da floresta de várzea, terreno alagadiço, e isso dificulta o acesso a pé.

A ponte que liga a casa ao porto facilita o trabalho de quem tem que carregar água do rio, a distância já está mais curta. Como cheguei depois das 7h, não fui à escola, mas também não

houve aula, pois a professora ainda não chegou, hoje é segunda feira, dia quatorze de março de 2016. Então, minhas observações ficarão apenas no plano da natureza e com os moradores pelas redondezas, não vou à escola. Observo ao longe um senhor roçando o mato com um terçado, vejo que já trabalhou bastante porque já tem bastante mato cortado e, imediatamente, uma pergunta surge “por que ele está fazendo isso, se muito em breve vai estar tudo inundado?” Não dá para eu falar com ele no momento porque ele se encontra em uma boa distância da casa, tenho medo de ir ao encontro dele e ficar atolada.

Não demora muito para que ele venha até a casa onde estou, pois vem tomar água, são quase 9h30 e ele aproveita para fazer uma pausa e tomar água e um cafezinho. Ele é nosso vizinho da direita, aliás, ele é o esposo da senhora que deu à luz praticamente sozinha, e que as vizinhas fizeram o puxirum, como já foi relatado. Aproveito o momento de seu descanso e pergunto porque está roçando se logo vai estar tudo cheio em breve, ele responde: “esse ano não vai encher muito, eu nem vou sair daqui com minha família porque não vai ser necessário, e ele diz que está roçando para clarear o terreno e dá mais visibilidade para os vaqueiros enxergarem o gado perdido”.

Realmente, nessa época, entre março e abril, é que se apresentam altos índices pluviométricos, a vegetação cresce muito rapidamente, o mato toma conta de todo o terreno, inclusive o caminho que eu fazia antes para a escola a pé. O ambiente já sofreu modificações, o curral está muito enlameado, os animais estão com as patas na lama, e segundo o relato dos vaqueiros, eles não podem permanecer por muito tempo nesse ambiente, por conta das doenças que acometem os animais e a principal são as “frieiras”, que se não forem cuidadas, levam os animais a amolecer as unhas, no caso os cascos. Seu Telo informou que antes do final do mês vai passar os animais para a terra firme; quando consegue fazer dois dias de sol seguidos, o terreno seca, mas mesmo assim não são muito propícios para se caminhar.

Ainda dá para se dormir com certa tranquilidade sem a presença inconveniente dos carapanãs; até que não tem muito, logo ao cair da tarde e iniciar a noite, por volta das 18h, eles aparecem em grandes nuvens, é o momento de fechar toda a casa, aliás a casa agora tem que ser fechada às 17h ou 17h30, para evitar que os invasores ocupem o lugar, mas depois eles somem. E, por falar em sons, eu estava refletindo sobre esse aspecto, tenho muita intimidade com o interior, com comunidades do interior do Amazonas, mas nunca tinha observado e escutado atentamente os sons produzidos pela natureza no ambiente amazônico com esse olhar que estou desenvolvendo agora, o olhar de pesquisadora.

Aqui dorme-se com o som dos grilos, hoje eles não estão muito efusivos, o coaxar dos sapos, como agora nesse momento que eles estão vencendo a disputa com os grilos, coaxando muito alto. Acorda-se com o alvorecer da manhã, ao som de mugidos, grunhidos, galo cantando e com os mais diversos cantos: esses são os melhores sons de se ouvir, o som da natureza.

Na escola, em um dia que estava em sala de aula, tive o desprazer de viver a experiência de me deparar com uma cobra. Apareceu um desses répteis na sala de aula, embaixo de uma carteira, logo que chegamos para iniciar as atividades. Foi necessário chamar um morador para tirá-la; as crianças não têm medo, estão acostumadas, queriam matar, mas eu não deixei, fiquei com medo de acontecer algo mais sério com elas, mas elas falaram para mim: “não se preocupe professora, estamos acostumados a matá-las, e adivinhem com que arma, um pedaço de pau”.

Hoje é terça-feira, dia quinze de março, mais um dia que amanhece, o vento está muito forte logo cedo, olho para o rio e vejo que está agitado, suas ondas estão fortes, geralmente esse paraná (palavra tupi-guarani que define um braço do rio, largo e extenso) é bem calmo, mas quando o vento está muito forte ele se agita bastante, vejo algumas embarcações passando pelo rio. Estou na ponte para minha rotina diária, tomar banho, e as pessoas que vão passando pelo rio nas embarcações têm o hábito de acenar, mesmo que não conheça a pessoa, mas eles cumprimentam uns aos outros, não só com acenos como também verbalmente, e uma coisa que eles sempre falam quando se cumprimentam é “ei parente”, não que eles sejam parentes mesmo, às vezes até são, mas utilizam a expressão como forma de agrado de uns para com os outros. Então, um grupo de pessoas passa em uma canoa rio abaixo no momento em que estou na ponte e fala comigo, não os conheço, mas respondo ao cumprimento e ao aceno, repondo também “ei parente” e é dessa forma que inicio mais um dia.

A professora não veio hoje novamente, informou que chegará amanhã cedo, então, assim que ela chegar, irá direto para a sala de aula. Tomo café com dona Sula e as crianças. As crianças menores adoram comer ovo, no almoço, no jantar, dispensam qualquer tipo de comida para comer ovo frito com farinha. Dona Sula me informou que a merenda escolar dessa semana será feita em sua casa, só está aguardando a professora chegar e iniciar suas atividades. Perguntei para dona Sula se ela, como mãe, não se preocupava com tantos dias sem aula para seus filhos, porque não é somente essa semana que aconteceu um imprevisto, impedindo a professora de chegar à comunidade.

Dona Sula me respondeu que a professora, sempre que faltava, dava aula no horário vespertino para repor os dias sem aula, e que essa era a única professora que estava conseguindo

permanecer durante todo o período letivo, e isso para os pais era motivo de satisfação, porque no geral, no decorrer de anos anteriores, a troca de professores era constante, elas ficavam um mês ou dois no máximo e não retornavam mais, porque não conseguiam se adaptar ao lugar, e essa professora agora estava conseguindo completar todo o período letivo, mesmo tendo alguns percalços, mas ela estava sempre presente com as crianças.

Também fui informada pela mesma senhora, que esse ano quase as crianças ficam sem escola, porque o prefeito da época disse que ia desativar a escola, então ela, o presidente da comunidade e alguns outros pais foram até a Secretaria Municipal de Educação em Parintins reivindicar a permanência da escola na comunidade. Eles se reuniram, elaboraram um documento e entregaram ao Secretário de Educação, expondo os motivos para a não desativação da escola, principalmente porque as crianças são pequenas e não podem se deslocar sozinhas para a Comunidade do Maranhão, local onde a secretaria queria realocar a escola. Foram atendidos e a escola permaneceu, mas, um dos problemas que persistem é a contratação de professores, que além de ser um processo demorado, nem sempre o contratado consegue iniciar e terminar o ano letivo na escola.

A casa que estou hospedada é a última da comunidade, e com essa localização ela se torna distante das demais, mas isso é comum nas comunidades ribeirinhas, uma casa é aqui outra acolá, mas não acho tão longe das demais casas, pois dá para ir andando a pé, no verão é claro, não agora que está ficando alagado. Na frente da casa tem um transformador, para gerar energia para a casa, só que esse equipamento, devido a um forte temporal que caiu na comunidade, foi atingido por um raio e queimou, e isso já tem mais de quinze dias, a casa está sem energia elétrica todo esse tempo, já foi feita reclamação para a companhia de energia em Parintins, mas até agora o dano não foi reparado. Estamos vivendo o drama da falta de energia, não é por causa de ventilador, isso não faz falta aqui, o problema é com os alimentos que precisam ser mantidos sob refrigeração, e por isso o dono da casa manda comprar gelo em Parintins, e o guarda em uma caixa de isopor grande para guardar a comida que deverá ser consumida por todos.

Seu Telo informou que na próxima segunda feira eles já vão tirar o gado daqui e levar para a terra firme (as comunidades ribeirinhas que não alagam durante o período da cheia são denominadas terra firme), então, durante os meses em que o rio enche, o gado e os demais animais são levados para uma comunidade que não sofra com a enchente, para um lugar, de terra firme. Ele se reportou assim para mim: “da próxima vez que a senhora vier, professora, eu

não vou mais estar aqui, vou estar lá no Jacu (comunidade de terra firme para onde ele leva o gado todos os anos no período da enchente).

Aproveitei a oportunidade para agradecer a ele pela acolhida em sua casa e pela convivência e aprendizado, também pelos queijos ovos, coalhada. Certa vez, dona Sula matou uma galinha, limpou e me deu de presente para levar para casa, eu ficava sem jeito com os presentes.

Durante todo o tempo em que estive na comunidade convivendo com as pessoas, eu sempre refletia, e um pensamento sempre se fazia presente: “como essas pessoas conseguem viver tão bem, durante tanto tempo, em um lugar que não oferece tantas condições de conforto?”. E a resposta estava no sorriso de cada morador, na forma como eles falam com orgulho desse lugar que é tudo para eles, é o seu ganha pão, porque da natureza muitos deles tiram o seu sustento e é a sua fortaleza, porque eles se sentem seguros porque, aquele pedaço de chão que passa tanto tempo alagado, é o seu habitat e que outro modo de vida não os interessa. São pessoas que nasceram e se criaram nesse ambiente, que conhecem os caminhos dos rios e das florestas, o tempo da subida e descida das águas e acompanham todas as atividades de sua comunidade.

E após toda essa reflexão sobre o modo de vida dessas pessoas, o fim da tarde vai chegando e a noite chega, já estamos de banho tomado, nos preparando para o jantar, à luz de velas, porque não tem energia na casa, todavia, nesses lugares se aprende a conviver com qualquer situação; como diz dona Sula, “antes não havia energia elétrica e nós vivíamos, por que não viver agora?”. O problema é que ficamos literalmente sem comunicação, os celulares ficaram descarregados e não tinha como carregar. E a orquestra dos sapos iniciou seu concerto e ainda são 20h, o dia ainda está longe de amanhecer. Vou aguardar que eles silenciem para dormir, e assim mais um dia está terminando.

Mais um dia que amanhece e tenho o privilégio de acordar ouvindo os sons da natureza; com exceção do som dos porcos que continua a não me agradar, os demais sons são agradáveis. Levanto e inicio a rotina diária, tomar banho, tomar café e observar as maravilhas que a natureza está proporcionando no dia de hoje. A professora acabou de chegar e os alunos já foram para a escola, hoje eu resolvi não ir com eles, preferi deixar a professora sozinha em sala de aula, sem a minha presença. Sinto que, apesar de toda a relação amigável que estabelecemos, a professora ainda não se sente muito confortável com a minha presença, penso que ela ainda considera que

estou aqui para avaliar o trabalho dela, e não é esse meu objetivo, mas vou deixá-la à vontade com seus alunos hoje, sem a minha presença.

As crianças, quando chegaram em casa, falaram que a professora teve problemas pessoais para resolver na cidade de Parintins, por isso só pode chegar hoje para dar aulas, e que pela parte da tarde iria dar aula para repor os dois dias que havia faltado. Em uma de nossas conversas informais, a professora relatou que é complicado para ela deixar sua família em Parintins e se deslocar toda semana para a comunidade. Embora a professora esteja hospedada em casa de parentes, ela tem despesas e realmente vir toda segunda feira ou domingo e voltar sexta feira durante vários meses do ano, além do baixo salário que é pago, não é fácil.

As crianças também disseram que a professora pediu que eu fosse à tarde à escola. Fiquei contente com a atitude da professora, as aulas teriam início às 15h e com todos os alunos, fiquei alegre porque os pequenos iam participar, pois nem sempre eles participavam.

São 11h15, fiquei observando o gado que pasta tranquilo no campo e uma cena pitoresca chamou minha atenção. Vi dois trabalhadores correndo atrás de um galo que serviria como refeição para o almoço naquele dia, correram tanto atrás de ave que todos ficaram cansados, homens e ave e, quando capturado, foi abatido com o pescoço torcido. Um dos homens pegou a ave pelo pescoço, fez o animal rodopiar três vezes em sua mão e jaz um galo, fato consumado, animal morto, pronto para ser depenado e limpo e ir para a panela para ser servido no almoço como galinha caipira.

Esse ato me deixou um tanto chocada e com pena do animal, não tive coragem de comer na hora do almoço a galinha caipira. Nessa época em que o rio está enchendo, o peixe fica difícil, então é muito comum lançar mão dos animais que são criados em casa para servirem de alimento, isso inclui não só galinhas, mas também patos, porcos. Se não tiver comida, eles lançam mão dos animais que têm, dependendo da situação e do momento, eles se viram como podem, é por isso que eles têm criações, não só para comercializar e ajudar na renda mensal, como também para servir de alimento nas horas difíceis.

Fui com as crianças para a escola e lá chegando encontramos a professora, que já estava juntamente com alguns alunos. O primeiro momento foi só recreação, as crianças jogaram bola até a hora do lanche, depois a professora trabalhou um conteúdo de Geografia, sobre rios, furos e igarapés com os alunos. E eu fiquei acompanhando o trabalho da professora até o término da aula, por volta das 17h. Conversamos um pouco, e ela me falou que teve muitos problemas para resolver na cidade, não deu para ir trabalhar na segunda nem na terça, mas que essa semana ia

ficar até sábado para dar aula. Fomos caminhando até a casa onde a professora mora, e ela apresentou-me ao tio dela, que é o agente de saúde da comunidade, então marquei uma entrevista com ele para sexta-feira à tarde, pois é o horário que ele tem disponível para falar comigo.

Segui meu caminho até a casa onde estava hospedada, porque já eram mais de 17h e não ia demorar a escurecer, precisava concluir a rotina do dia, tomar logo banho antes do cair da noite. E assim concluí mais um dia bastante proveitoso na comunidade. A noite chegou, e hoje temos alguns visitantes indesejados, os carapanãs, e com a casa às escuras eles se aproveitam para nos picar. Quando estamos conversando na cozinha da casa, após o jantar, ouço o barulho de um barco parando no porto da casa onde estou. Os visitantes eram dois jovens que estavam viajando há mais de seis horas; eram irmãos da dona da casa. Fui apresentada aos visitantes, que aproveitaram e pernотaram na casa, pois iam seguir viagem de madrugada. E o dia de hoje chegou ao fim.

Amanheceu, e com esse lindo amanhecer, a promessa de um dia de sol, depois da chuva que caiu de noite, o sol aparece no horizonte e a vegetação está mais verde do que nunca. Hoje é quinta-feira, começo a minha rotina diária, vou para a escola com as crianças, então tenho que me arrumar logo e tomar café porque vamos de rabeta para a escola. Quem nos leva é a filha mais velha de dona Sula que está passando uns dias com a mãe; ela já concluiu o ensino médio e mora em Parintins, mas de vez em quando vem matar a saudade da casa e da família, e todos aqui sabem manobrar essa máquina na canoa, então como todos os homens já estão fora na labuta diária, ela nos leva até a escola.

Acompanho os alunos até a sala de aula e lá chegando aguardamos a professora que ainda não havia chegado. Assim que chega, inicia as atividades, chama um aluno para fazer a oração do dia, em seguida inicia sua aula sobre substantivo próprio e comum. Trabalha com as crianças um cartaz que tem nome de pessoas e nome de objetos para as crianças identificarem os substantivos. As crianças maiores realizam atividade escrita e as menores recebem uma folha de papel com desenhos de pessoas e de objetos para que eles pintem e tentem escrever os nomes dos objetos. Ela pede para que eu acompanhe as atividades das crianças menores, enquanto ela fica com as maiores e assim a aula segue até seu término. À tarde vai haver aula, e a professora informa para os alunos virem e eu também.

Quando chegamos em casa, os homens estão fazendo queijo, é a última fabricação da temporada na casa, porque o gado já vai ser transferido para outro lugar, então a fabricação vai

parar e ser realizada na outra paragem. Por conta dessa atividade, o almoço vai ser servido somente às 13h30, o que é uma coisa incomum, porque eles têm o hábito de almoçar 11h30. O filho de 14 anos de dona Sula tem que ir para escola de tarde, precisa almoçar cedo estuda na Comunidade do Maranhão, faz o sétimo ano lá e entre 12h e 12h15 chega o transporte que vai levá-lo até a comunidade. Pergunto a ela se o transporte que vem buscar seu filho é o transporte escolar, ela responde que não, é um transporte particular, de propriedade de uma senhora que também tem filhos estudando na comunidade; então elas se reúnem, e cada semana uma mãe paga a gasolina do rabeta, para que os alunos da comunidade possam ter como chegar à escola, porque não tem transporte escolar, faz muito tempo, segundo relato de dona Sula, porque o prefeito de Parintins deixou de pagar o transporte escolar.

Depois do almoço, aproveito para descansar um pouco em minha rede que já está atada na varanda (atar é o ato de amarrar a rede no local destinado para isso, na linguagem ribeirinha), fico apreciando o gado pastando e observo que alguns estão comendo a folha de uma árvore que fica próxima à casa. Um cavaleiro se aproxima da casa em um cavalo; agora, para andar sobre o solo enlameado, só mesmo montado em cavalo ou de botas, e mesmo assim corre-se o risco de ficar atolado, é um vaqueiro de uma outra fazenda vizinha, que está à procura de um bezerro perdido.

Fui novamente com as crianças para a escola, chegamos antes das 15h e a professora ainda não estava, alguns alunos também já aguardavam a professora. Quando ela chegou, deixou os alunos um instante na sala em recreação e me levou para conhecer um outro tio dela, que é o primeiro morador da comunidade, seu Manduca. Ela fez as apresentações, eu fiquei na casa de seu Manduca e a professora voltou para a escola. Seu Manduca é um senhor de 80 anos de idade e me informou que foi o fundador da comunidade, juntamente com sua irmã, que está morando hoje em Parintins. Ele é aposentado, cego, nascido e criado na comunidade, casou-se lá mesmo; ele e sua esposa tiveram filhos que foram criados na comunidade, hoje todos são adultos e vivem em Parintins. Gentilmente ele me concedeu uma entrevista contando como surgiu a comunidade.

Quando estava na casa de seu Manduca, caiu um grande temporal como se costuma dizer por aqui, com direito a raios e trovões. Num temporal na várzea, o rio se transforma, suas águas que geralmente são calmas e tranquilas ficam revoltas, o rio fica um misto de beleza e terror. Assim que a chuva passou um pouco, retornei para a escola, ainda estava chovendo, mas, já

estava mais fina a chuva, o solo encharcado e enlameado. Vi alguns animais como galinhas, cachorros, patos, embaixo do assoalho da escola: estavam se protegendo da chuva.

Assim que cheguei na escola, a professora estava dispensando os alunos para irem para casa e ela nos acompanhou até metade do caminho; perguntei às crianças se elas garantiam ir andando, se nós não íamos ficar atolados, elas falaram que dava, então fomos viver mais essa aventura. Conseguimos chegar depois de muito procurarmos um lugar onde nosso pé não afundasse, chegamos todos cheios de lama em casa, mas chegamos.

Quando chegamos em casa, depois de passar pelo rio para tirar a lama dos pés e das pernas, tenho a oportunidade de presenciar um grande espetáculo entre os muitos já presenciados, um belo arco-íris aparece no céu depois de cair o temporal. O sol está começando a se pôr no horizonte, o pôr do sol com seus raios refletidos na água do rio, que agora está calmo, mais as cores do arco-íris formam uma bela paisagem.

Já está bastante escuro, embora ainda fosse 18h, o transporte que vem buscar os alunos do turno noturno com destino à comunidade do Maranhão, acabou de parar aqui, pois a filha de dona Sula, que faz o terceiro ano do ensino médio, estuda à noite na comunidade do Maranhão, por isso o transporte parou para levá-la. O que chama minha atenção é o transporte não ter nenhum tipo de iluminação; o caminho é iluminado com uma lanterna até a chegada na escola, e eles sabem direitinho o caminho mesmo sem iluminação, e é uma noite muito escura, sem luar. Começou a chover novamente, e assim, vou terminando mais um dia na comunidade de Nossa Senhora da Conceição.

Mais um dia que amanhece. O rádio está ligado, é movido a pilha, porque como é sabido estamos sem energia elétrica e o vento hoje está forte. Amanheceu o dia com uma grande ventania, por coincidência, escuto no rádio uma música do Boi Caprichoso, intitulada Vento Norte, de autoria do compositor amazonense Ariosto Braga, (1996), essa toada (assim são denominadas as músicas dos Bois) é uma verdadeira poesia, eis alguns trechos de sua letra:

Ô vento norte de seduz minha razão,
 Assovia e me banha de emoção
 O amor errante, paixão distante,
 Azul é sempre cor de navegante
 Vento que vem, balançar canarana no rio,
 Vento que traz a saudade de quem já partiu,
 Deixa acender a fogueira do meu São João,
 Faz ecoar, os tambores da minha nação,
 Oh! Vento norte, faz o meu coração navegar ô ô (BIS).

Depois do café, vou novamente para a escola, e vamos de rabeta, porque não dá para ir andando. Chegamos à escola e já encontramos a professora com outros alunos na entrada. Ela inicia a atividade do dia com a oração e uma música de brincadeira de roda com as crianças, o assunto da aula foi sobre divisão silábica, dando continuidade à aula anterior e corrigindo a tarefa que os alunos tinham levado para casa no dia anterior.

Enquanto eu observava a atividade da professora, um passarinho novamente pousa na janela que dá para os fundos da sala de aula e começa a cantar, nem professora, nem alunos perceberam; estavam concentrados nas atividades em sala, acho que esses momentos são naturais para eles, mas para mim não, na cidade não temos essa possibilidade, de ter o som da natureza tão próximo, o barulho que temos é dos motores dos autos e das motos, por isso fico maravilhada com essa oportunidade, isso chama minha atenção. As crianças letradas estavam sendo chamadas ao quadro, os outros realizavam desenho livre em uma folha de papel.

As crianças deixaram seus afazeres agora, porque chegou a hora da merenda, hoje é macarrão com charque e farinha. A merenda foi feita na casa de dona Sula. Como ela planta cheiro verde, tomate, salsinha, ela incrementa a merenda, para ter um sabor apreciável, porque os produtos que vêm do programa da merenda escolar do município são apenas os produtos básicos, no exemplo citado é somente macarrão, charque e farinha, nada mais. Os temperos, as mães que cozinham a merenda, sempre dão um jeito de colocar algum por sua conta. Enquanto as crianças merendavam, fiquei conversando com a professora, que informou que sempre ela traz a merenda e o gás para a escola, ela vai no setor de merenda escolar da SEMED, e recebe tanto os gêneros alimentícios quanto o gás, mas não recebe nenhuma ajuda para transportar esses materiais, é tudo por sua conta.

Esse é um outro aspecto que deve ser observado, a professora não tem obrigação de assumir essa responsabilidade, a SEMED tem um transporte para realizar a entrega da merenda nas demais escolas, tanto na zona urbana, quanto na zona rural, só que fui informada pelos comunitários e pela professora que, para essa comunidade, o transporte da merenda que até o ano de 2012 era realizado via barco, a partir de 2013 até 2016, parou por falta de recursos financeiros. A Prefeitura Municipal de Parintins, alegou não ter recursos para pagar o combustível dos barcos que realizavam o transporte da merenda escolar.

Em algumas escolas maiores, os diretores se responsabilizam por esse serviço, mas as escolas pequenas ficam a critério do professor, porque em geral são escolas multisseriadas e os

professores acumulam várias funções numa só (direção, serviços gerais, merendeira etc.). A professora informou, ainda, que a merenda veio apenas para dez dias, e os gêneros alimentícios que vieram foram: arroz, açúcar, macarrão e charque, nem gás veio dessa vez. Após a merenda, a professora continuou com o assunto sobre divisão silábica com os alunos maiores e os menores continuaram com a atividade de desenho até o término da aula. Antes de concluir as atividades pela parte da manhã, a professora comunicou aos alunos que eles deveriam retornar pela parte da tarde.

À tarde não fui para a escola, fiquei realizando minhas observações na comunidade, até porque a aula da tarde seria somente para os quatro alunos que estão nas séries iniciais. Durante o período da tarde, peço para a filha de dona Sula ir comigo de rabeta por trás da casa, e observo que a água já começava a aparecer nesse local, mas ainda tinha um bom pedaço de terra seca e o gado encontrava-se pastando nesse local, alguns estavam dentro da água.

Quando retornei para casa, perguntei para a dona da casa quando o gado ia ser retirado. Seu Telo havia me informado que seria na outra semana, mas parece que mudou de ideia, então ela informou que seria início de abril, eu perguntei – mas, não vai estar tudo alagado nesse período?. Ela respondeu – não, a cheia esse ano não vai ser grande, a água está muito longe ainda, ano passado tiramos o gado no final de março. Esse movimento de transportar o gado é realizado em balsas ou barcos apropriados para o transporte de animais.

Olho para o caminho que fazia antes a pé para a escola e ele não existe mais, o mato e a lama tomaram conta dele, impressionante que ainda no mês de fevereiro estava seco e, agora, em apenas um mês, o ambiente está totalmente transformado, a paisagem mudou completamente, agora só chego de canoa na escola, somente os vaqueiros que se arriscam a andar no terreno enlameado para prender o gado, mas agora eles usam botas de borracha, e ficam até os joelhos cobertos de lama. Mas, a paz da mata é um acalanto para os ouvidos e, nesse momento em que a tarde vai caindo, não se ouve nenhum som, somente o balançar das folhas das árvores provocadas pelo vento.

E assim, mais um dia vai terminando, dando lugar à noite e seus sons característicos, grilos, sapos, acurais (espécie de coruja), a sinfonia dos gados e o farfalhar estridente dos porcos. Continuamos à luz de velas, lamparinas e porongas (luminária feita de lata, seu combustível é o querosene, muito utilizada pelos seringueiros na floresta e pelos ribeirinhos nas noites escuras para pescar). O problema da energia ainda não foi resolvido porque depende da companhia elétrica de Parintins; embora várias solicitações tenham sido feitas, o problema da

falta de energia, por conta do transformador queimado, continua sem solução. Liguei da comunidade para um amigo que trabalha na companhia de energia, e ele garantiu que ia mandar uma equipe na comunidade resolver a situação.

Amanheceu, e mais um dia me encontro na comunidade, o dia está muito bonito. O sol já aparece com seus raios luminosos, o vento é constante, provoca ondas no Paraná do Ramos, que geralmente é um rio de águas tranquilas. É gostoso ouvir o barulho das ondas batendo na beira do rio, não é igual as ondas do mar, mas o barulho provocado é similar, os barcos e canoas que ficam atracados no porto das casas ficam balançando o tempo todo em virtude das ondas provocadas pelo vento. Termino o banho, não deixando de apreciar esse movimento da natureza que é constante. Durante o período em que estive aqui, poucos foram os dias em que o vento, às 6h da manhã, não proporcionou um grande espetáculo.

Vou para a escola com as crianças, embarcamos às 6h45, não chega cinco minutos o tempo de duração da viagem para a escola, acho que uns três a quatro minutos e chegamos. Ao chegarmos, vimos um aluno querendo pegar um filhote de periquito que está no chão; as crianças fizeram a maior festa com o animal, todos queriam pegar na ave. Logo a professora chegou, e o menino que estava empenhado em recolher o pequeno animal conseguiu capturar a avezinha e levá-la para sua casa.

A professora inicia suas atividades com a oração e uma brincadeira de roda, trabalha um texto com as crianças sobre alongamento, o texto foi lido para os alunos e a professora foi explicando o significado de alguns trechos. As crianças da Educação Infantil fizeram desenho livre sobre o texto. Os alunos mais adiantados, das séries iniciais, realizaram atividade de interpretação do texto. Os alunos na hora da leitura da professora não prestaram muita atenção e os menores estavam conversando sobre assuntos diversos. Mais uma vez o passarinho que visita a sala se fez presente, nos brindando com seu canto; é um canário, sempre vem na janela da sala de aula, mas parece que só eu percebo sua presença.

Também um outro animal visitou a sala de aula hoje, dessa vez um animal bem nocivo, “cabas”, as crianças estão entretidas nas atividades que nem percebem a visita indesejada, somente um aluno percebe a presença dos animais, que são em número de três, e tenta afastar os animais nocivos, batendo com o caderno, e ele consegue, derruba um por um no chão e depois pisa em cada um. Hoje é o aniversário de um dos alunos, ele é do terceiro período. Logo na entrada as crianças cantaram parabéns para o coleguinha, e, agora na hora da merenda, o

lanche vai ser refrigerante com bolo, que a mãe do aniversariante levou, para ele comemorar a data com os amiguinhos.

Após as comemorações do aniversário, os alunos continuaram suas atividades. Mas, mais um visitante inesperado apareceu, dessa vez foi um morcego, e esse sim, despertou a atenção das crianças deixando-as bastante agitadas. Um dos alunos falou para a professora: “se a gente não mexer com ele, ele não mexe com a gente, não é professora?”. E a professora respondeu: “você acha que é assim?”, e o aluno disse: sim. E a professora: “então é”. Depois de ficar por um longo tempo em um canto da sala quieto, o morcego resolveu bater as asas e ir embora, saindo pela janela, para alívio das crianças e da pesquisadora também.

Enquanto os alunos maiores faziam exercício sobre o texto trabalhado, os alunos menores desenhavam. A professora pediu para eles desenharem uma pessoa fazendo alongamento: saiu de tudo. O que chamou minha atenção foi a ideia de alongamento que eles tiveram, um desenhou uma pessoa com o corpo comprido, outro desenhou um cavalo com o corpo bastante longo, uma aluna desenhou uma menina com os cabelos bastante compridos. Deu para perceber que a ideia do que seria alongamento estava bem presente nos desenhos das crianças, embora elas não estivessem prestando atenção à leitura da professora no início, a partir do momento em que ela leu parágrafo por parágrafo do texto e foi explicando, acho que fixou melhor o conteúdo do texto.

Faltando vinte minutos para o encerramento das aulas, a professora trabalhou com os alunos a prática de exercícios de alongamento, porque hoje é dia de Educação Física; no último tempo de aula, depois que eles se alongaram, a professora permitiu que eles jogassem bola, o esporte preferido deles, brincaram também de cabra cega e assim terminam as atividades da manhã na sala de aula. Mas antes de terminar, o aluno que desenhou o cavalo pintou todo de preto o desenho, chegou para mim e mostrou o desenho, dizendo que “tinha aplicado vacina no cavalo e o mesmo tinha ficado maluco, vou ter que matar o cavalo, cortando a cabeça dele”, fiquei preocupada com a atitude do aluno de seis anos, inclusive era ele o aniversariante do dia.

Comentei com a professora a atitude do aluno, porque não conheço bem os alunos, estou há pouco tempo com eles, a professora conhece melhor, está há mais tempo com a turma, e o que ela relatou foi que ele era um aluno muito agressivo na sala com os colegas, então perguntei para ela a razão de ele apresentar esse tipo de comportamento, se ela sabia alguma coisa a respeito, e o que ela me respondeu é que na casa dele os pais brigam muito, o pai bate muito na mãe e a crianças sempre presenciam essa atitude irracional do pai. O aluno gosta muito de

cavalo, e quando ele estava desenhando, me falou que gostava muito desse animal, todo desenho que ele faz tem sempre a figura de um, que sempre ia com o pai andar de cavalo. E assim terminou mais um dia de aula na escola.

A tarde inicia com muita chuva, o céu já passou por várias cores, foi do azul claro para o azul escuro, passando para o cinza escuro, anunciando o temporal, que cai sem piedade. São 13h, e a chuva começou exatamente uns cinco minutos antes das treze horas, depois de muita água vinda do céu, ela está amena nesse momento, o céu agora está branco e dourado, um espetáculo de cores, o rio que anteriormente estava revoltado por conta do vento forte, agora está calmo e límpido como um espelho, os animais em decorrência da chuva estão inquietos, são 15h e agora que está passando, os galos não param de cantar saudando a chuva, as folhas das árvores estão molhadas, o lago que se formou na frente da casa esse mês, encheu mais um pouco e os patos estão aproveitando o momento para nadar, penso que o jacaré, habitante do lago, deve estar saciado, porque nenhum pato foi atacado ainda, como acontece sempre. A relva está muito molhada e o rio, segundo os moradores, subiu mais alguns centímetros, agora a paz voltou a reinar.

Os comunitários informaram que esse ano a cheia não vai ser grande, eles sabem, estão acostumados a vivenciar essa experiência proporcionada pela natureza todos os anos. Segundo relato deles, no ano passado, por essa época, a comunidade já estava muito mais cheia, os alunos já estavam de férias, porque as aulas já tinham sido suspensas antes do término do ano letivo, porque a escola logo foi para o fundo, o gado não estava mais aqui e nem qualquer outro tipo de animal. Fui informada pela dona da casa em que estou hospedada, dona Sula, que ainda tem muito pasto para o gado, ele só vai ser retirado daqui dia 10/04, a água ainda não está cobrindo todo o capim, que ainda dá para o gado ser alimentado, eles sabem bem melhor do que eu, estou aprendendo muito com essas pessoas.

A tarde vai caindo sem novidades, a maioria dos comunitários em decorrência da chuva, estão recolhidos em suas casas, não houve aula no período da tarde em virtude do temporal, a professora vai para a cidade hoje pela parte da tarde, como é sexta-feira, é dia de ela ir para casa, passar o final de semana em Parintins, e voltar na segunda-feira. Como não houve aula em razão da chuva, a professora utilizou a seguinte estratégia, elaborou uma atividade escrita para cada aluno e foi de casa em casa distribuindo a atividade para eles fazerem e entregarem na segunda, como forma de repor a aula que deveria acontecer hoje à tarde e não aconteceu.

Também vou seguir viagem para Parintins, aproveito a mesma embarcação que a professora vai e vamos juntas para a cidade.

Hoje, mais uma vez chego na comunidade, cheguei agora há pouco eu e a professora; saímos de Parintins às 6h, são exatamente 6h40min, estamos aportando na comunidade, a professora fica na escola e eu sigo com o comandante da embarcação até a casa onde estou hospedada para deixar minha bagagem. Ele fica esperando porque vai me levar até a escola, como agora só se chega na escola por água, peço a ele que me espere para levar-me até lá. Estamos no mês de abril de 2016, no dia 18, e a previsão do encerramento do período letivo é para o dia 03 de maio, essa é a última semana de visita à escola e à comunidade, logo, tenho que aproveitar ao máximo esses dias aqui.

A comunidade já está bem diferente, a paisagem já está bastante modificada em virtude da enchente, os alunos vão e voltam da escola pelo rio, o rabeta da casa onde estou leva e traz as crianças da escola. As outras crianças moram próximas à escola, então calçam as botas e vão andando e enfrentando a lama.

A professora está na sala com os alunos, ainda não iniciou suas atividades, porque não são 7h. Alguns alunos ainda não chegaram; por causa da lama do caminho eles demoram mais do que de costume, porque têm que escolher o melhor lugar para pisar e não ficarem atolados na lama. Quando finalmente todos estão presentes, ela inicia a aula com a oração e uma cantiga de roda. Ela inicia perguntando aos alunos sobre as cores do campo, as crianças responderam das mais variadas formas, umas responderam que era verde, outras responderam que era amarelo, outras azul, vermelho, preto. Então, ela lê um texto que fala sobre as cores do campo e vai questionando com eles sobre o assunto conforme vai lendo os parágrafos. Esta é uma das poucas atividades relacionadas à realidade ribeirinha das crianças.

Depois de trabalhar oralmente com eles o texto, solicitou que fizessem um desenho sobre o texto trabalhado. Como hoje tem aula de Artes, ela trabalhou o Português com as palavras do texto que eles não conheciam, trabalhou sinônimos e depois aproveitou o desenho para a aula de Artes; essa atividade estendeu-se até a hora da merenda. A merenda foi macarrão e farofa de charque. Após a merenda, a professora deu continuidade às atividades, desenhou no quadro branco uma espécie de tabela e dentro escreveu as palavras: vermelho, verde, amarelo, azul, preto, marrom e rosa. Ao lado de cada palavra escreveu: letra inicial, letra final, número de letras, número de sílabas e separação silábica.

Os alunos dos 2º, 3º, 4º e 5º anos não tiveram dificuldades para resolver a atividade, mas os que estão no primeiro ano tiveram muita dificuldade e, a pedido da professora, eu desenhei o quadro para eles e escrevi as palavras. Um fato chamou minha atenção: as crianças do segundo e terceiro períodos não participaram da atividade, a eles foi pedido um desenho livre, sem nenhuma relação com o texto que fora lido. Durante esse período de convivência e observações em sala de aula, noto que a preocupação da professora e as atividades desenvolvidas estão sempre voltadas para os alunos leitores. As crianças da Educação Infantil são sempre deixadas de lado. Esse fato me incomoda, pois não há atividades específicas e atenção especial para as crianças da Educação Infantil.

Durante todo esse tempo que venho acompanhando o trabalho da docente em sala de aula, nunca tive acesso a seu plano de aula diário, apesar de pedir com todo o tato possível, ela nunca mostrou e não me deixou ter acesso. Tenho o plano bimestral e a proposta curricular fornecidos pela professora, bem como o calendário escolar, mas o plano de aula dela, nunca tive acesso. O relacionamento da professora com as crianças era bastante afetuosos, a afetividade se fazia presente sempre entre ambas as partes, as crianças gostavam muito dela e nunca a presenciei levantar a voz para qualquer aluno para chamar atenção.

As crianças apresentavam um comportamento bem tranquilo, não eram bagunceiras, não perturbavam e a professora ministrava sua aula com muita tranquilidade. Penso que o que faltou mesmo foi orientação para a professora trabalhar com classe multisseriada, já que ela nunca tinha trabalhado com esse nível de ensino. Durante minha estada na escola, que está terminando agora no mês de abril, não vi nenhuma equipe de supervisão da SEMED vir até a escola, dar alguma orientação pedagógica para a professora; seu trabalho sempre foi solitário, até a equipe do Programa Escola da Terra, que é o programa especializado em estratégias com classes multisseriadas, não chegou até aqui, apesar de o programa estar também em vias de acabar.

Mais um dia amanhece na comunidade, agora no mês de abril, primeiro a energia elétrica já voltou ao normal aqui, dona Sula me informou que assim que fui embora, no mês de março, a Amazonas Energia chegou à comunidade para realizar o reparo no transformador. Também não acordo mais com o barulho ensurdecedor dos porcos, porque eles estão agora em terra firme, assim como o gado e os outros animais. Seu Telo já está na outra comunidade, lá onde não enche, terra firme, junto com o gado. Agora acordamos só com o cantar dos pássaros.

Dona Sula está sozinha na casa com os filhos: ainda não “foi ter com o marido”, como diz ela, porque seus filhos menores ainda estão estudando, já que as aulas na escola só terminam

em maio. Assim que eles entrarem de férias, ela vai embora para onde seu marido está, na comunidade do Jacu, para onde o gado foi levado. A paisagem está bem diferente, o rio está bastante cheio, dá para notar pela marca da água na ponte, a água está encobrindo o assoalho da ponte que se toma banho.

Agora no café da manhã não tem mais o queijo e o leite, seu Telo está tirando leite lá na outra comunidade, aqui estamos tomando leite em pó comprado no supermercado. Dessa vez trouxe bastante comida de Parintins, porque sei que o rio está enchendo, fica difícil o peixe, temos que ter outras opções. Hoje acordei e dona Sula já estava embarcando para Parintins, só ia retornar à tarde, então pedi para que eu ficasse em casa com sua filha do meio, não confiava muito nela, porque era uma adolescente muito “desmiolada”, palavras de dona Sula. Tinha que fazer a merenda dos alunos e levar na escola, então fiquei na casa para ajudar nessa tarefa e também ajudar a moça a temperar a comida que seria servida no almoço.

Depois de pronta a merenda, fui com a moça no rabeta levar a merenda para a escola, hoje era mingau de arroz, e quando fui deixar a merenda, fiquei na escola com a professora. Falei para a filha de dona Sula que, quando ela fosse buscar seus irmãos no término da aula, eu iria com eles. Após a merenda, a professora continuou as atividades, hoje o dia era de matemática, o quadro estava cheio de contas, adição, subtração e multiplicação e os alunos ficaram nessa atividade até o término da aula.

Como já está muito cheio, a professora só está dando aulas pela parte da manhã, não está voltando pela parte da tarde com os alunos. Então, chegamos em casa, e eu fui ajudar a filha de dona Sula terminar o almoço. Terminada essa tarefa, o almoço foi servido e, após essa atividade, fui deitar na minha rede, que estava na varanda da casa, porque não tem muito o que fazer. O lago na frente da casa está mais cheio, vi um pato nadando lá, perguntei à moça se era da casa, ela respondeu que não, era da vizinha, que não tinha levado todos os seus animais ainda para terra firme.

Agora, sem a presença dos animais tudo fica muito tranquilo, só aqui e acolá se ouve algum pássaro cantando; o barulho mais alto é o som dos motores das embarcações que continuam subindo e descendo o rio. Parece que falta mais vida, a impressão que tenho é que os animais que fazem parte desse ambiente dão mais sentido para aquela vida, o lugar é tranquilo por natureza. Agora está mais calmo ainda, a paz da mata se faz presente em todos os momentos.

Mais um dia amanhece, hoje é dia 21 de abril, apesar de ser feriado nacional, a professora vai dar aula porque ela chegou terça feira, vai repor a segunda-feira. E mais uma vez vou com as crianças assistir aula. Chegamos quase ao mesmo tempo, desembarcamos da rabeta no porto em frente à escola, e a professora chega com alguns alunos por terra, mas todos usando botas de borracha. Esse meio de transporte aqui é comum, grande parte dos comunitários tem esse tipo de embarcação, os que não têm são atendidos nesse período pelos que têm.

A professora inicia a aula com a oração, hoje ela pede para a aluna do quarto ano fazer a oração, a menina faz e ela dá início às atividades. Hoje a atividade é sobre Tiradentes, aula de História, pergunta se as crianças sabem quem foi Tiradentes e elas respondem que não, então ela trabalha um texto sobre a história desse personagem da história do Brasil, depois termina com um exercício de palavras cruzadas, e as crianças da Educação Infantil continuam no desenho livre; como não tem merenda mais, as aulas encerram-se às 10h. Ficamos esperando a filha de dona Sula nos buscar de rabeta, eu e as crianças; assim que ela chega, vamos para a casa.

Chegando em casa, dona Sula tinha preparado carne de tatu para o almoço, mas tinha bife, que ela havia feito também, pois tinha comprado em Parintins, me ofereceu com muito carinho um pedaço de tatu, que eu recusei também com muito carinho Fico constrangida por recusar, mas não consigo comer essas carnes, muita gente diz que é deliciosa, saborosa, e deve ser, mas fico numa situação difícil quando isso acontece, mas dona Sula entende, já expliquei para ela, me oferece por educação e eu recuso com muita educação.

E assim mais uma noite vai chegando na comunidade, e os sons noturnos vão chegando, sapos coaxando, grilos, corujas e mariposas, com a luz as mariposas ficam ensandecidas e a casa fica cheia desses insetos nessa época. Vamos assistir à programação da televisão, agora com a energia fica melhor, dona Sula está gostando da minha companhia, seu marido está longe, sua filha mais velha voltou para Parintins, onde mora atualmente, e ela está com os outros quatro filhos, as crianças pequenas que estudam pela manhã na escola da comunidade, o filho de 16 anos que estuda no horário vespertino na comunidade do Maranhão e a filha de 17 anos que estuda à noite, também na comunidade do Maranhão.

Mais um dia acordo nesse ambiente que já se tornou familiar para mim, sinto falta de alguma coisa, os meus amigos suínos que não estão aqui; agora, sem a presença deles fica muito estranho, mas o cantar dos passarinhos é sempre um som agradável para se despertar. Dona Sula não acorda mais tão cedo como antes, levanta para fazer o café das crianças que vão para

a aula, depois do café, ela mesma nos leva de rabeta até a escola. Aqui é assim, toda a família sabe pilotar esse tipo de embarcação, até eu estava aprendendo, pedi ao filho de dona Sula para ensinar-me, mas não me arrisco muito.

A professora inicia as atividades como sempre, oração, e hoje quem faz a oração sou eu. Solicitei à professora esse momento, pois queria agradecer a ela e às crianças a acolhida, porque hoje seria o último dia que estaria com eles, estava encerrando minhas observações, então rezei um pai nosso com eles, que é a oração que eles costumam rezar e fiz meus agradecimentos. As crianças foram maravilhosas comigo, sempre querendo ajudar e, na época do verão, faziam questão de ir andando comigo a pé, foram bem simpáticos e acolhedores e os pais das crianças também e, por fim, a professora, que ficou muito minha amiga e me deixou participar de vários momentos com ela na sala de aula.

A merenda hoje foi por minha conta. Como não tem merenda, dona Sula fez um bolo para mim, e eu havia trazido de Parintins refrigerantes e biscoitos já com essa finalidade. Então, após encerrar as aulas de hoje, fizemos um momento de confraternização com todos, e distribuí algumas lembranças para as crianças e para a professora, como forma de agradecimento pela acolhida e recepção por parte deles. Não estavam todos os alunos, alguns tinham viajado com os pais, mas os que estavam presentes compartilharam esse momento.

A professora se colocou à disposição para o que precisasse. Assim foi minha participação nessa escola tão pequena na estrutura, mas tão grande no acolhimento e no amor das crianças. Durante esse breve período em que lá estive deu para perceber o grande afeto que os alunos têm pela escola. Eles fazem da sala de aula uma extensão da casa deles, apesar de a escola não ter os espaços adequados para um bom trabalho pedagógico, pois suas carteiras não são de boa qualidade, tudo é precário, não tem biblioteca, sala de leitura, local para recreação, o banheiro sem condições de funcionamento.

A estrutura da escola é composta unicamente por um barracão de madeira, com o assoalho todo comprometido em decorrência das várias enchentes, quando a escola vai para o fundo, mas mesmo com toda essa precariedade, existe um sentimento que faz a escola ir adiante, e esse sentimento vem das crianças, é isso que elas sentem por esse espaço, a alegria que emana de seus olhos quando chegam para as aulas. Não existe evasão; apesar de todos os problemas estruturais e de outras ordens, elas sentem prazer em estar lá e foi isso o que mais me encantou durante minha estada. O sentimento expresso pelas crianças por seu ambiente escolar me fez acreditar ainda mais que a educação ainda é um caminho para a emancipação, isso eu posso

dizer que aprendi com aquelas crianças, naquela pequena escola, daquela pequena comunidade, pequena em determinados aspectos, pequena aqui não é sinônimo de redução, de ínfimo, pequena no sentido estrutural, mas gigantesca na capacidade de amar e de acolher as pessoas.

Estou retornando para Parintins, mas meu sentimento é de aprendizagem, de saber, conhecimento novo adquirido, aprendi muito com as pessoas e, principalmente, com as crianças, não me arrependo de ter escolhido essa escola. Aqui também se aprende e aqui tem alunos tão inteligentes e capacitados quanto em qualquer outra escola de qualquer lugar do país. A escola necessita urgentemente de reparos em todos os seus espaços, mas mesmo nessas condições precárias de funcionamento, os alunos conseguem desenvolver suas habilidades intelectuais. No campo da atenção, da memória, percepção, criatividade, imaginação etc., percebe-se que esses processos psicológicos são bem desenvolvidos nas crianças, que ajudam a entender seu ambiente social e a interagir com eles.

Considerando as questões analisadas acima, entendemos que esses processos estão englobados na forma como as crianças se expressam através da linguagem e do pensamento, fundamentando nossa análise sobre os processos psicológicos desenvolvidos pelas crianças, da Escola Nossa Senhora da Conceição, tomamos por base os ensinamentos de Vigotski (2009, p.412), que assim postula:

O pensamento engloba vários processos, dentre os quais a memória, a cognição e o afeto, porém não se confunde com cada um destes processos. O pensamento não é meramente materializado no ato da fala, pois esta não se apresenta apenas como um momento no qual o pensamento, até então silencioso, se revela, o pensamento se realiza na fala. Por sua estrutura, a linguagem não é um simples reflexo especular da estrutura do pensamento seja uma veste pronta. A linguagem não serve como expressão de um pensamento pronto. Ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra.

A análise realizada sob as bases teóricas do autor mostra as condições de vida social, vividas pelos sujeitos que interagem na realidade escolar da comunidade. Mostra uma forma de vida que os fazem enraizar-se no seu meio social e educacional, fazendo-o constituir-se como sujeitos transformadores.

Entretanto, as atividades escolares foram padronizadas, desconsiderando a riqueza de saberes e de experiências que encontrei na comunidade. Raras foram as situações em que a realidade ribeirinha foi aproveitada. Situações que poderiam ter sido as bases para o ensino dos conteúdos acadêmicos não foram aproveitadas, como o espaço externo da sala de aula, as

mudanças climáticas, a fauna, a flora e o modo de vida das crianças. Língua Portuguesa, História, Geografia e Educação Física foram trabalhadas tal como se trabalha em qualquer escola urbana. A Educação Física é um dos exemplos mais claros. Sempre o futebol, quando tantas atividades poderiam ser desenvolvidas nos campos, rios etc. Esta pesquisa mostra sua importância para a formação dos professores justamente nesse ponto: a formação do professor da Amazônia precisa contemplar o estudo e o domínio de seus formandos sobre essa realidade, desenvolvendo programas de ensino que parta dessa realidade para a aprendizagem dos conteúdos acadêmicos.

4.5 – A escola como espaço cultural de saberes, experiências e conhecimento

Para que a educação escolar se concretize não bastam apenas leis que garantam o seu funcionamento, nem teorias que assegurem o desenvolvimento dos educandos, há necessidade de pessoas qualificadas, para exercer da melhor forma possível a sua função de ensinar e proporcionar o desenvolvimento das potencialidades dos alunos nos diferentes aspectos, promovendo experiências efetivas de aprendizagem.

A construção do conhecimento se dá pela interação entre seres humanos. Segundo Vigotski e Wallon (*apud* OLIVEIRA; ROSSETTI-FERREIRA, 1992, p.4), “a construção dos conhecimentos – assim como a da linguagem e da subjetividade – vai se dar pelas interações sujeitos/meio, e estes se modificam, constituem e reconstituem à medida que um age sobre o outro.”

Trazendo para reflexão neste estudo a Escola Nossa Senhora da Conceição, a finalidade é mostrar a realidade de uma escola ribeirinha, agora narrada pela sua primeira professora, nascida e criada na comunidade, estudou da primeira à oitava série na comunidade do Maranhão, e após concluir o ensino fundamental, mudou-se para a cidade de Parintins, onde cursou o Magistério no Colégio Batista de Parintins, concluído em 1990. Conseguiu seu primeiro emprego como professora na comunidade que nasceu, Nossa Senhora da Conceição.

A professora também é licenciada pelo Curso Normal Superior, pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e tem especialização *lato sensu* em Psicopedagogia. É professora do quadro efetivo da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), atua no magistério há vinte e cinco anos e atualmente exerce a função de coordenadora do Pacto Nacional de Educação na Idade Certa (PNAIC), na própria secretaria. A professora informou que concluiu o magistério

no ano de 1990 e, em 1991, conseguiu seu primeiro emprego para atuar como professora na comunidade. Ela relata: terminei o magistério em 90 e, em 91 comecei a trabalhar lá. Quando eu fui trabalhar lá, não existia a escola (prédio físico), na realidade a comunidade estava com uns três anos de fundação, e aí não tinha escola, não tinha igreja, tinha só uns barracões, e quando eu fui dar aulas, eu dava na casa dos comunitários, porque não tinha condições de dar aula, não tinha espaço para dar aula.

O que se observa na fala da professora é que a escola iniciou suas atividades educacionais sem qualquer estrutura que respaldasse seu funcionamento de direito, apenas movida pela vontade e o sonho de ensinar para seus pares.

A LDBEN nº 9.394/96, em seu Título II, que trata Dos princípios e fins da educação, Art.2º afirma que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Como a professora afirma, “ela [escola] foi criada assim na “marra” mesmo, porque eu cheguei lá o nome da escola eu dei, o mesmo nome da comunidade que é o nome da padroeira, e eu penso que foi concretizado mesmo, a partir do momento em que a escola foi inaugurada, mas no papel já existia”. Assim, esse princípio não foi cumprido fielmente, como demonstrado.

A escola que serviu de campo para este estudo teve seu início sem contemplar os princípios da LDBEN, já que a professora exercia suas funções de forma itinerante. No entanto, sua perseverança em atuar na profissão e sua linha de trabalho lhes deram a condição necessária para atingir a sua meta, que era, transmitir conhecimentos através do processo ensino-aprendizagem. Com relação ao surgimento da Escola, a professora afirma:

Vai lá, volta lá, diz que tu tens uma comunidade e que tu queres dar aula lá, que não tem professor. Eu voltei, falei pra ela, ela ficou me olhando assim, e falou: “está bom, tu vais para lá, vai fazer o levantamento dos alunos e se der mais de quinze alunos tu vais para lá. [...]”. Aí eu fui para casa, falei para minha mãe, a mamãe morava até lá nessa época, só que ela estava em Parintins. Eu disse, mamãe preciso ir até a comunidade fazer o levantamento das crianças que a professora da SEMED quer, se der até quinze, ela me admite para dar aula. Não tinha barco, nós fomos de canoa, daqui da cidade, estava tudo alagado, era mais ou menos junho, por aí, fomos embora. [...]. Chegando lá, nós fomos de casa em casa de canoa (estava na época da cheia), fizemos o levantamento, trouxe de volta para ela. Ela falou: “agora pode dar aula”. Como que eu ia dar aula? Eu fui com as minhas colegas, minhas ex-colegas, atrás de livros, como era o primeiro ano mesmo (1ª professora).

E foi essa determinação que fez com que a professora conseguisse implantar a Escola na comunidade Nossa Senhora da Conceição, e isso ela relata com muito orgulho, embora na época tivesse acabado de sair do magistério, sem muita experiência com sala de aula, ela aceitou o desafio imposto pelo Secretário de Educação Municipal da época, que lhe propôs fazer o levantamento de quantas crianças estavam sem estudar, atendendo à solicitação do Subsecretário Municipal de Educação para a Secretária Municipal.

E dessa maneira a escola foi surgindo e o trabalho da professora foi se concretizando em experiências concretas, com os saberes sendo produzidos na prática cotidiana. Gauthier (1999, p.188) define três categorias relacionadas às profissões: “ofícios sem saberes, saberes sem ofícios e ofícios feitos de saberes”, o autor ressalta, ainda, que “é essencial a revelação e a validação dos saberes da experiência docente a fim de que essas não permaneçam circunscritas às práticas individuais dos professores”. O trabalho realizado por esta 1ª professora, em princípio, foi um trabalho solitário, não recebeu qualquer tipo de orientação para atuar na sala de aula pela primeira vez e com uma especificidade, uma classe multisseriada. Nessa linha de raciocínio proposta pelo autor, o trabalho docente da professora teve início como um ofício sem saber e que com o passar do tempo, a experiência adquirida, a responsabilidade e a vontade de vencer os desafios, transformou-se em um ofício feito de saberes, como ela revela:

Mas o meu pensamento mesmo era esse, que a criança aprendesse, não somente a ler e escrever, mas que aprendesse para a vida, que fosse uma pessoa do bem, que tivesse um futuro bom. Aí eu comecei a dar aula, como SP (serviços prestados), quando chegava no final do ano, eu saía de folha, porque todos os SPs saem de folha. Então assumiu o novo prefeito, nessa época o Prefeito era o Enéas, e ele fez o concurso público, eu fiz e passei, legal!! Fiquei efetiva, mas continuava dando aula na comunidade, agora tinha uns barracões e eu dava aula, depois construíram a igreja e eu dava aula na igreja. Foi muito difícil, mas sempre com responsabilidade. Depois eles queriam me remanejar para a cidade, não tinha aquele programa “Escola Ativa”? Aquele programa foi muito bom, que marcou muito minha experiência. Era um programa direcionado às escolas multisseriadas do campo e a metodologia era uma metodologia muito boa, e eu colocava mesmo em prática, eu ia para as formações, ah! Novidade, eu ficava muito feliz com as novidades, levava novidades para as crianças, então foi um momento da minha experiência que marcou muito, eu trabalhava muito, mas as crianças aprendiam muito com esse programa (GAUTHIER, 1999, p.188).

Podemos perceber pela fala da docente que a sua atividade foi baseada nas experiências vivenciadas, em seus valores e crenças pessoais. Em seu relato, esta professora demonstra que não existia um conformismo de sua parte; ao contrário, a vontade de ensinar e o prazer que sentia em realizar essa atividade, mesmo com pouca experiência, serviam de estímulos para

buscar fontes alternativas para o desenvolvimento de seu trabalho e concretização de seu objetivo, que era a aprendizagem dos alunos e os saberes inerentes a essa ação, o que Gauthier (1999, p.189) afirma ser a “existência de conhecimentos que orientam a atividade de ensino”.

É por meio desses conhecimentos que o professor vai ampliando seus saberes, transformando as experiências em conhecimentos práticos e transformando sua atividade docente em um ofício feito de saberes, que são produzidos nas mais diferentes formas durante o processo de formação, cabendo a cada docente colocar em prática esses saberes e conhecimentos aprendidos e produzidos, como bem ressalta a professora:

Agora tem o PACTO, eu sou coordenadora do PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa) e eu comparo assim, que é um programa muito bom, vai depender do professor colocar em prática, porque aprende muita coisa boa. Professora, nós que estamos lá dentro, que vemos as metodologias, as novidades, porque a criança gosta de novidade, ela não gosta da mesma coisa todo tempo, aí então, o programa era muito bom, minha técnica era a professora Osiris, ela e o professor Satoca e eles observavam que as crianças gostavam muito de estudar durante esse programa aí e depois também. [...]. Eu orientava os alunos assim, porque eu queria que eles aprendessem para não me fazerem vergonha, eu dizia para eles, vocês não vão me fazer vergonha em outra escola, é para aprender mesmo, quando não souberem me perguntem, nós voltamos atrás. Eu conversava muito com eles, e a gente ensinava eles a se desinibir, eles aprendiam a compartilhar, quando eu chegava na escola, eu ia cedo para abrir a escola, chegava lá, eu tinha que encher o pote, varrer a escola, a sala, às vezes era no centro social e, depois, com esse programa tinham os comitês, comitê da limpeza, comitê da organização, da oração, tudo isso que é a rotina logo que nós chegamos na sala de aula e eles foram aprendendo, foram aprendendo e eles interagiam nos comitês (1ª professora).

Nessa linha de raciocínio, consideramos a atividade docente do professor como uma prática envolta em um emaranhado de saberes, que envolvem tanto os saberes relacionados aos conteúdos que serão ministrados pelo professor nas disciplinas, quanto ao saber específico profissional que engloba disciplinas, currículo e experiências práticas. Tardif (2008, p.36) defende que “os saberes profissionais daqueles que lecionam são temporais, plurais, heterogêneos, personalizados e carregam as características do homem”.

Podemos constatar na prática as palavras do autor quando se refere aos saberes profissionais, pois até hoje a professora em questão é lembrada na comunidade por todos os comunitários, pais e responsáveis, dos alunos que tiveram a oportunidade de estudar com ela. Os pais não cansam de elogiar o excelente trabalho realizado pela professora, quando esteve na comunidade à frente da escola. Todos lembram com muito saudosismo a época em que a professora fundou a escola e realizou suas atividades com experiência exitosa. E a professora

também lembra com muita saudade e com muito afeto da época em que ela iniciou sua vida profissional como professora de classe multisseriada e de sua saída da escola; como ela ressalta:

O professor Mimoso era o Secretário de Educação na época que eu saí. Ele disse, olha eu vou te transferi Mira, e não adianta virem com abaixo assinado que eu não vou retornar contigo. Aí professora, eu chorei, chorei, chorei, custou muito passar aquilo de mim. Depois, passaram outros professores, mas eu ficava monitorando, que eu era coordenadora, aí ele falava: “tu vais ficar monitorando, vai lá”, e eu ia. Agora eu já não vou mais muito lá, até porque a mamãe já não mora mais lá, mas quando ela morava lá, eu ia muito. Agora eu vou, ela quer ir comigo, e eu levo ela. [...]. Mas foi maravilhosa a experiência lá, porque também eram os meus parentes lá, e aí quando eu passei no segundo concurso eles queriam me mandar para um outro lugar, porque lá a escola só funciona um horário, e eu estava com duas cadeiras, e aí eu fui lá na SEMED, e pedi que se surgisse uma vaga no Maranhão, que eles me transferissem, aí surgiu e eu fui pra lá. Então, eu trabalhei lá no campo com fundamental de 1º ao 5º, 6º ao 9ºanos, Ensino Médio Tecnológico e atuei como coordenadora (1ª professora).

Sobre a professora contratada da SEMED, ela atua há seis anos no magistério, possui graduação em Pedagogia, pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia; embora a professora tenha parentes na comunidade, ela nasceu e se criou na cidade de Parintins. Vale ressaltar, também, que a professora, apesar de ter experiência no magistério, nunca havia trabalhado com classe multisseriada.

A relação sujeito/mundo da professora com a comunidade e a escola, aconteceu da seguinte forma:

Para eu chegar até a comunidade de Nossa Senhora da Conceição, mais conhecida como Vila Manaus, eu fui até a SEMED, deixar um currículo, em busca de um trabalho, porque há 15 dias atrás eu teria sido é, eu teria sido dispensada, digamos assim, porque houve algumas demissões na minha cidade, e após quinze dias, eu voltei na SEMED, levei meu currículo, como eles estavam fazendo lotações para professores na área de várzea, aí surgiu essa oportunidade. [...]. Só que nem foi exatamente para essa comunidade, Nossa Senhora da Conceição, foi pra Comunidade do Limão, só que também essa comunidade (Vila Manaus) estava necessitando de um professor. Inclusive algumas pessoas dessa Comunidade fazem parte da minha família, e no mesmo momento em que eu estava lá na Secretaria eu encontrei algumas pessoas da minha família, que estavam lá em busca de um professor, e exigindo, além disso, tinha uma outra questão, queriam tirar a escola por conta do número de alunos ser muito pequeno (professora da Escola).

A professora ao relatar a forma como chegou até a escola, além da necessidade demonstrada em conseguir um emprego, revela também alguns motivos que contribuíram para sua ida para a comunidade. A professora, pela necessidade da busca de emprego, pois sua

situação profissional não estava resolvida, aceitou ir trabalhar na comunidade, não só por ter parentes, que no momento estavam reivindicando serviços de um profissional para a escola, como também, e esse é o ponto fundamental, pela possibilidade de ter encontrado o que tanto almejava, que era uma vaga para atuar como docente.

A professora deixa claro em sua fala que não tinha a intenção de ir para a comunidade Nossa Senhora da Conceição, sua intenção era ir trabalhar em uma outra comunidade, mas a possibilidade oferecida no momento em que ela se encontrava no órgão responsável pela contratação de professores, aliada à solicitação dos comunitários, que se encontravam também no mesmo local e que, por coincidência, tinham um certo grau de parentesco com a mesma, ajudaram-na a agilizar o processo de contratação com muito mais eficácia. Esses passaram a ser, então, os motivos que levaram a professora a aceitar de imediato ir trabalhar na comunidade.

E a professora segue em seu relato, explicando os vários motivos que a levaram a deixar uma vida estruturada, na cidade de Parintins, e mergulhar numa experiência que lhe era totalmente desconhecida, como ela relata:

Na verdade, eles me abriram uma porta, para ter uma nova experiência, com tudo isso. Eu falei com a Secretária de Educação da época, e conversei com ela, perguntando se ela poderia me ajudar para eu ir para essa comunidade, que eu já conhecia as pessoas lá, e que eu não conhecia ninguém na comunidade que iam me mandar, que era o Limão, aí então, ela me ajudou e disse que ia fazer a documentação para eu ir para lá. [...]. Eu fiquei muito feliz porque era uma experiência nova, e triste por algumas partes, porque eu tinha que deixar minha família, eu tenho dois filhos, uma menina e um menino, e eu ficava pensando como ia ser minha vida distante deles, tinha a minha mãe e eu não sabia como lidar com aquela situação, eu via assim como uma oportunidade de trabalho e que ia me enriquecer, como educadora e professora (professora da Escola).

Então o que eu fiz, arrumei minhas malas, fui até um comércio comprei umas coisas, e fui para a comunidade. É, eu digo assim, não foi um momento de tamanha alegria, mas que eu aprendi muita coisa, apesar das pessoas que moram lá sejam da minha família, eu convivi com algumas pessoas da comunidade, tudo o que eu vivenciei lá, foram muitas emoções, coisas novas e o que eu posso dizer é que toda a experiência que um professor, um educador tem é válida.

Percebemos no relato da professora que ela travou uma espécie de batalha interior, por um lado, a necessidade do emprego e a oportunidade de trabalho, por outro, a distância que

ficaria da família, pois seria um momento de separação, mesmo que curto, que nem ela nem sua família estavam preparados para assumir, e realmente pode ser um processo doloroso, principalmente para quem tem filhos pequenos, como é o caso da professora.

Esse movimento que envolve aspectos emocionais, na maioria das vezes torna-se um fator gerador de impedimento para a atuação dos professores na escola. Esse movimento não foi somente percebido e sentido com a atual professora, mas de acordo com o relato dos pais, alguns dos professores que tiveram a oportunidade de trabalhar na escola passaram por esse problema pelo qual passou a professora em questão, sendo apontado, também, como uma das causas da rotatividade dos professores na escola.

Todavia, mesmo tendo que enfrentar todas essas dificuldades, a professora conseguiu superar e vencer seus obstáculos e realizar seu trabalho, do início ao fim do ano letivo, e ela afirma:

No primeiro momento, quando começou, quando eu cheguei na comunidade eu reuni com os comunitários, fiz uma reunião, o presidente da comunidade me ajudou bastante, a comunicar os comunitários, nós fizemos uma limpeza geral na escola, eu, os pais, as crianças também ajudaram muito, para o dia seguinte já ter aula. Então, quando eu cheguei na sala de aula no meu primeiro dia de aula, foi uma coisa assim única que eu vivi, que jamais eu vou esquecer. Eu olhei para os alunos, e quase todos os alunos da minha sala eram meus primos, com exceção de dois que não eram. Eu disse, meu Deus do céu, como que acontece um fato desse na vida do ser humano? [...]. Eu pedi tanto para Deus, um novo trabalho, uma nova experiência, e eu me deparei com pessoas que eu jamais imaginava que eu ia fazer parte da vida deles escolar, da vida deles assim no processo de educação, processo de ensino/aprendizagem. Aquilo me deu forças para mim fazer o melhor, e também apesar de ser poucos alunos, eram crianças assim, completamente com riquezas de é, como que eu posso dizer? Crianças que tinham assim aprendizados diferentes, é conhecimentos diferentes, apesar de serem do mesmo lugar (professora da Escola).

Analisando as ações desenvolvidas pela professora ao chegar à comunidade, percebe-se o estabelecimento de relações entre os sujeitos envolvidos no processo educativo numa perspectiva de prática comunitária educativa e é Freire (2015, p. 78) que nos diz: “enquanto prática social a prática educativa, em sua riqueza, em sua complexidade, é fenômeno típico da existência, por isso mesmo fenômeno exclusivamente humano. Daí, também, que a prática educativa seja histórica e tenha historicidade”. Seguindo a linha de raciocínio do autor, nos apropriamos do que Gonçalves, (2011, p.38) afirma sobre a historicidade, a autora corrobora ressaltando:

A referência básica da análise da Psicologia Sócio-Histórica é a da historicidade das experiências humanas, bem como das ideias produzidas pelos homens como expressão mediada dessas experiências. Entende-se como experiência humana toda atividade realizada socialmente pelos homens, como forma de atender as suas necessidades, produzindo, dessa forma, sua própria existência. As experiências concretas, de atividade dos homens, implicam necessariamente a produção de ideias e representações sobre elas, as quais refletem sua vida real: ações e relações.

Assim, a professora ao estabelecer relações com os comunitários e com as crianças no decorrer de suas atividades, além de proceder a uma análise reflexiva sobre seu papel como professora, passou também a constituir-se como sujeito histórico, através das ideias produzidas, das crenças e dos valores que foram sendo produtos dessa constituição. E a partir dessa análise, suas ações pedagógicas foram se modificando e se transformando até atingir a mudança necessária para sua prática cotidiana, como ela ressalta:

A rotina, a rotina deles era um tanto que diferente, apesar de serem do mesmo lugar, porque na comunidade têm famílias que o filho vai pescar, outros vão tirar leite da vaca, outros vão caçar, e apesar de serem muito pequenos, eles acompanhavam todas essas experiências com os pais. Tinha uns que iam caçar, que era o José Bonifácio, o pai ia pescar e ele acompanhava, tinha outro ia tirar leite que era o Martin, a Maria, que era uma aluna do terceiro ano, ela ia pra horta, ia ajudar a mãe dela a capinar. Então quer dizer que, eram do mesmo lugar, mas com atividades diferentes (professora da Escola).

Como se pode perceber, além da rotina da sala de aula, os alunos tinham uma rotina cotidiana de atividades domésticas, que nem sempre faz parte das atividades de uma criança da cidade, essas ideias e conhecimentos produzidos por esses alunos refletem a realidade da qual eles fazem parte e na qual estão inseridos e se constituem como sujeitos dessa realidade. A proposta pedagógica da escola trata exclusivamente de conteúdos que são teóricos, essas peculiaridades práticas a que esses alunos estão acostumados a desenvolver, não são contempladas nas atividades curriculares apresentada pela SEMED, numa perspectiva de educação do campo. Embora existisse o Projeto Escola da Terra, com metodologias práticas voltadas para essa área, a professora, não recebeu nenhuma orientação a esse respeito e nem outro tipo de orientação pedagógica, pelo menos durante a permanência da pesquisadora na comunidade não foi observada nenhuma ação nesse sentido.

Diante de tudo que foi observado durante a trajetória da pesquisa de campo e tudo que foi relatado pelas pessoas que colaboraram como sujeitos deste estudo, através de seus relatos e de suas experiências, contribuíram significativamente, para a realização desta pesquisa. São depoimentos relevantes, que ajudaram a ter um novo olhar dessa realidade amazônica, a

realidade ribeirinha. A riqueza de informações, aliada aos dados coletados *in loco*, propiciaram o fundamento necessário para a compreensão do saber tradicional e cultural como parte integrante do saber sistematizado. Esses saberes foram de fundamental importância para os sujeitos apreendestes (pais, professores, alunos). Esses saberes estruturam o bom viver na comunidade, ajudando no fortalecimento das relações interpessoais e intrapessoais. Essa convivência faz com que os sujeitos que ali se constituem aprendam a viver e conviver com o dinamismo dos fenômenos amazônicos, que se fazem presentes nesse ambiente peculiar. Esses saberes se fazem presentes nos desenhos das crianças e nas falas dos alunos.

A importância da escola nos influencia bastante na convivência com as pessoas, tudo é mais tranquilo, desenvolvemos nossa aprendizagem sempre em contato com a natureza (aluna do 3º ano).

A educação na zona rural nos estimula a cada dia, aprender algo novo, sempre contribuindo para nossos conhecimentos (aluno do 5º ano).

Eu tenho orgulho de ter recebido uma boa educação, e o convívio com todos no lugar é tranquilo e confortável. A comunidade é pequena, mas todos sempre estão envolvidos em qualquer movimento, tanto na escola, quanto na comunidade (ex-aluna).

Figura 37 – O significado da Comunidade e da Escola



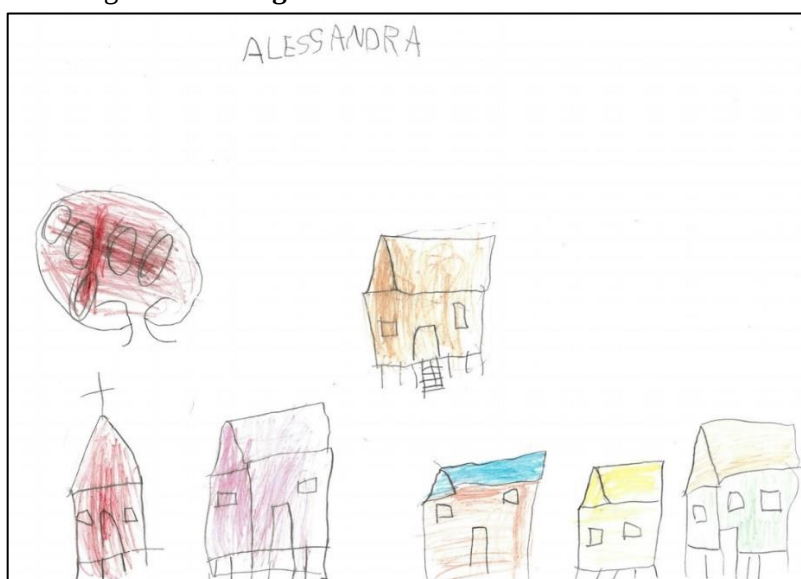
Fonte: desenho das crianças.

Figura 38 – O significado da Comunidade e da Escola



Fonte: desenho das crianças.

Figura 39 – O significado da Comunidade e da Escola



Fonte: desenho das crianças.

Figura 40 – O significado da Comunidade e da Escola



Fonte: desenho das crianças.

Ambas as professoras conheciam a realidade ribeirinha e tinham relações de parentesco com a comunidade; entretanto, pouco aproveitaram esse conhecimento para realizar um trabalho pedagógico mais próximo da vida dessas crianças. Isso mostra que só conhecer a realidade em seu cotidiano não é suficiente para uma ação pedagógica que estabeleça a mediação entre a vida concreta do educando e os conteúdos de ensino. Os cursos de formação de professores não propiciam uma análise crítica e, sobretudo, a mediação com uma prática que poderia ser muito diferente, garantindo uma aprendizagem significativa para essas crianças.

A riqueza vivenciada na comunidade tem sido perdida. A Amazônia, com seu potencial exuberante, tem sido desperdiçada. Como tem sido desperdiçado o potencial dessas crianças, com um repertório vasto de saberes que a escola não considera.

Os problemas são muitos para os alunos e para os professores dessas escolas e, no entanto, a solução para muitos deles está ali, escancarada, exuberantemente à mostra: fazer da escola um lugar em que a vida adentre seu espaço que, paradoxalmente, implicaria sair da sala de aula e fazer da natureza que ali está disponível o lugar de aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pensar uma educação para a Amazônia é necessário levar em conta a riqueza de culturas e saberes (des)conhecidos, que conquistam pessoas de vários lugares do mundo, seja para preservar ou para explorar. Esses saberes precisam ser conhecidos e trabalhados pelos professores em suas práticas.

A trajetória realizada na construção deste estudo está intimamente ligada à educação em Parintins, bem como ao ensino multisseriado, promovido nas escolas ribeirinhas das áreas de várzea, como a da escola que serviu de campo de investigação para esta tese. Assim, esta tese reúne informações sobre saberes, cultura, ensino, experiências e vivências da comunidade ribeirinha Nossa Senhora da Conceição. Esses saberes e todo o processo educativo dimensionam o processo ensino-aprendizagem e os conhecimentos aprendidos, tanto na escola quanto na vivência diária.

O caminho percorrido para a compreensão e o desvelar dos dados obtidos por esta pesquisa foi e ainda está sendo árduo e, às vezes, solitário; todavia, cercado de solidariedade, de novos saberes, novas aprendizagens e riqueza de conhecimentos. Desvendar e compreender os aspectos históricos e sociais que envolvem a comunidade como promotores de uma existência social humana, enfatizando-os como significativos para sua identidade cabocla, os desafios enfrentados por todos os moradores da comunidade foi a mola propulsora para o desenvolvimento deste estudo, que teve como foco principal a comunidade, sua escola, seu cotidiano e os desafios enfrentados por alunos e professoras.

A Amazônia brasileira sempre foi e continua sendo cenário para discussões e preocupações políticas; suas terras e as riquezas naturais oferecidas pela região são motivos de cobiça desde a época em que os espanhóis e portugueses aqui chegaram. Resultante de todo esse processo, surge a figura do caboclo ribeirinho, com seu modo de vida peculiar, tendo na terra, na água e nos rios, elementos essenciais para sua vivência. Habitar esses espaços é um desafio, mas é ao mesmo tempo um aprendizado e uma convivência com diferentes saberes e culturas do viver na Amazônia.

Nesse ambiente, que tem nos lagos e rios as principais vias de acesso para toda e qualquer atividade desenvolvida pelos habitantes, permeado de elementos históricos e culturais, a educação vem se desenvolvendo. Pensar a educação no contexto ribeirinho é tentar estabelecer

uma relação com esta realidade, pois é este contexto diferenciado que se constitui em um lócus de desenvolvimento para o aluno e que muitas vezes nos é desconhecido. Esta é a realidade que foi retratada nesta tese.

O fenômeno da cheia dos rios é um fator que interfere diretamente no desenvolvimento do processo educativo, provocando mudanças na organização pedagógica e curricular, que tem início com a elaboração do calendário escolar, que deve adequar-se às condições climáticas do lugar, passando pela atividade docente do professor e pelo planejamento das atividades curriculares. Todo esse processo de mudança tem como objetivo não só o atendimento das especificidades do local, como também o atendimento dos alunos em suas necessidades educacionais, levando em consideração os conhecimentos e saberes tradicionais, que fazem parte da bagagem cultural dos alunos.

Os pressupostos e os saberes necessários à constituição de uma prática docente são diversos, entretanto, nossa intenção não foi aprofundar todos os saberes da prática docente. Nosso objetivo ao apresentar o tema foi refletir e analisar a relação do professor da realidade ribeirinha com o ambiente educacional e social que, para alguns dos professores que fizeram parte desse panorama educacional, lhes é desconhecido.

Tendo como suporte teórico a Psicologia Sócio-histórica, buscamos uma forma crítica de analisar a realidade investigada, encontrando em autores como Marx e Engels (1986), Vigotski (2001), Aguiar (2009), Witkoski (2007), Freire (2015), os fundamentos necessários para entendermos a realidade como ela se apresenta na sua totalidade concreta, o movimento e transformação dessa realidade, a cultura, as relações sociais e as atividades humanas desenvolvidas no decorrer do processo de transformação, em que a comunidade foi se constituindo e constituindo os sujeitos que dela fazem parte.

Em nossas observações, tivemos a oportunidade de vivenciar algumas experiências de relações interpessoais vividas entre os sujeitos. Comunitários, alunos e professores vão interagindo entre si, possibilitando, assim, oportunidades de construção de conhecimentos, que ajudam na compreensão da realidade e dos saberes empíricos que dimensionam o processo sociocultural e o modo de vida de cada habitante do lugar, ou seja, os saberes da experiência.

As entrevistas realizadas possibilitaram uma melhor compreensão do histórico modo de viver de um povo, como se deu a formação dessa população e a criação da comunidade, que foi originária de um processo de miscigenação, fato que ocorreu na Amazônia há muito tempo atrás, durante o processo de colonização e ocupação. Dessa forma, as informações obtidas

através das falas dos sujeitos ajudaram não só a entender a formação da população, como também nos levaram a compreender a maneira como a educação sistemática se fez e se faz necessária =.

Nessa perspectiva, vimos a luta de uma professora que, na tentativa de buscar, pela primeira vez, uma ocupação dentro de sua área de formação, consegue consolidar o processo de educação na comunidade, passando a ser mais um elemento de constituição na história da comunidade. A pouca experiência da professora não foi impedimento para que a criação da escola se concretizasse; ao contrário, sua força de vontade e o seu entusiasmo serviram como suporte para o diálogo com a Secretaria de Educação, no sentido de possibilitar a criação de uma escola em uma comunidade ribeirinha carente, em que a educação não se fazia presente de maneira formal.

E dessa maneira a escola foi surgindo e o trabalho docente da professora foi se concretizando através das experiências obtidas no cotidiano escolar, com os saberes sendo produzidos na prática cotidiana. Nessa perspectiva, observamos que a professora foi se constituindo como docente, construindo um ensino cheio de significados, baseado nos saberes empíricos dos alunos, tornando-o assim, interessante, atrativo e valorizado por cada sujeito que fez parte desse processo. Importante ressaltar que os conteúdos trabalhados pela professora em questão deram maior sentido ao processo ensino-aprendizagem, produzindo autonomia aos alunos.

Todo o trabalho realizado pela professora, durante o longo período em que conviveu na comunidade, foi tão bem-sucedido, que proporcionou o reconhecimento pelos comunitários e, principalmente, pelos pais dos alunos, pelo excelente trabalho que realizou na escola, quando lá esteve, desempenhando sua função.

O papel desempenhado pela professora, sua entrega para a realização de seu objetivo, que não era apenas conseguir um emprego, mas também levar escolarização para as crianças que se encontravam fora da escola ajudou na concretização de sua tarefa de ensinar e foi fundamental para a constituição de uma identidade educacional que, até então, não se vislumbrava para a comunidade. A realidade desse processo está registrada na fala de todos os moradores que tiveram a oportunidade de estudar com a primeira professora da escola.

A trajetória da investigação deu-se entre um banzeiro e outro, algumas vezes enfrentando a fúria do rio Amazonas, no horário do vento, outras navegando pelas águas calmas e límpidas do lago do Parananema, até chegar ao Paraná do Ramos, mas o resultado foi recompensador,

entre conversas ao pé do ouvido e observações foi possível se chegar à compreensão da realidade física e social existente na comunidade e na escola, bem como entender os fenômenos naturais que dela fazem parte.

A escola da terra e da água, como parte integrante desse ambiente, proporcionou à pesquisadora momentos de aprendizagem e de experiências que ainda não havia experimentado; o percurso realizado todos os dias para a escola, tendo a companhia dos alunos, possibilitou um conhecimento empírico, baseado no saber tradicional, que se faz presente na comunidade. Os ribeirinhos da várzea, por possuírem um contato direto com a água, apresentam um conhecimento mais aprofundado sobre determinados fenômenos que é passado de geração a geração.

Tanto o caminho feito por terra, quanto o caminho feito por água, para a escola sempre foi permeado de saberes empíricos, que as crianças aprendem desde cedo. Escolher o caminho por onde a terra não cai, ou que não esteja tão comprometido pela erosão são exemplos de conhecimentos, com os quais não convivo no dia a dia. O modo como conduzir a canoa no rio, a forma como pegar o remo e manobrar a canoa são algumas dessas experiências que tive a oportunidade de vivenciar nesse convívio e que, tanto para as crianças, quanto para os adultos, são situações naturais às quais estão acostumados, porque faz parte do seu cotidiano.

No decorrer do percurso, tivemos a oportunidade de analisar alguns aspectos do trabalho docente da professora que ministrou aulas no período em que ocorreram as observações em campo, entre os quais destacamos alguns pontos que merecem uma análise mais crítica: constatamos ser um trabalho solitário, pelo fato de a professora não ter com quem compartilhar suas ideias e planejar suas atividades. Por ser uma escola multisseriada, a professora exerce múltiplas funções, acumulando-as em uma só (professora, merendeira, porteira, responsável pelo transporte da merenda até a escola etc.).

Os saberes tradicionais que fazem parte dos conhecimentos ribeirinhos e que estão presentes no cotidiano da comunidade não interagem com o saber sistematizado, a comunidade é permeada de representações, tais como: o tipo de estrutura das casas sobre o assoalho, o templo religioso, o pescar, a erosão fluvial, o rio que permite navegar e ao mesmo tempo é produtor de alimento, as plantações, a religião, os mitos, o caçar, todos esses movimentos fazem parte dos saberes tradicionais, todavia não se estabelece uma relação desses saberes com os saberes sistematizados, embora a proposta curricular apresente alguns conteúdos que podem

estabelecer essa relação, sob uma proposta interdisciplinar. Esse trabalho não foi observado sendo realizado na sala de aula, durante a trajetória desta pesquisa.

A escola não possui Projeto Político-Pedagógico que respalde sua estrutura e funcionamento de ensino, apenas a ata de fundação como documento oficial, e como disse a primeira professora em sua fala, “a escola foi criada na marra”, então faz-se necessário a elaboração desse documento, para que a escola ganhe mais autonomia, política e administrativa, e com esse respaldo, buscar soluções para situações que requerem um olhar administrativo, como as condições precárias da estrutura física da própria escola, o espaço físico que serve como alojamento para os professores que também está com sua estrutura física comprometida, sem condições de funcionamento, entre outras situações que envolvem tanto o aspecto administrativo quanto o pedagógico.

Um outro aspecto observado foi a falta de acompanhamento e orientação pedagógica do trabalho desenvolvido pela professora. Durante o tempo em que estive acompanhando as atividades em sala de aula, não observei nenhum movimento nesse sentido, a professora em certos momentos de sua atividade necessitava dessa orientação; a pesquisadora, durante o tempo em que se fez presente na sala de aula da docente, não presenciou nenhuma orientação nesse aspecto.

O Projeto Escola da Terra, que seria a alternativa para dinamizar e orientar o trabalho docente, pois apresenta metodologias apropriadas para as classes multisseriadas, não chegou a ser viabilizado para atender essa área onde está situada a escola, porque não foi renovada sua adesão pelo município. Então, esses são alguns dos aspectos que foram observados e que trazem para este estudo a necessidade de reflexão e análise para a busca de possíveis alternativas.

Mesmo com toda a precariedade de condições, que vão desde o momento em que a escola foi implantada, sem um local apropriado para efetivar o trabalho docente, a primeira professora iniciou seu trabalho dando aulas nas casas dos alunos, depois no barracão da igreja e, por último, no prédio que foi construído para funcionar a escola até o momento atual. Também a professora que atuou na escola quando esta pesquisa aconteceu, passou pelas mesmas dificuldades, mas realizou a prescrição para suas atividades. Isso pode levar à afirmação de que ambas desempenharam suas funções, demonstrando um grande apreço por suas atividades.

As experiências vividas pelas duas professoras no decorrer de suas trajetórias profissionais na comunidade, mesmo com todos os desafios e entraves que permearam a atuação das mesmas, foram experiências exitosas, a 1ª professora por sua dedicação e luta para levar a

educação aos que dela necessitavam, conseguindo transpor as barreiras e realizar um trabalho por 10 anos, que transformou a vida social e educacional daqueles que tiveram a oportunidade de receber seus ensinamentos.

A outra professora, apesar das dificuldades, conseguiu vencer os obstáculos impostos não só por sua vida pessoal, como também pelas condições materiais que a escola tinha a oferecer. A falta de material didático, as condições físicas da escola, que sofre todos os anos o efeito do fenômeno da cheia, e que por isso sua estrutura está comprometida e outros desafios que os professores enfrentam como adaptação, condições de alojamento etc., todos esses fatores tornam-se fatores de impedimento para a realização de um excelente trabalho, todavia, a atual professora foi a única que durante todo esse tempo em que a pesquisadora se fez presente na comunidade, conseguiu iniciar e terminar o ano letivo, mesmo com todos os entraves ao seu trabalho.

O problema da falta de condições de alojamento foi detectado como um dos maiores causadores da grande rotatividade de professores existente na escola, seguido pela adaptação ao lugar. Nem sempre as condições oferecidas para um trabalho são adequadas para um professor que chega para ministrar aula, precisa morar na comunidade, viver e conviver com os costumes e tradições do ambiente.

Devem ser oferecidas a ele condições de moradia com o mínimo de comodidade e isso no momento não é possível, por falta de administração do patrimônio público. A professora, por ter parentes na comunidade, não teve que enfrentar esse problema, porque se estabeleceu na casa de seu tio, mas quem não tem parentes fica dependendo de um espaço para viver que, embora esse espaço exista, não oferece condições de ser habitado. Assim, durante as entrevistas, fui informada que já houve períodos em que o ano letivo inicia e não conseguem professor para a comunidade e, em outros momentos, passam três, quatro professores pela escola, durante o período letivo, por não conseguirem adaptar-se.

Esta tese pode oferecer contribuições ao que vem sendo investigado no que se refere à questão da formação dos professores. Uma dessas contribuições seria o envolvimento da Universidade na questão de estratégias metodológicas, que auxiliem o professor nas suas atividades. Ensinamos na teoria como o professor deve atuar na profissão, todavia, esquecemos das atividades práticas de ensino, que envolvam os ambientes ribeirinhos de várzea, como trabalhar com classes multisseriadas e dessa forma o professor realmente não vivencia essa experiência.

No decorrer da pesquisa coletei várias informações que deram subsídios para a busca de sugestões alternativas, que visem amenizar a problemática enfrentada pelos professores em seu campo de atuação. Diferentes apoios são necessários para que se viabilizem situações que possam intervir nas dificuldades vivenciadas pelos sujeitos envolvidos nesse processo. Uma das contribuições seria o envolvimento da Universidade, no sentido de promover pesquisa-ação, para o desenvolvimento de estratégias metodológicas para os professores.

Esse problema não vai se esgotar neste estudo. Concluo esta pesquisa, reconhecendo que ainda há um conjunto de desafios a enfrentar, principalmente nos campos administrativo e pedagógico da escola. Observando os limites impostos nesta pesquisa, percebe-se a necessidade de encontrar caminhos e possibilidades para uma articulação de atividades alternativas, que visem à melhoria das condições oferecidas para a execução do trabalho do professor em um ambiente ribeirinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. M. J.. A pesquisa em psicologia sóciohistórica: contribuições para o debate metodológico. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Pesquisa junto a professores: fundamentos teóricos e metodológicos. In: ____ (Org.) **Sentidos e Significados do Professor na Perspectiva Sócio-Histórica**: relatos de pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ALMEIDA, L. R. **Wallon e a Educação**. In: *Henri Wallon: Psicologia e Educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ALMEIDA, S.F.C. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensina-aprender**. In: *Temas de Psicologia*. Ribeirão Preto, 1993.

ANDRÉ, M.E.D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

ANDRÉ, M. E. D. A. (Org.) **Formação de professores no Brasil (1990-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

ANDRÉ, M. E. D. A. **A produção acadêmica sobre formação docente: um estudo comparativo das dissertações e teses dos anos 1990 e 2000**. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*. Autêntica, v. 1, n.1, p. 41-56, ago./dez. 2009.

ANDRÉ, M.E.D.A. **Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

ANDRÉ, M.E.D.A. **Formação de professores: a constituição de um campo de estudos**. *Educação*. Porto Alegre, v.33, n.3, 174-181, set./dez., 2010.

ANTUNES, M.A.M. e colaboradores. A Pesquisa Escolar na Implementação do Projeto Político Pedagógico da Rede Municipal de Guarulhos: construindo um trabalho coletivo. In: MEIRA, Marisa E. M. e ANTUNES, Mitsuko A. M. (Orgs.). **Psicologia Escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

_____. **Psicologia e Educação no Brasil: um olhar histórico-crítico**. In: MEIRA, Marisa A. M. (Orgs.). *Psicologia Escolar: teorias críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

ARROYO, M.G. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, MG.; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C.; (Org). *Por uma educação do campo*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. P. 65-86

ASSAYAG, S.. **BOI-BUMBÁ: festas, andanças, luz e pajelança**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1995.

BARATA, P.A. **Este rio é minha rua**. Belém: Polydor, 1976. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br>>. Acesso em: 25 de ago. 2015.

BATISTA, D. **O Complexo da Amazônia**: Análise do processo de desenvolvimento. Manaus: Editora Valer, 2007.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Referenciais Curriculares para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília DF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília DF, 2006.

_____. **Decreto Lei nº 288 de 28 de fevereiro de 1967**. Criou a Zona Franca de Manaus.

BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O.(org.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S.. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, C. R.(Org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CANÁRIO, R. A escola: o lugar onde os professores aprendem. In: **Revista Psicologia da Educação**, Programa de Pós-Graduados em Psicologia da Educação. PUCSP, n.6. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. **Formação e desenvolvimento profissional dos professores**. In: Conferência Desenvolvimento Profissional de Professores para a Qualidade e para a Equidade da Aprendizagem ao longo da Vida. Lisboa, 2007.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes das populações tradicionais. Belém: NAEA, 1998. 16.p.(Paper do NAEA, Nº 092).

CAVALCANTE, L.I.P.; WEIGEL, V.A.C. **Educação na Amazônia: oportunidades e desafios**. Disponível em: www.desenvolvimento.gov.br. Acesso em 17 ago.2015.

CHARLOT, B. **A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas**. Revista Brasileira de Educação, v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

Cruz, V. C. O rio como espaço de referência identiária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JÚNIOR, S.C.; TAVARES, M.G.C. (Orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências**. Belém: EDUFPA, 2008. P.49-69.

DAMASCENO, E. A. **O trabalho docente no movimento de reformas educacionais no Estado do Acre**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2010.

DAVIS, C. L. F.et. al. **Formação continuada de professores: uma análise das modalidades e das práticas em estados e municípios brasileiros**. São Paulo: FCC/DPE, 2012.

DAY, C. **Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente**. Porto: Porto Editora, 2001.

DUTRA, R. N. de J. **A Revelação Histórica do Folclore de Parintins**. Parintins (AM). Secretaria Municipal de Cultura Meio Ambiente e Turismo. 2005.

FELDMANN, M. G. **Formação de Professores e Escola na Contemporaneidade** (organizadora). São Paulo: Editora SENAC, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **A educação na cidade**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008..

_____. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, L.C.D. **Apresentação. Educação e Sociedade**. Campinas: CEDES/Unicamp [online], v.33, n.119, p. 345-351, 2012.

FREITAS, Marcílio de. **Amazônia: a natureza dos problemas e os problemas da natureza**. Manaus: EDUA, 2005.

FREITAS, M.N.C. **O professor iniciante e suas estratégias de socialização profissional, 2000**. Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2000.

GABARDO, C.V.L. **O início da docência no Ensino Fundamental da rede municipal de Joinville/SC**. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, 2012.

GADOTTI, M. **Educação para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008.

GARCIA, C. M. **O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência**. In: *Formação Docente*. Belo Horizonte, v.03, n. 03, p. 11-49, ago./dez. 2010.

GATTI, B.A. **Formação do professor pesquisador ara o ensino superior: desafios**. In: Congresso Paulista de Formação de Professores, 2003. Águas de Lindóia. *Anais...Águas de Lindóia*, 2003.

_____. **Análise das políticas públicas para a formação continuada no Brasil na última década**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPED/Autores Associados, v.13, n. 37, p. 57-70, jan./abr., 2008.

GATTI, B.A. **Formação de Professores: condições e problemas atuais**. *Revista Brasileira de Formação de Professores*. Goiânia, v.01, n. 01, p. 90-102, Maio, 2009.

_____. **Formação de professores no Brasil: características e problemas**. Educação e Sociedade. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

_____. **O início da carreira docente no Brasil: formas de entrada, primeiras experiências profissionais e políticas educacionais.** III Congreso Internacional sobre Profesorado Principiante e Inserción Profesional a la Docência. Chile, 2012.

GATTI, B.A.; BARRETTO, E.S.S. **Professores do Brasil: impasses e desafios.** Brasília: Unesco, 2009.

GATTI, B.A. .; ANDRÉ, M.E.D.A. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil.** In: WELLER, V.; PFAFF, N. Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. S.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte.** Brasília: UNESCO, 2011.

GATTI, B.A. NUNES; M.M.R. (org.) **Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em Pedagogia, Língua Português, Matemática e Ciências Biológicas.** Coleção Textos FCC, n.29, 2009.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LCT, 1989;

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias.** São Paulo: Contexto, 2008.

GONZALEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade uma aproximação histórico-cultural.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

_____. **O Social na Psicologia e a Psicologia Social: a emergência do sujeito.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GOUVEIA, B. B. **Formação dos coordenadores pedagógicos em Boa Vista do Tupim/BA: uma experiência colaborativa, o fio por trás das missangas.** Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

GUZMÁN, D.A. Índios misturados, caboclos e curibocas: análise histórica de um processo de mestiçagem. Rio Negro (Brasil), século XVIII e XIX. In ADAMS, C.; MURRIETA, R.; NEVES, W. (Orgs). **Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade.** São Paulo: Annablume, 1º reimpressão, 2008, p.97-80

HAGE, S.M. Por uma educação do campo na Amazônia: currículo e diversidade cultural em debate. In: CORREA, P. S. A. (Org.). **A educação, o currículo e a formação de professores.** Belém: EDUFPA, 2006. P. 149-191.

IMBERNÓN, F. **La formación y el desarrollo profesional del profesorado:** hacia una nueva cultura profesional. Barcelona: Graó, 1998.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2000.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

INEP. **A política de alfabetização como estratégia para a elevação do desempenho escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.** Prêmio Inovação na Gestão Educacional 2006. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE – cidade de Parintins – Amazonas.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LARAIA, R.de . **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1986.

LARÊDO, S. **Raymundo Moraes na Planície do Esquecimento**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. A Construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LOUREIRO, J.de J. P. **Cultura Amazônica : uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

LUKACS. G. **Ontologia do Ser Social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979

MARCELO GARCIA, C.. **Formação de professores. Para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

MARCELO GARCIA, C. **Empezar con buen pie: inserción a la enseñanza para Profesores principiantes**. In: *Revista Docencia*, n.º 33, p.27-38, 2007.

_____. **Desenvolvimento Profissional: passado e futuro**. Sísifo – *Revista das Ciências da Educação*, n. 08, p. 7-22, jan./abr. 2009.

MARX, K.. **Manuscritos Econômico-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (coleção os pensadores).

MARX, K. **Para a Crítica Econômica**. In: *Manuscritos Econômico-Filosóficos e Outros Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (coleção os pensadores).

MARX, K. ; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 11ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Valor, trabalho e mais valia. O confronto entre trabalho e capital. In: Paulo Neto, J. (Org.). **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MIZUKAMI, M.da G.N.; REALI, A.M. de M. (orgs.). **Aprendizagem Profissional da Docência: Saberes, Contextos e Práticas**. São Carlos, SP:EdUFSCar, 2002, p. 119 – 137.

MOTA NETO, J.C; OLIVEIRA, I.A. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In: OLIVEIRA, I.A. (Org.). **Cartografias ribeirinhas, saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizandosamazônidas**. Belém: C.C.S.E – UEPA, 2004.

MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do Campo e pesquisa II: questões para reflexão**. Brasília: MDA/MEC, 2010.

MUNARIM, A. **Educação do Campo no cenário das políticas públicas na primeira década do século XXI**. Em aberto, Brasília, v.24, n.85, p.51-63. Abr.2011.

NOGUEIRA, W. **Festas Amazônicas – Boi – bumbá, Ciranda e Sairé**. Manaus: Valer, 2008.

NONO, M. A. **Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M.G.N. **Processos de formação de professoras iniciantes**. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília.v.87, n.217, p. 382-400.set./dez. 2006.

NÓVOA, A. **A formação de professores e profissão docente**. In: NÓVOA, A. (org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997.

NÓVOA, A. **Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa,2009.

OLIVEIRA, J.E. **A Escola de Formação Permanente do Magistério de Sobral: do Aqueronte ao Acaraú, tramas de rios e memórias**. In: CAVALCANTE, M.J.M. et al. (orgs.). *Escolas e culturas: políticas, tempo e territórios de ações educacionais*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

OLIVEIRA NETO,A. **Território e Educação: uma análise a partir da educação do campo em comunidades ribeirinhas**. In: Silva, C. N.; et. Al (Orgs.). **Sociedade, espaço, e políticas territoriais na Amazônia paraense**. 1.ed.Belém: GAPTA/UFPA, 2013.

PLACCO, V.M.N.S. **O coordenador pedagógico no confronto com o cotidiano da escola**. In: PLACCO, V.M.N.S.; ALMEIDA, L. R.(orgs.). *O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 47-60.

PLACCO, V.M.N.S.;ALMEIDA, L.R.**O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loyola, 2003.

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?** São Paulo: Cortez, 2011.

PINO, A. **A Psicologia Concreta de Vigotski: implicações para a educação**. In: PLACCO Vera Maria S. N. (Org.). **Psicologia &Educação: revendo contribuições**. São Paulo: EDUC, 2005^a.

_____. **As Marcas do Humano**. Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: EDUC, 2005b

REGO, T. C. **Memórias de Escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

RESENDE, T. F. **“Coragem para a luta”: desafios e potencialidades da relação escola-famílias**. Cadernos CENPEC. São Paulo, 2009. P. 75-83.

ROLDÃO, M. C. **Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional**. Revista Brasileira de Educação, v.12, n. 34, jan./abr., 2007a, p. 94-181.

SANCHEZ, S.G. e KAHHALE, E.M. P. História da Psicologia: exigência de uma leitura crítica. In: BOCK, Ana Mercês B. (Org.). **A Perspectiva Sócio-Histórica na Formação em Psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SAVIANI, D.. Escola e Democracia. 26. Ed, Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1992.

_____. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas SP: Autores Associados, 1997.

SILVA, A.P.S. da; PASUCH, J. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo**. SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO: PERSPECTIVAS ATUAIS, 1, 2010, Belo Horizonte. Anais..., Belo Horizonte, 2010.

SILVA, A.P.S. da; PASUCH, J.; SILVA, J.B. **Educação Infantil do Campo**. São Paulo: Cortez,. 2012. (Coleção Docência em Formação: Educação Infantil/ Coordenação Selma Garrido Pimenta)

SILVA, C. da. **Cantiga de Parintins**. In: Silva, Chico da. Álbum Deus Menino. São Paulo : PolyGram, 1980. (LP)

SOARES FILHO, B.S. *et.al.* **Cenário de Desmatamento para a Amazônia**. Estudos Avançados.v. 19,n.54, p.137-152, 2005

SOUZA, J. C. R. de. **A Geografia nas Escolas das Comunidades Ribeirinhas de Parintins: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Universidade de São Paulo. São Paulo 2013

TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para frente, três para trás IN **Educação & Sociedade**. Campinas, v.34,n. 123, p.551-571, abr-jun,2013.

VAZQUEZ, A. S. **Filosofia da Praxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **A Constituição do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A Formação Social da Mente.:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Obras Escogidas I**. Madrid: Visor, 1997.

_____. **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor, 2000.

VIGOTSKI, Lev. S. **A Transformação Socialista do homem**. 1930.Disponível na World Wide Web: <http://www.pstu.org.br>. Tradução de Roberto Della Santa Barros e revisão de Marcelo Dalla Vecchia. Acesso em 29/dez.2015

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, Florestas e Águas de Trabalho**: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. São Paulo: Annablume, 2010.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro para observações na Comunidade Ribeirinha

1. AMBIENTE

1.1- Espaço físico

1.2- Moradias

1.3- Natureza

1.4- Rio como via de transporte e alimentação

1.5- Relação homem/natureza

2 – Meio econômico

O perfil socioeconômico dos comunitários

O modo de vida das pessoas

3 – Meio social e cultural

Tipo de linguagem

Relações sociais

Lazer

Religião

Alimentação

Costumes

Festas

Tradições

Apêndice B – Roteiro para observações na Escola

Ambiente escolar

- 1.1- Localização da escola
- 1.2- Conservação e condições
- 1.3- Espaço de lazer, biblioteca, banheiros
- 1.4- Recursos Didáticos
- 1.5- Características Gerais da escola

2 – Meio econômico, social e cultural

2.1 – O perfil socioeconômico e cultural dos alunos

2.2 – Principais problemas enfrentados pela escola

3 – Meio semântico

3.1 – Tipos de linguagem utilizada pelos alunos em salas

3 – Relação escola X comunidade

3.1 – Relação família escola

3.2 – Ações desenvolvidas para interação família X escola

Apêndice C – Roteiro para observações da prática pedagógica

1. Ambiente de Aprendizagem
 - 1.1 Número de alunos
 - 1.2 Faixa etária
 - 1.3 Condições da sala de aula
 - 1.4 Incentivo à aprendizagem
 - 1.5 Metodologia de ensino
 - 1.6 Atividades de ensino
 - 1.7 Recursos didáticos utilizados
2. Relação professor aluno

O tipo de relação estabelecida entre professor alunos

Apêndice D – Roteiro para entrevista com professores

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Formação acadêmica

Tempo de serviço

Jornada de trabalho

1. Como foi sua trajetória pessoal e profissional?
2. O que representa a escola para você?
3. Qual a sua relação com a escola e a comunidade?
4. Qual foi seu primeiro impacto ao chegar na comunidade?
5. Qual a sensação de estar pela primeira vez em uma sala de aula?
6. Como é trabalhar com uma classe multisseriada?
7. Como é sua relação com os alunos?
8. Existe evasão numa classe multisseriada?
9. Os pais participam das atividades na escola com frequência?
10. Como você definiria a escola hoje?

ANEXOS

Anexo A – Calendário Escolar

PREFEITURA DE PARINTINS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, JUVENTUDE ESPORTE E

CALENDÁRIO ESCOLAR - 2015 - 2016

ESCOLAS DO CAMPO - ÁREA DE VÁRZEA

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Dias Letivos:

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30			

Dias Letivos: 23

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Dias Letivos: 24

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

Dias Letivos: 23

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Dias letivos: 19

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
				1	2	
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						

Dias Letivos: 24

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29					

Dias Letivos: 23

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
		1	2	3	4	5
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Dias Letivos: 25

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
					1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

Dias Letivos: 25

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

Dias Letivos: 14

LEGENDA

- Início do Ano Escolar
- Início do Ano Letivo
- Recesso
- Recuperação Final
- Feriados
- ◇ Conselho de Classe
- Término do Ano Letivo
- △ Término do Ano Escolar
- Sábado Letivo

BIMESTRES

- 1º BIMESTRE: 2/9 à 5/11
- 2º BIMESTRE: 6/11 à 15/1
- 3º BIMESTRE: 16/01 à 16/3
- 4º BIMESTRE: 17/3 à 18/5